O MISTÉRIO ATRAVÉS DO ESPELHO

JOSTEIN GAARDER

DO AUTOR DE *O MUNDO DE SOFIA*

SEGUINTE

JOSTEIN GAARDER

ATRAVÉS DO ESPELHO

Tradução:

ISA MARA LANDO



SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Pois agora enxergamos num espelho, num enigma;
Um dia, porém, veremos face a face.

Primeira Epístola
aos Coríntios, 13,12

Sumário

Através do espelho
Sobre o autor

A alegria é uma borboleta
Voando sobre a face da terra,
Mas a tristeza é um pássaro
De grandes asas negras
Que nos erguem muito acima da vida.
Lá embaixo, à luz do sol, a vida flui, tudo cresce.
O pássaro da tristeza, porém, voa bem alto,
Lá onde velam os anjos da dor
Sobre o covil da morte.

Edith Södergran (1892-1923),
16 anos. Do seu diário

A porta do quarto estava aberta. Cecília sentiu os aromas de Natal que vinham flutuando lá de baixo. Procurou distinguir um do outro.

Logo sentiu o cheiro agridoce de repolho temperado. O outro aroma devia ser o do incenso que papai colocava na lareira antes de ir para a igreja. E será que estava sentindo também o cheiro fresco da árvore de Natal?

Cecília aspirou bem fundo e achou que reconhecia até o cheiro dos presentes embaixo da árvore, o aroma dos papéis de embrulho vermelhos e dourados, com suas etiquetas e suas fitas de seda. Mas havia ainda um outro cheiro — um vago aroma de algo encantado e mágico. Era o próprio espírito do Natal.

Enquanto aspirava e sentia todos esses cheiros, brincava com as portinhas do calendário de Natal pendurado em cima da cama. Todas as vinte e quatro portinhas estavam abertas. Hoje ela abrira a maior de todas. Olhou outra vez para o anjo debruçado sobre o bercinho do Menino Jesus. Mais ao fundo estavam Maria e José, mas parecia que não estavam percebendo a presença do anjo.

Será possível que o anjo estava ali no estábulo e Maria e José não conseguiam vê-lo?

Olhou ao redor do quarto. Cecília já havia fitado tantas vezes o lustre vermelho no teto, as cortinas brancas estampadas de miosótis, a estante com seus livros, bonecas, cristais e pedras preciosas, que aquilo tudo já

se tornara como uma parte de si mesma. Na escrivaninha em frente à janela estava o guia de viagem de Creta, ao lado da velha *Bíblia das crianças* e dos *Contos dos deuses nórdicos* de Snorre. Na parede que dava para o quarto de seus pais estava o calendário grego, com aqueles gatinhos tão bonitinhos. No mesmo gancho ela havia pendurado o colar de pérolas, uma relíquia que sua avó lhe dera de presente.

Quantas vezes já tinha contado as vinte e sete argolas na cortina? Por que será que de um lado havia treze e do outro catorze? E quantas vezes já tentara contar os exemplares de *Ciência Ilustrada* numa grande pilha embaixo da escrivaninha? E sempre era obrigada a desistir. Também já desistira de contar os miosótis na cortina — sempre havia mais uma florzinha escondida entre as dobras.

Debaixo da cama estava seu diário chinês. Cecília apalpou o chão à sua procura... Sim, lá estava ele, e também a caneta.

O diário chinês era um caderno pequeno, com uma capa de tecido bordada, que Cecília ganhara do médico no hospital. Quando ela o segurava contra a luz, os finos fios de seda brilhavam e rebrilhavam, verdes, vermelhos e negros.

Não tinha forças para escrever muito no diário, nem tinha muito assunto para escrever; mesmo assim decidira tomar nota de todos os pensamentos que lhe vinham à cabeça enquanto ficava ali deitada, de cama. E prometera a si mesma jamais riscar nada que escrevesse; cada palavra, cada uma, haveria de ficar ali até o dia do Juízo Final. Quando crescesse, acharia estranho ler esse diário. Ocupando toda a primeira página, escrevera em letras grandes: ANOTAÇÕES PESSOAIS DE CECÍLIA SKOTBU.

Desabou outra vez no seu grande travesseiro e tentou escutar o que se passava lá embaixo. De vez em quando a mãe pegava algum utensílio de cozinha; tirando isso, a casa estava em total silêncio...

O resto da família devia voltar da igreja a qualquer momento. Logo antes — ou logo depois — os sinos iriam tocar, dando início ao Natal. Ali na casa dos Skotbu mal dava para ouvir os sinos de Natal ao longe; a família costumava ficar na soleira da porta para escutar melhor.

Mas nesse Natal Cecília não podia ficar na porta ouvindo os sinos de Natal. Estava doente, e não um pouquinho só doente, como em outubro e novembro. Nesse momento Cecília estava tão doente que o Natal era como um punhado de areia que lhe escorria entre os dedos, enquanto ela cochilava ou ficava acordada. Pelo menos não precisava ficar no hospital. Lá eles já haviam começado a decoração de Natal no início de dezembro.

Ainda bem que já experimentara outros natais. Cecília pensou que a única coisa no mundo que nunca mudava era o Natal na casa dos Skotbu. Durante alguns dias as pessoas faziam exatamente as mesmas coisas que já tinham feito ano após ano, sem precisar pensar no motivo. "É a tradição", diziam. E isso bastava.

Nos últimos dias tentara acompanhar o que se passava lá embaixo. Os ruídos da cozinha e da arrumação da casa subiam até o quarto como bolhas, pequenas bolhas. Às vezes Cecília imaginava que o andar de baixo era a terra e que ela estava no céu.

Ontem à noite tinham trazido a árvore de Natal. Depois que Lars, seu irmãozinho, foi dormir, o pai ficara pendurando os enfeites na árvore. Mas Cecília ainda não tinha visto. Imagine, não tinha visto a árvore de Natal este ano!

Ainda bem que tinha um irmãozinho tagarela, que gostava de falar sobre tudo o que os outros apenas viam ou pensavam. Era ele quem lhe contava tudo sobre os preparativos e os enfeites de Natal — seu verdadeiro repórter secreto no mundo lá de baixo.

Cecília tinha um sininho em sua mesa de cabeceira, que tocava quando queria ir ao banheiro ou precisava de alguma coisa. Em geral era Lars quem atendia primeiro. Às vezes ela tocava o sininho só para que ele viesse lhe contar o que estavam assando no forno, ou que enfeites estavam pendurando.

O pai prometera levar Cecília para a sala na hora de abrir os presentes. Ela pedira um novo par de esquis. Os seus estavam pequenos: postos em pé, mal lhe chegavam até o queixo. A mãe tinha sugerido que esperasse até ficar boa para depois ganhar esquis e coisas

do gênero, mas Cecília protestou. Queria um par de esquis de presente de Natal, e assunto encerrado!

"Talvez você não possa esquiar neste inverno, Cecília."

Ao ouvir isso ela jogara no chão um vaso cheio de flores.

"Claro que não posso esquiar! Pois se não tenho esquis!"

A mãe nem piscou; apenas trouxe uma vassoura e uma pá. Isso quase era o pior de tudo. Enquanto varria as flores e os cacos de vidro, a mãe disse: "Achei que você ia preferir ganhar alguma coisa interessante para brincar na cama".

"Brincar na cama!" De novo ela sentira um peso na testa, e jogara no chão um prato e um copo de suco. Dessa vez a mãe também não ficou zangada. Apenas varria e limpava, limpava e varria.

Por segurança, Cecília acrescentou que também queria um par de patins e um tobogã...

Lá fora o frio já durava desde o início de dezembro. Uma vez ou outra, Cecília conseguia se arrastar para fora da cama e chegar até a janela. A neve parecia um macio acolchoado branco estendido sobre a paisagem gelada. Lá no jardim, o pai pusera luzinhas de Natal no pinheiro grande. Isso fora feito especialmente para ela, pois eles sempre punham as lâmpadas no pinheirinho ao lado da porta da frente. Por entre os ramos do pinheiro grande dos fundos, ela vislumbrava à distância a colina dos Corvos.

Os contornos da paisagem nunca foram tão nítidos como nesses últimos dias antes do Natal. Certa vez vira o carteiro chegando de bicicleta, apesar dos dez graus negativos e dos diversos montinhos de neve que enchiam a estrada. No início Cecília sorriu, bateu na vidraça da janela e acenou para ele. Ele olhou para cima e também lhe acenou com as duas mãos: foi o que bastou para a bicicleta virar e ele cair na neve. Assim que ele desapareceu atrás do celeiro, ela voltou de mansinho para a cama e chorou. Parecia que todo o sentido da vida era um carteiro chegando de bicicleta no meio da neve.

Houve outra ocasião em que as lágrimas lhe vieram aos olhos quando olhava pela janela. Queria tanto correr lá fora, naquele clima mágico do inverno. Em frente à porta do celeiro, dois passarinhos

davam pulinhos para a frente e para trás, numa dança complicada. Cecília começou a rir. Bem que gostaria de ser um passarinho. Sentiu as lágrimas lhe subindo aos olhos. Por fim apanhou uma lágrima com o dedo e desenhou um anjo na vidraça. Quando percebeu que desenhara um anjo com sua própria lágrima, não pôde deixar de rir. Qual era a diferença entre lágrimas de anjo e um anjo de lágrimas?

Daí com certeza cochilou um pouco, pois acordou de repente com o som da porta da frente se abrindo.

Lá vinham eles chegando da igreja! Cecília os ouviu sacudindo as botas com força para tirar a neve. Será que estava ouvindo também os sinos badalando?

"Feliz Natal, mamãe!"

"Feliz Natal, filhinho!"

"Feliz Natal para você também, Tônia."

O avô pigarreou: "Estou sentindo o cheirinho da ceia de Natal!".

"Lars, vá pendurar o casaco do vovô."

Cecília imaginou que estava vendo todos eles: a avó sorrindo e abraçando os outros, mamãe tirando o avental vermelho e abraçando o vovô, papai alisando o cabelo de Lars, vovô acendendo o charuto...

Se havia algo em que Cecília ficara perita nos últimos tempos, era enxergar com os ouvidos.

A excitação no andar térreo foi interrompida por uns cochichos abafados. Dali a um momento papai vinha subindo a escada, em grandes passos rápidos.

"Feliz Natal, Cecília!"

Passou os dois braços em torno dela e deu-lhe um abraço suave. Daí foi até a janela e a abriu bem aberta.

"Está ouvindo?"

Ela se ergueu um pouco no travesseiro.

"Sim! Devem ser cinco horas."

O pai fechou a janela e sentou-se na beira da cama.

"Então, vou ou não vou ganhar meus esquis?"

Cecília perguntou como se tivesse esperança de que ele dissesse não. Daí ela teria mais uma oportunidade para ficar brava — o que era bem

melhor do que ficar com pena de si mesma.

Mas o pai levou um dedo aos lábios.

"Nada de favores especiais, Cecília. Você vai ter de esperar para ver seus presentes, como todo o mundo."

"Bom, já que é assim... tudo bem."

"Tem certeza que não quer ficar lá embaixo no sofá enquanto nós jantamos?"

Ela fez que não. Esse assunto já surgira na conversa várias vezes nos últimos dias. Era melhor estar bem descansada na hora dos presentes. E ela não seria capaz de encarar nenhuma daquelas comidas de Natal; só serviriam para lhe dar enjoo.

"Mas, pai, deixe todas as portas abertas!"

"Claro!"

"E mande todo o mundo falar bem alto e fazer muito barulho na mesa!"

"Isso se arranja."

"E quando vocês acabarem de ler o Evangelho de Natal, a vovó tem que vir aqui em cima ler para mim."

"Sim, isso nós já combinamos."

Ela afundou de novo no travesseiro.

"Pai, quer me dar o walkman?"

Ele foi até a estante e lhe trouxe o aparelho e algumas fitas.

"Obrigada, pai. Deixe comigo que eu cuido do resto."

O pai lhe deu um beijo na testa e cochichou: "Eu preferiria ficar aqui com você. Mas há os outros todos... sabe como é. Em compensação, vou te fazer companhia durante todo o resto do Natal".

"Já falei que vocês devem passar o Natal como de costume."

"Certo, como de costume."

O pai saiu na ponta dos pés.

Cecília colocou uma fita de canções natalinas no walkman. Logo seus ouvidos absorviam, deliciados, a encantadora atmosfera do Natal. Daí tirou os fones e — sim, agora eles estavam sentados à mesa.

A mãe lia o Evangelho de Natal. Quando terminou, todos cantaram "Venite adoremus".

Daí a avó já vinha subindo a escada. Era bem como Cecília tinha planejado.

"Aqui estou, Cecília!"

"Psss! Só leia para mim..."

A avó sentou-se numa cadeira ao lado da cama e leu: "E aconteceu naqueles dias que foi divulgado um decreto do imperador César Augusto, obrigando o mundo inteiro a pagar impostos...".

Quando a avó levantou os olhos da Bíblia, viu que Cecília tinha lágrimas nos olhos.

"Você está chorando?"

Ela fez que sim.

"Mas isso não é triste..."

Cecília fez outro sim, e completou:

"E que este seja um sinal para vós: encontrareis uma criança numa manjedoura, enrolada em panos...".

"Você não acha *lindo*?"

Cecília fez que sim outra vez.

"A gente chora quando alguma coisa é triste", disse a avó depois de um tempo. "E às vezes a gente também derrama uma lágrima quando alguma coisa é bonita."

"E quando uma coisa é feia, a gente não ri?"

A avó pensou um pouco.

"Nós rimos dos palhaços porque são engraçados. Ou, talvez, porque eles também são feios. Olhe só!"

Franziu o rosto numa careta horrorosa, fazendo Cecília cair na risada.

A avó continuou: "Talvez uma coisa bonita às vezes nos deixe tristes porque sabemos que não vai durar para sempre. E rimos do que é feio porque sabemos que é só uma brincadeira".

Cecília olhou bem para ela. Sua avó era a pessoa mais inteligente do mundo.

"Agora você tem que voltar lá para baixo, não é, vovó? Ficar com os outros palhaços..."

A avó lhe ajeitou o travesseiro e acariciou seu rosto.

“Não vejo a hora de você descer também. Agora nós vamos só comer...”

Quando ela desceu, Cecília apalpou debaixo da cama e pegou sua caneta e o caderninho chinês. No início havia escrito:

Não estou mais numa praia estranha do mar Egeu. Mas as ondas continuam batendo na praia, fazendo as pedrinhas rolarem para a frente e para trás, para a frente e para trás, sempre mudando de lugar, por toda a eternidade.

Releu rapidamente tudo o que já tinha escrito. Escreveu então:

Nós choramos quando alguma coisa é triste. E às vezes também derramamos uma lágrima quando alguma coisa é muito bela. Quando algo é engraçado ou feio, nós rimos. Talvez algo muito bonito também nos deixe tristes porque sabemos que não vai durar para sempre. E rimos do que é feio porque compreendemos que é só uma brincadeira.

Os palhaços são engraçados porque são feios, horríveis. Mas quando eles vão para a frente do espelho e tiram a máscara de palhaço, são muito bonitos. É por isso que os palhaços ficam tão tristes e infelizes sempre que entram no seu vagão na caravana do circo e batem a porta atrás de si.

Voltou a cochilar e só acordou quando o pai entrou no quarto para buscá-la.

“Hora dos presentes!”, anunciou ele.

Passou os braços debaixo de Cecília e levantou-a bem alto, junto com o acolchoado vermelho. O travesseiro não foi incluído, assim seu cabelo loiro ficou todo solto, quase encostando no chão. O cabelo tinha voltado a crescer, e já estava bem longo.

O avô e o pequeno Lars estavam ao pé da escada.

“Você parece um anjo”, disse o avô, “ e esse acolchoado parece uma nuvem de rosas.”

“O anjo do Senhor desceu!”, cantou Lars.

No meio da escada, ela protestou: “Que bobagem! Os anjos ficam *em cima* das nuvens, não embaixo!”.

O avô riu, e em resposta soprou uma espessa nuvem de charuto pela sala.

O pai então deixou Cecília no sofá vermelho, em cima de uma porção de almofadas que tinham sido colocadas ali para que ela pudesse ver a árvore de Natal. Cecília examinou a árvore com toda a atenção.

"Não é a mesma estrela do ano passado."

A mãe respondeu depressa, parecendo aborrecida porque não estava tudo igualzinho ao ano passado: "Sabe o que é, não conseguimos encontrar a estrela. Papai precisou comprar uma nova".

"Que estranho..."

Cecília deu uma boa olhada em torno da sala. Os outros acompanharam seu olhar, examinando também tudo em volta.

Não havia nenhum canto escuro. Cecília contou vinte e sete velas acesas — exatamente o mesmo número de argolas da cortina lá de cima. Não era uma estranha coincidência?

Embaixo da árvore estavam todos os pacotes. A única diferença é que o avô não ia ser o Papai Noel. Cecília também já decidira isso.

"Sabem de uma coisa? Não quero mais saber dessa bobagem de Papai Noel."

A mesa estava posta, com xícaras de café, bandejas de bolo e figurinhas coloridas de marzipã feito em casa.

"Você gostaria de comer alguma coisa?"

"Só um pouquinho de limonada. E um biscoito, mas sem creme."

Estavam todos em volta dela, Lars atrás dos outros. Parecia que ele estava com um pouquinho de medo ao ver que Cecília descera para abrir os presentes junto com eles. De qualquer forma, era uma ocasião solene.

"Feliz Natal, Lars."

"Feliz Natal."

"E agora os presentes", disse o avô. "Pelo que me disseram, este ano quem vai distribuir sou eu."

Sentaram-se em volta da árvore de Natal e o avô começou a ler as etiquetas. Cecília notou que nenhum daqueles pacotes parecia um tobogã ou um par de esquis; mas era melhor esperar antes de ficar emburrada. Alguma coisa ainda poderia aparecer de repente, saída de um esconderijo em algum lugar da casa. Isso já havia acontecido.

“Para Cecília, de Marianne.”

Marianne era a sua melhor amiga. Morava do outro lado do rio Leira, mas as duas estudavam na mesma classe.

Era um presentinho minúsculo. Seria uma joia? Talvez uma pedrinha para a sua coleção...

Rasgou o papel e abriu uma caixinha amarela. Pousada num pedacinho de algodão estava uma borboletinha vermelha, um broche... Cecília tirou-a da caixa, mas assim que a tocou, a borboleta mudou de cor, passando de vermelha para verde. Logo em seguida ficou azul e roxa.

“Uma borboleta mágica!”

“...que muda de cor conforme a temperatura”, acrescentou o pai.

Todos quiseram segurá-la. Quando a apertavam com força na palma da mão ela ficava azul e verde, mas só na mão de Cecília ficava roxa.

“É uma borboleta de febre”, disse Lars, mas os outros fingiram não ouvir.

O próximo presente era para ele: ganhou um par de jetskis de neve da tia Ingrid e do tio Einar.

“Para mim, prefiro esquis de verdade”, disse Cecília. “Mas tudo bem.”

Agora as coisas começaram a correr mais depressa. À medida que iam diminuindo os presentes embaixo da árvore de Natal, as cadeiras e mesas iam ficando abarrotadas de todo tipo de coisas. O pai dobrava os papéis de embrulho e os guardava num grande saco plástico.

Daí o vovô saiu da sala. Os adultos tomaram café, Lars tomou um refrigerante e Cecília tomou seus remédios.

Quando o avô voltou para a sala, veio trazendo um pacote comprido e pesado, embrulhado num papel azul brilhante com estrelinhas douradas.

Cecília se ergueu no sofá.

“Esquis!”

O avô leu a etiqueta: “Para a Rainha do Esqui, da vovó e do vovô”.

“Rainha do Esqui?”

“Ou Deusa do Esqui”, explicou a vovó. “É você, sabe.”

Cecília rasgou o papel. Os esquis eram vermelhos, um vermelho tão vivo quanto o azul do papel.

"Que máximo! Queria estrear agora mesmo!"

"Bem, vamos esperar que você logo esteja recuperada, passeando por aí."

Cecília ficou com os esquis ao seu lado no sofá, enquanto os outros presentes eram distribuídos. O último também era tão grande que teve de vir lá de fora, e também era para ela. Assim que Cecília o viu, logo imaginou o que era.

"Um tobogã! Vocês ficaram malucos!..."

A mãe se debruçou sobre ela e lhe deu um beliscão na bochecha.

"Acha que a gente ia se atrever a não te dar?"

Cecília deu de ombros.

"E os patins? Bem que vocês se atreveram a não me dar..."

"É verdade, nós resolvemos arriscar nesse ponto."

Tinha chegado a hora do prolongado café depois do jantar. Cecília ficou emocionada ao ver as travessas de bolos, frutas e castanhas, os doces, o marzipã feito em casa. Era exatamente como devia ser. Era Natal. Porém, só comeu um pedaço de pão doce com passas, e pediu uma torrada com mel.

Daí o avô contou como era o Natal antigamente. Ele festejava o Natal naquela mesma sala, todos os anos, sem falhar, fazia mais de sessenta anos. Mas houve um ano em que ele mesmo estivera doente.

Quando chegou a hora de cantar canções de Natal em volta da árvore, Cecília já estava caindo de sono e pediu que a levassem de volta para o quarto.

Primeiro Lars e a mãe fizeram várias viagens levando todos os presentes lá para cima. Cecília insistiu que queria ter todos consigo no quarto. Por fim, papai subiu a escada levando-a nos braços, depois que todos já tinham desejado mais uma vez feliz Natal.

E assim Cecília adormeceu, enquanto as canções cantadas lá embaixo, em volta da árvore de Natal, subiam até o quarto como bolhas, pequenas bolhas. Sua avó estava tocando piano.

Cecília acordou de repente. Devia ser de madrugada, pois a casa estava em completo silêncio. Abriu os olhos e acendeu a lâmpada de cabeceira.

Ouviu então uma voz perguntando: "Dormiu bem?".

Quem era? Não havia ninguém sentado na cadeira ao lado da cama. Também ninguém em pé no quarto.

"Dormiu bem?", perguntou de novo a voz.

Cecília ergueu-se na cama e olhou em volta. Daí gelou. Havia uma figura sentada no peitoril da janela. Ali só cabia uma criança pequena, mas aquele ali não era Lars. Quem poderia ser?

"Não tenha medo", disse o desconhecido, com uma vozinha aguda, bem clara e nítida.

Ele, ou ela, usava uma túnica branca e estava descalço. Cecília mal conseguia distinguir seu rosto contra a luz forte que vinha do pinheiro de Natal lá fora.

Tentou esfregar os olhos, mas a figurinha vestida de branco continuava sentada ali.

Seria uma menina ou um menino? Cecília não tinha certeza, porque ele, ou ela, não tinha nenhum fio de cabelo na cabeça. Decidiu que devia ser um menino, embora também pudesse ter resolvido o contrário.

"Não dá para você me dizer se dormiu bem ou não?", repetiu a misteriosa visita.

“Sim, claro... Mas quem é você?”

“Ariel.”

Cecília esfregou os olhos.

“Ariel?”

“Sim, Cecília, sou Ariel.”

Ela abanou a cabeça:

“Ainda não sei quem você é.”

“Mas nós sabemos tudo sobre vocês. É como um espelho.”

“Um espelho?”

A figurinha debruçou-se no peitoril da janela, como se fosse despencar em cima da escrivaninha.

“Sim, vocês só enxergam a si mesmos. Não conseguem ver o que há do outro lado.”

Cecília levou um susto. Quando era pequena, costumava ficar em frente ao espelho do banheiro e imaginar que havia um outro mundo do outro lado do espelho. Às vezes tinha medo de que as pessoas que viviam do lado de lá fossem capazes de enxergar através do espelho e pudessem espiá-la tomando banho. Ou até pior: e se elas conseguissem passar através do espelho, e de um pulo surgissem de repente no banheiro?

“Você já esteve aqui?”, perguntou ela.

Ele fez que sim num solene gesto de cabeça.

“Mas como você entrou?”

“Nós entramos em todo lugar.”

“Papai sempre tranca a porta. No inverno trancamos todas as janelas...”

Ele fez um gesto de pouco-caso.

“Essas coisas não nos atrapalham.”

“Essas coisas, como?”

“Portas trancadas, esse tipo de coisa.”

Cecília refletiu um pouco. Parecia que estava assistindo a um truque num filme. Assim, procurou rebobinar o filme e passá-lo de novo.

“Você fala *nós”,* observou ela. “Vocês são tantos assim?”

“Sim, somos muitíssimos. Agora você está ficando quente!”

Mas Cecília estava cansada de adivinhar charadas. Disse então: "No mundo inteiro há cinco bilhões de pessoas. E eu já li que o mundo tem cinco bilhões de anos. Você já pensou nisso?".

"Claro. Vocês vão e vêm."

"Como assim?"

"A cada segundo, Deus sacode a manga do paletó e solta algumas crianças novinhas em folha, que caem no mundo. Abracadabra! E a cada segundo algumas pessoas também desaparecem. É uma longa fila, Cecília, longuíssima. E quando chega a hora, chega a hora, e você tem que ir embora..."

Cecília sentiu seu rosto ficar mais quente.

"Vocês também vão e vêm."

Mas ele abanou com força a cabecinha careca.

"Você sabia que este quarto já foi do seu avô?"

"Claro. Mas como é que *você* sabe disso?"

Sentado no peitoril da janela, ele balançava as perninhas nuas. Cecília achou que ele parecia uma boneca.

"Bem, agora estamos caminhando", disse ele.

"Para onde?"

"Você ainda não me disse se dormiu bem. Mesmo assim, estamos caminhando. Sempre leva um tempinho até as coisas se encaminharem."

Cecília respirou fundo — e soltou o ar todo de uma vez. Disse então: "Você também ainda não me contou como é que você sabe que este quarto foi do meu avô".

"Como é que você sabe que este quarto foi do meu avô", repetiu Ariel.

"Foi isso que eu falei!"

Ele continuou, sempre balançando as perninhas: "Estamos aqui desde a aurora dos tempos, Cecília. Quando seu avô era pequeno, certa vez ficou doente durante todo o Natal, com uma pneumonia aguda. E isso foi há muito tempo, quando ainda não havia bons remédios".

"Então você também estava aqui nesse dia?"

"Sim. E jamais vou me esquecer daqueles olhinhos tristes. Pareciam dois passarinhos perdidos."

"Dois passarinhos perdidos", repetiu Cecília com um suspiro.

Olhou para ele e acrescentou depressa: "Mas aquilo tudo passou. Ele ficou bom e se recuperou completamente".

"Sim, completamente."

Ariel fez um movimento súbito e numa fração de segundo estava em pé no peitoril da janela, tapando quase toda a vidraça. Cecília ainda não conseguia enxergar direito seu rosto, por causa da luz forte que lhe batia nos olhos.

Como ele tinha conseguido se levantar daquele jeito sem despencar em cima da escrivaninha? Ele parecia incapaz de cair.

"Também me lembro de todos os pastores no campo", disse ele.

Cecília lembrou-se do trecho da Bíblia que sua avó tinha lido.

"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade", disse ela. "É nisso que você está pensando?"

"Sim, as hostes celestiais! Havia uma multidão de nós ali, aplaudindo."

"Não acredito."

Ariel inclinou um pouco a cabeça e Cecília conseguiu vislumbrar seu rosto. Lembrava o de uma das bonecas de Marianne.

"Coitada de você", disse ele.

"Porque estou doente?"

"Não. Porque deve ser horrível não acreditar na pessoa que está falando com você."

"Que me importa!"

"É verdade que às vezes vocês são tão desconfiados que lá por dentro de vocês fica tudo negro?"

Ela fez uma cara zangada.

Ele a tranquilizou: "Estava só perguntando. Sabe por quê? Apesar de sempre vermos os seres humanos indo e vindo, nós não sabemos exatamente qual é a sensação de ser feito de carne e osso".

Cecília se remexeu toda na cama, mas Ariel não desistiu: "Não é horrível ser assim desconfiado?".

"Deve ser ainda mais horrível contar mentiras deslavadas para uma menina que está doente de cama."

Ele tapou a boca com as mãos numa cara de espanto.

"Os anjos não mentem, Cecília!"

Agora foi ela que suspendeu a respiração.

"Então você é mesmo um anjo?"

Ele confirmou com um rápido gesto de cabeça — como se isso não fosse nenhum motivo de glória. Cecília ficou um pouco mais comedida. Depois de alguns segundos, disse:

"Foi o que eu pensei, mesmo. Falando sério! Mas achei que talvez estivesse errada, e não tive coragem de perguntar. Sabe como é, não tenho certeza se acredito em anjos."

Ele fez um gesto de desprezo.

"Acho que não precisamos ficar jogando esse tipo de joguinho. Imagine se eu dissesse que não tenho bem certeza se acredito em você. Seria impossível provar qual de nós dois estava certo."

Como se quisesse demonstrar que era um belo e saudável anjo, capaz de andar por aí à vontade, pulou para a escrivaninha em frente à janela e começou a andar para lá e para cá em cima do tampo. Às vezes parecia que ia perder o equilíbrio e cair no chão, mas sempre se endireitava no último momento.

"Um anjo caiu lá em casa", murmurou Cecília para si mesma — como se fosse o título de um livro que havia lido.

"Nós nos chamamos simplesmente de crianças de Deus", disse Ariel.

Ela olhou de viés.

"Bem, você, pelo menos, é mesmo uma criança..."

"O que você quer dizer com isso?"

Cecília tentou se erguer na cama, mas caiu de novo pesadamente no travesseiro. Daí disse: "Você não passa de um anjinho-criança".

Ele riu quase sem fazer ruído.

"Qual é a graça?", perguntou ela.

"Anjinho-criança. Você não acha engraçado?"

Cecília não sabia por quê, mas não achava graça nenhuma.

"Bem, você não é um anjo adulto. Então deve ser um anjo-criança."

Ariel riu de novo, dessa vez um pouco mais alto.

“Os anjos não crescem nas árvores. Na verdade, nós nunca crescemos. Portanto, não podemos crescer e ser adultos.”

“Não vou mais escutar o que você diz!”, exclamou Cecília.

“Seria uma pena, pois acho que estávamos indo muito bem.”

“Mas eu sempre pensei que quase todos os anjos eram adultos”, insistiu ela.

Ariel deu de ombros.

“Não é sua culpa. Você só pode tentar adivinhar o que há do outro lado.”

“Como assim? Não existem anjos adultos?”

Ele caiu na gargalhada, e ela se lembrou do barulho que Lars fazia quando esparramava suas bolinhas de gude no chão da cozinha. Só que dessa vez ela não precisava ajudá-lo a apanhá-las do chão.

“Então não existe nenhum anjo adulto”, concluiu ela. “Para mim tudo bem, mas nesse caso também não existe nem um único padre que fale a verdade, porque todos eles dizem que no céu há bandos e mais bandos de anjos adultos.”

Por um momento houve silêncio. Daí Ariel estendeu um braço num movimento elegante e repetiu: “No *céu há bandos e mais bandos de anjos adultos. Bandos e mais bandos!”.*

Vendo que Cecília não respondia, ele disse: “É ótimo conversar com você, Cecília”.

Ela estava roendo a unha do polegar, e não pôde deixar de dizer: “Gostaria de saber qual é a sensação de ser adulto”.

Ariel sentou-se na escrivaninha com as perninhas nuas balançando.

“Você quer conversar sobre isso?”

Ela olhava para o teto. Por fim disse: “Minha professora diz que a infância é apenas um estágio no caminho para a gente ser uma pessoa adulta. É por isso que temos que fazer toda a lição de casa e nos preparar para a vida adulta. Não é uma bobagem?”.

Ariel concordou.

“Sem dúvida, pois a verdade é bem o contrário.”

“Como assim?”

“Ser adulto é apenas um estágio no caminho para nascerem mais crianças.”

Cecília deu uma boa pensada antes de responder.

“Mas os adultos foram criados primeiro. Se não fosse assim, não haveria crianças.”

Ariel abanou a cabeça.

“Errado outra vez. As crianças foram criadas primeiro; do contrário, não haveria adultos.”

Cecília teve uma ideia esperta.

“A questão é: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”

Ele recomeçou a balançar as pernas.

“Vocês continuam se preocupando com essa charada tão antiga? Eu a ouvi pela primeira vez de um velho na Índia que cuidava de umas galinhas, mas isso foi há milhares de anos. Esse velho se inclinou para uma galinha que acabara de botar um ovo, coçou a cabeça e disse: ‘Quem será que veio primeiro, a galinha ou o ovo?’.”

Cecília olhou para Ariel meio perdida, e o anjo explicou: “Naturalmente, o ovo tinha de vir primeiro”.

“Por quê?”

“Se não fosse assim, não haveria galinhas. Com certeza você não acha que a primeira galinha do mundo já apareceu voando no ar, assim, sem mais nem menos.”

Cecília sentia a cabeça girar. Não sabia se tinha compreendido tudo o que o anjo disse, mas aquilo que compreendia parecia perfeitamente correto. Pelo menos, encontrara a solução para aquela velhíssima charada. Ah, se conseguisse se lembrar de tudo aquilo amanhã de manhã!...

“O mesmo acontece com as crianças”, continuou Ariel. “São elas que vêm ao mundo primeiro. Os adultos vêm atrás, se arrastando e mancando. E quanto mais envelhecem, mais eles mancam e se arrastam.”

Cecília achou que isso que Ariel dizia era tão certo que quis anotar no seu caderninho chinês, para não esquecer; porém, não teve coragem de

fazer isso enquanto o anjo estava olhando. Disse então: "Mas Adão e Eva eram adultos".

"Não", disse Ariel. "Eles *se tornaram adultos.* Esse foi o grande erro. Quando Deus criou Adão e Eva, eles eram duas criancinhas curiosas, que subiam nas árvores e brincavam naquele grande jardim que ele acabara de criar. E, aliás, de que adianta ser dono de um grande jardim se não há crianças para brincar nele?"

"Isso tudo é verdade mesmo?"

"Eu já lhe disse, os anjos não mentem."

"Então me conte mais!"

"Depois eles foram tentados pela serpente a comer o fruto da Árvore do Conhecimento, e foi aí que começaram a crescer. Quanto mais comiam, mais cresciam, e assim acabaram expulsos do seu paraíso de infância. Aqueles dois malandrinhos tinham tanta fome de conhecimento que foram comendo, comendo, até serem expulsos do Paraíso."

Cecília se espantou e Ariel lhe lançou um olhar condescendente.

"Você com certeza já ouviu esta história."

"Ouvi contar que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso, mas ninguém me contou que aquele era o seu paraíso *de infância."*

"Você bem poderia ter adivinhado isso sozinha. Mas vocês, seres humanos, compreendem as coisas só em parte. Vocês enxergam tudo num espelho, num enigma."

Cecília deu um sorriso travesso.

"Acho que consigo imaginar o Adãozinho e a Evinha correndo entre as árvores desse jardim, muito tempo atrás."

"Eu não disse?"

"O que foi que você disse?"

"Que você até que é esperta para adivinhar e imaginar as coisas. Você sabia que os seres humanos usam apenas uma pequena parte do cérebro?"

Cecília fez que sim, pois havia lido exatamente isso na *Ciência Ilustrada.* Conseguiu se erguer um pouquinho mais alto na cama e pediu: "Gostaria de saber mais sobre Adão e Eva".

Ariel continuou falando e balançando as perninhas: “Bem, no início eles começaram a crescer, e seus braços e pernas se esticaram. Daí amadureceram sexualmente. Isso fazia parte do castigo, mas acabou sendo um consolo para Deus e para os seres humanos também”.

“Por quê?”

“Porque, dessa forma, novas pessoas podiam vir ao mundo. E assim tem sido através dos tempos, desde aquela época. Foi dessa maneira que Deus providenciou para que continuem sempre nascendo novas crianças — crianças que podem descobrir o mundo de novo, desde o início. Assim ele organizou as coisas para que a criação nunca termine. Pense nisso: o mundo é criado de novo cada vez que uma nova criança vem ao mundo.”

“Isso porque quando uma criança vem ao mundo, para ela o mundo é totalmente novo?”

“Sim, e podemos dizer que não é só a criança que vem ao mundo — também é o mundo que vem para a criança. Nascer é o mesmo que ganhar de presente o mundo inteiro — com o sol de dia, a lua de noite, as estrelas no céu azul. Com os mares que banham as praias, com florestas tão densas que ignoram os seus próprios segredos, com estranhas criaturas correndo pelas planícies. O mundo nunca vai ficar velho e grisalho. *Vocês,* seres humanos, ficam velhos, enrugados e grisalhos. Mas enquanto vierem ao mundo novas crianças, o mundo continuará novo, tão novo como no sétimo dia, quando o Senhor descansou.”

Cecília estava boquiaberta. O anjo Ariel continuou: “Adão e Eva não foram as únicas pessoas a serem criadas. Você também foi criada. Um belo dia chegou a sua vez de ver tudo o que Deus fez. Daí Deus sacudiu a manga e você caiu — e de repente viu que estava no ar, viva, vivinha! E você viu que tudo era bom, extremamente bom”.

Cecília não pôde deixar de rir. Daí perguntou: “‘É verdade mesmo que vocês sempre estiveram por aqui, o tempo todo?”.

“Sim, aqui e ali”, disse o anjo Ariel. “Mas temos tanta curiosidade por tudo o que se relaciona com a criação como tínhamos no início da eternidade. E por que não haveríamos de ter? Pois nós enxergamos as

coisas pelo lado de fora. Dentro da criação, só as crianças são tão curiosas como nós. Mas, de certa forma, elas também vieram de fora."

Durante sua doença Cecília muitas vezes já havia pensado isso: os adultos sempre precisam pensar muito antes de fazer qualquer coisa divertida. E também nunca se espantam com nada. Só sabem dizer: "Ora, Cecília, é assim que as coisas *são".*

"Mas Deus deve gostar também um pouquinho dos adultos, não?", sugeriu ela.

"Claro. Ainda que eles todos já estejam meio desgastados desde a Queda."

"Desgastados?"

"Eles transformaram o mundo num hábito, numa rotina. Para os anjos do céu o mundo não é um hábito, apesar de nós existirmos desde o princípio da eternidade. Nós continuamos achando tudo o que Deus criou incrível e fascinante. Aliás, ele próprio também continua espantado. É por isso que ele tem mais prazer em apreciar a curiosidade das crianças do que esse comportamento entediado dos adultos."

Cecília pensou, pensou, até sentir faíscas saindo da cabeça. Isso já tinha acontecido em várias ocasiões. Durante a doença, às vezes a cabeça dela parecia um parque de diversões, cheio de pensamentos espertos zunindo para lá e para cá. A única diferença é que ela não precisava comprar bilhete para viajar nesses brinquedos.

Ariel comentou: "A maioria dos adultos já se acostumou tanto com o mundo que nem dá valor à criação. Chega a ser cômico quando se pensa nisso, pois eles estão aqui fazendo apenas uma curta visita".

"É verdade!"

"Estamos falando do mundo, Cecília! Como se o mundo não fosse uma sensação! Acho que o céu deveria pôr um anúncio nos jornais: 'Aviso importante para todos os cidadãos do mundo! Não é boato: O MUNDO EXISTE, AQUI E AGORA!'."

Cecília já estava tonta de ouvir o que dizia o anjo Ariel, e também de vê-lo balançar as pernas sem parar. Falou então: "Não seria melhor se Deus tivesse expulsado aquela serpente horrorosa do Paraíso, para que

Adão e Eva pudessem continuar brincando de esconde-esconde naquele jardim para todo o sempre?".

O anjo Ariel inclinou a cabeça e disse: "Não era tão fácil. Como vocês, seres humanos, são feitos de carne e osso, não podem viver para sempre, como os anjos no céu. Mas Deus não teve coragem de fazer com que na sua criação as crianças morressem. Era melhor deixá-las crescer primeiro".

"Por quê?"

"É muito mais fácil dizer adeus ao mundo quando a gente já teve meia dúzia de netos e já está até com sono, meio tonto de viver tantos dias."

Cecília não ficou muito impressionada com essas últimas afirmações.

"Mas as crianças morrem", objetou ela. "Não é uma coisa idiota?"

"Não é uma coisa idiota?", repetiu o anjo Ariel. *"Não é uma coisa idiota?"*

Como ele não dizia mais nada, Cecília falou de novo: "Você tem certeza de que Adão e Eva eram crianças?".

"Sim, certeza absoluta. Nunca lhe ocorreu que são as crianças que mais se parecem com os anjos? Ou será que você já viu algum anjo de cabelo branco, com dor nas costas e a cara cheia de rugas?"

Algo nessa pergunta fez Cecília protestar: "Não acho que a minha avó seja feia, apesar de ser velha".

"Que a minha avó seja feia", repetiu Ariel. "Eu não disse isso. Mas dentro daquele corpo velho que ela tem, vive uma pequena Eva que algum dia foi totalmente nova neste mundo. O restante dela é apenas algo que foi crescendo do lado de fora, com o passar dos anos."

Cecília deu um suspiro fundo.

"Posso dizer o que eu acho? Acho que essa história de criação é uma tremenda idiotice."

"Por quê?"

"Eu não quero crescer. E seja como for, jamais vou morrer. Jamais!"

Uma sombra caiu sobre o rosto do anjo.

"Tente não perder o contato com essa criancinha que há dentro de você. Sua avó não perdeu. Ela é capaz até de fazer umas caretas de

palhaço para você dar risada. Não é mesmo?"

"Então você estava aqui nessa hora também?"

"Sim senhora!"

Dali a um momento o anjo estava em pé no chão. Cecília não o viu pular da escrivaninha; de repente, lá estava ele, parado em frente à estante, de costas para ela, olhando os cristais e as pedras preciosas. Era um pouquinho mais baixo que Lars.

"Que bela coleção", disse ele. "Impressionante!"

Virou-se então para ela.

"Já lhe ocorreu que cada pedra é um fragmento da Terra?"

"Muitas vezes. Eu só coleciono os pedacinhos mais bonitos."

"Mas talvez você nunca tenha parado para pensar que *você* também é um pedacinho que se desprendeu da Terra."

Ela se espantou.

"Eu? Por quê?"

"Você é capaz de correr por toda a criação, saltando com pés ligeiros. É bem mais do que uma pedra consegue fazer!"

Só agora Cecília conseguiu ver seu rosto claramente. Era muito mais suave e puro do que a pele humana; também um pouco mais branco. Ela já estava começando a se acostumar com sua falta de cabelos na cabeça. Agora viu que ele também não tinha pálpebras nem sobrancelhas.

Ariel veio sentar-se na cadeira ao lado da cama. Seus passos eram tão leves que mal tocavam o chão. Parecia não pisar, mas apenas deslizar pelo quarto. Seus olhos brilhavam como duas pedras preciosas, duas turquesas; e quando sorria para ela, como agora, seus dentes brancos pareciam de mármore.

Durante a conversa Cecília já observara bem aquela cabecinha reluzente. Agora disse: "Você se incomoda se eu perguntar sobre seu cabelo?".

Ele riu.

"Não. Pode perguntar. Tenho tanto cabelo quanto você tem barba."

Ela baixou os olhos, dirigindo-os para o acolchoado, e disse: "Sempre pensei que os anjos tivessem cabelo comprido, loiro".

"É porque você vê tudo num espelho, por isso só enxerga a si mesma."

Cecília não ficou satisfeita com a resposta.

"Você não pode simplesmente me dizer por que os anjos não têm cabelo na cabeça?"

"Bem, a pele e o cabelo de vocês estão sempre crescendo, e sempre caindo. Estão ligados à carne e ao sangue, e existem para proteger vocês contra a poeira, a sujeira, o frio e o calor. Os pelos e a pele humana estão relacionados com o pelo dos animais, e não têm nada a ver com os anjos. Seria o mesmo que você perguntar se nós escovamos os dentes, ou se cortamos as unhas sábado sim, sábado não."

"Quer dizer que vocês não fazem nada disso?"

"Não são essas coisas que nos tornam semelhantes a vocês."

"O que é, então?"

Ele olhou bem para ela.

"Tanto os anjos como as pessoas têm uma alma criada por Deus. Mas os seres humanos também têm um corpo, um corpo que tem seu próprio caminho. Vocês crescem e se desenvolvem, como as plantas e os animais."

"Besteira!", disse Cecília num suspiro. "Não gosto de pensar que sou um animal."

Ariel continuou falando, como se não tivesse ouvido: "Todas as plantas e animais começam a vida como pequeninas sementes ou células. No princípio são todas tão parecidas que não se vê a diferença entre elas. Daí essas sementinhas minúsculas vão se desdobrando devagar e se transformando em todo tipo de coisas, desde árvores, ameixas e groselhas até girafas e seres humanos. Levamos muitos dias

para conseguir ver a diferença entre o embrião de um porco e um embrião humano. Você sabia disso?".

"Sabia. Nas últimas semanas não fiz mais nada além de ler *Ciência Ilustrada*."

"E, no entanto, não existem dois seres humanos iguaizinhos, nem dois porcos exatamente iguais. Não há nem sequer duas folhas de grama idênticas, em toda a criação!"

Cecília de repente se lembrou de um saquinho de bolinhas de papel japonesas que seu pai lhe dera muitos anos antes. Eram tão pequenas que pareciam todas iguais. Mas assim que a gente punha as bolinhas na água, elas inchavam e adquiriam formas diferentes, de cores variadas, e nenhuma era igual à outra.

"Já falei que não gosto de pensar que sou um animal", repetiu ela.

Ariel pousou delicadamente a mão sobre o cobertor. Ela sentiu apenas uma leve pressão contra a perna.

"Você é um animal com alma de anjo, Cecília. Assim, você recebeu o melhor dos dois mundos. Você não acha ótimo?"

"Não sei..."

"É exatamente essa combinação que é uma conquista tão grande. Você tem plena consciência, exatamente como os anjos no céu. Você pode perfeitamente dizer: 'Boa noite, cavalheiro! Meu nome é Cecília Skotbu. Posso ter o prazer desta contradança?'."

O anjo Ariel estendeu o braço e fez uma profunda reverência, como se acabasse de chegar da aula de dança. Daí continuou: "Porém, o corpo em que você vive é feito de carne e osso, justamente como o das vacas, dos camelos. É por isso que vocês têm pelos e cabelos no corpo. A maior parte fica na cabeça, claro; mas em outros lugares também crescem pelos, apesar de no começo ser só um pouquinho. Mas eles crescem cada vez mais depressa, Cecília, mais e mais intensamente com o passar do tempo! A natureza vai crescendo como uma camada cada vez mais grossa em torno dessa criancinha que veio ao mundo. Quando os seres humanos se soltam da mão do Criador, têm o corpo puro e macio como o dos anjos do céu. Mas isso é apenas na parte externa, pois a queda no pecado já está acontecendo. Dentro do corpo, sua

carne e seu sangue já estão em alvoroço; e isso significa que vocês não vivem para sempre".

Cecília mordeu o lábio. Não gostava de falar em coisas relacionadas com seu corpo. Também não gostava da ideia de que já estava começando a crescer.

"Meu irmãozinho não tinha nenhum cabelo na cabeça até fazer dois anos."

"Sei disso. Não precisa me dizer."

"Então você sabe também que me deram uns remédios fortes no hospital, que me fizeram perder todo o cabelo?"

"Sei. Naquela época eu e você ficamos ainda mais parecidos."

"Na verdade eu deveria repetir o tratamento, mas nós mudamos de ideia..."

"Também sei disso."

"Foi a vovó que convenceu todo mundo, até os médicos. Quando ela resolve fazer uma coisa, ela é incrível. Daí nós simplesmente enfiamos minhas coisas na mala e voltamos para casa. Mas Christine vem aqui várias vezes por semana. Ela é enfermeira..."

"Já sei de tudo isso."

Cecília olhou para o teto. Ficou ali deitada um pouco, pensando em tudo o que havia acontecido nos últimos meses. Daí virou-se para Ariel.

"Você tem certeza mesmo de que é um anjo, um anjo de verdade?"

"Já lhe disse que os anjos nunca mentem."

"Mas *se por acaso* você estiver mentindo, então você não é um anjo, portanto você poderia estar mentindo."

Ele deu um suspiro fundo.

"Ah, como é complicada essa sua desconfiança!"

Cecília sentiu um arrepio lhe atravessar todo o corpo. Seria por causa da sua desconfiança?

"Posso lhe fazer uma pergunta cretina, tipicamente cretina?", perguntou ela.

"Nunca é cretino fazer perguntas."

Ela respirou fundo.

"Você é menina ou menino?"

Ariel deu uma clara e sonora gargalhada. Cecília lembrou-se do som que fazia brincando de soprar em garrafas cheias de água. Era tão divertido ouvir aquela risada que ela repetiu a pergunta: "Você é menina ou menino?".

Ele riu mais um pouco antes de responder, mas dessa vez a risada foi meio forçada.

"Essa foi uma pergunta bem direta, não?"

Cecília ficou ofendida: pois ele não acabava de dizer que nunca é cretino fazer perguntas?

"Essas diferenças tão peculiares não existem no céu", garantiu ele. "Mas não me importo se você me chamar de 'menino', pois aí eu e você seremos cada um de um tipo."

"Mas por que, então, existem essas tais 'diferenças peculiares'?"

"Já falamos sobre isso. *É preciso* haver dois sexos diferentes, para que novas crianças possam vir ao mundo. Você sabe disso, Cecília. Na verdade, para um anjo não é muito interessante conversar sobre esse tipo de coisa."

"Desculpe!"

"Tudo bem. Tenho certeza que Deus não teria criado as diferenças entre meninos e meninas se não fosse pelo fato de que eles vão crescer, se tornar homens e mulheres, e fazer novas crianças. Talvez naquela ocasião ele não tenha conseguido encontrar outra maneira de fazer as coisas. Você tem alguma sugestão melhor?"

"Não sei."

Ariel ficou entusiasmado.

"Se os seres humanos tivessem surgido como frutinhas num galho, você também perguntaria por quê. Seja qual for a maneira como algo acontece, sempre poderia ser muito diferente. Vocês poderiam, por exemplo, viver lá dentro do planeta, em vez de rastejar do lado de fora. Provavelmente seria possível construir cidades e fazendas lá dentro, se houvesse condições favoráveis. E se as condições não fossem favoráveis, as pessoas apenas teriam de fazer um esforço para mudá-las. Naturalmente, é um trabalho e tanto criar um mundo inteiro, mas, pelo menos, começa-se com uma folha em branco."

“Que ideia maluca!”, disse Cecília. “E quanto mais penso nela, mais maluca ela é.”

“O quê?”

“A ideia de que há dois tipos de seres humanos na terra.”

Ariel deu um sorrisinho malandro.

“Sabe que esse também é um assunto que nós sempre discutimos no céu? Mas não é a mesma coisa.”

“Por que não?”

“Porque lá nós falamos sobre algo que é diferente de nós. Deve ser ainda mais estranho pensar que é estranho ser aquilo que se é. Creio que ninguém nunca vai encontrar uma pedra que acha estranho ser uma pedra. E com certeza nenhuma tartaruga acha incrível ser uma tartaruga. Mas parece que certos seres humanos acham estranhíssimo ser um ser humano. E eu concordo plenamente com eles. Nunca me senti no mesmo comprimento de onda das pedras nem das tartarugas.”

“Você não acha estranho ser um anjo?”

Ele levou algum tempo para responder.

“É muito diferente, porque é isso que venho sendo por toda a eternidade. Você só é Cecília Skotbu há pouco tempo.”

“Certo! E acho muito estranho ser eu.”

“A criação inteira é um enigma, um quebra-cabeça”, disse Ariel. “Mas o mais estranho de tudo é que nas beiradas desse grande quebra-cabeça existem alguns seres que sentem a si mesmos como um quebra-cabeça.”

“E por que isso é tão estranho?”

“É mais ou menos como se um poço conseguisse mergulhar nas suas próprias profundezas.”

“Já fiz isso muitas vezes”, disse Cecília.

“O quê?”

“Já fiquei na frente do espelho me olhando nos olhos. Daí eu imagino que sou um poço tão fundo que não consigo enxergar lá dentro, nas profundezas mais profundas.”

“Isso é porque você está sempre mudando, sempre ficando diferente. E, assim, está sempre tendo surpresas. Se uma lagarta pudesse pensar,

tenho certeza que ficaria surpresa ao perceber de repente que se transformou numa borboleta. Esse tipo de coisa pode acontecer do dia para a noite. Mas os anjos no céu ficam igualmente surpresos quando uma garotinha se transforma numa mulher adulta. Essa pequena diferença de tempo não significa muito para nós."

"Por que não?"

"Os anjos têm muito tempo, Cecília, e há uma diferença muito grande entre uma menina pequena e uma mulher adulta."

"É verdade mesmo que vocês conversam sobre essas coisas lá no céu?"

Ariel fez que sim, tímido. Daí olhou em torno do quarto e disse: "Mas a gente procura não fazer isso quando Deus está por perto. Ele é *muito* sensível a críticas".

"Nisso eu nunca poderia acreditar!"

"Ora, mas você acredita em tantas coisas. Você não poderia ter o mesmo ponto de vista dos anjos no céu."

"Não, o que eu quis dizer é que eu pensava que Deus estivesse acima de qualquer crítica."

"Bem, isso é porque você nunca o encontrou face a face. Mas se fosse você que tivesse criado o mundo, com certeza você também seria sensível às críticas. Estamos falando sobre coisas de uma importância tremenda. Apesar de Deus ter contemplado tudo o que criou e ter achado que tudo era extremamente bom, isso não significa que as coisas não poderiam ser diferentes. Quando ele acabou de criar aquilo tudo, estava tão exausto que precisou descansar no sétimo dia. Simplesmente desabou, sabe como é? Acho que vai se passar um bom tempo até ele tentar de novo."

Cecília já tinha muito o que fazer com seus próprios pensamentos.

"Imagine se houvesse um só sexo", disse ela. "Ou mesmo três: talvez fosse melhor."

"Você não acha que só os homens e as mulheres já criam bastante confusão?"

"Claro que existe confusão, pois só há dois sexos! E principalmente quando a família tem muitos filhos. Pelo jeito, você não conhece muito

bem a vida na terra."

Ariel deu de ombros.

"Gostaria de aprender mais."

Cecília insistiu: "Se fosse preciso haver três sexos para nascerem as crianças, não nasceriam tantas. Em primeiro lugar, isso ajudaria o problema da superpopulação...".

"Um momento!", protestou Ariel. "Você está indo muito rápido para mim."

Cecília suspirou, impaciente.

"Sempre achei que os anjos compreendessem as coisas depressa."

"Não quando vocês falam sobre ter filhos, esse tipo de coisa. Nesse ponto estamos longe do céu, muito longe — até onde um anjo consegue chegar."

"Só estou querendo dizer que é mais difícil três pessoas gostarem uma da outra a ponto de quererem ter filhos juntas do que só duas pessoas se apaixonarem loucamente uma pela outra e saírem por aí fazendo filhos, talvez antes de estarem bem amadurecidas."

"Então é pura matemática, pois os dois sexos que quisessem fazer filhos não conseguiriam fazer sem a ajuda do terceiro sexo. É isso que você quer dizer?"

"Justamente. Se dois quisessem fazer o filho, talvez o terceiro dissesse: 'Não, pessoal! Um de nós três, pelo menos, tem que ter um pouco de bom-senso. Vamos esperar mais um ano ou dois. Não quero saber de ter filhos agora. Isso ocupa demais a gente'."

Cecília não pôde deixar de rir do seu próprio argumento. Ariel também riu, e disse: "Lá no céu nós também ficamos parafusando sobre ideias assim".

Mas Cecília tinha mais coisas na mente: "Além disso haveria mais gente para cuidar das crianças, principalmente quando elas ficassem doentes. Daí dois adultos poderiam ter uma folguinha, enquanto a terceira mãe ou pai cuidava da criança. Daí existiriam mais pessoas que gostariam de crianças. E também muito mais pessoas que gostariam uma da outra".

A expressão de Ariel se tornou impenetrável. Dava a impressão de que ele já trazia aquela expressão no rosto por toda a eternidade. Daí ele perguntou: “É verdade, então, que os seres humanos só gostam um do outro dentro da família?”.

“Talvez não, mas tenho certeza de que haveria mais amor no mundo se houvesse três ou quatro pais. Só que...”

“O quê?”

“...haveria mais tristeza também.”

“Tristeza?”

Cecília mordeu o lábio, depois disse: “Cada vez que alguém morresse, mais pessoas iriam ficar tristes”.

Ariel abanou a cabeça.

“Se fosse assim, também haveria duas vezes mais consolo no mundo.”

“Então uma coisa compensaria a outra?”

“Sim. Mas há um detalhe: se cada família tivesse apenas dois filhos, no fim não haveria mais seres humanos na terra.”

“Por que não?”

“Se cada três adultos tivessem só duas crianças, aos poucos haveria cada vez menos gente, até que a humanidade chegaria ao fim.”

Cecília riu.

“Um belo dia restariam apenas um Adão e uma Eva, exatamente como no começo. E se eles conseguissem o perdão pelo seu pecado original, poderiam viver no Paraíso para sempre. Não seria uma ótima ideia?”

“Nada mal. Mas agora nós estamos discutindo a própria maneira como aconteceu a criação.”

“E não adianta discutir? Ora, você parece a minha mãe. Ela vive dizendo que *não adianta* a gente reclamar que está doente. Mas não vamos nos aborrecer falando de doenças, esse tipo de coisa.”

“Bem, *eu* não falei nada sobre doenças. Mas prometo tocar nesse assunto dos três sexos a próxima vez que bater um papo com Deus. Ele tem um ótimo senso de humor.”

“É mesmo?”

Ele deu um sorriso paternal.

"Você já viu um elefante? Você nem imagina quantas piadas de elefante a gente conta lá no céu. Também contamos um monte de piadas de girafa."

Cecília não sabia se gostava muito da ideia dos anjos contando piadas sobre a criação. Parecia uma certa insolência.

"Espero que vocês não contem piadas sobre mim!", exclamou ela.

"Não, não, nunca ouvi nem uma única piada sobre uma menina chamada Cecília. Mas embora você compreenda isso só em parte, com certeza percebe que agora já é tarde para modificar o sistema da criação."

"Talvez..."

"Posso te contar um segredo?"

"Claro! Conte."

"Às vezes, lá no céu, quando conversamos sobre como as coisas são, e como poderiam ter sido, Deus levanta os braços em desespero e diz: 'Eu sei, eu sei que muitas coisas poderiam ser um pouco diferentes, mas o que foi feito, foi feito, e afinal de contas, eu não sou todo-poderoso!'."

Cecília ficou boquiaberta.

"Você não vai encontrar um único padre que concorde com você nesse ponto."

"Nesse caso, ou os padres estão enganados ou Deus é que está."

Cecília levou as mãos à boca, escandalizada. Nesse momento uma sombra de preocupação passou pelo rosto do anjo.

"Sua mãe vem vindo", disse ele. "Tenho que ir embora..."

"Não estou ouvindo nada."

"Mas ela vem vindo!"

Cecília ouviu então o despertador tocando no quarto ao lado.

"Você já vai embora?"

"Não, vou ficar sentado na janela."

"Mamãe não vai ver você?"

"Acho que não."

Dali a um momento a mãe de Cecília entrou.

"Cecília?"

“Hmm...”

“Você está de luz acesa?”

“Não está vendo?”

“Só vim ver se está tudo bem.”

“Já é de manhã?”

“São três horas.”

“Mas eu ouvi o despertador tocar.”

“Eu o acertei para as três horas.”

“Por quê?”

“Porque eu te amo. Não posso deixar você sozinha a noite inteira, muito menos numa noite de Natal.”

“Vai dormir, mamãe.”

“E você, vai conseguir dormir?”

“Um pouco durmo, um pouco fico acordada. Não dá para separar direito.”

“Quer alguma coisa?”

“Não, ainda tem água na garrafa.”

“Não quer ir ao banheiro?”

“Não. Foi tão bonito quando vocês cantaram. Adormeci com a vovó tocando piano.”

“Posso arejar o quarto?”

“Um pouquinho.”

A mãe foi até a janela. Cecília achou que estava vendo Ariel sentado no parapeito, mas o vulto se desvaneceu quando a mãe foi se aproximando.

“Olhe, Cecília, está vendo essas rosas de gelo na vidraça? Não é estranho como elas conseguem se desenhar sozinhas?”

A mãe abriu a janela.

“Existem muitas coisas estranhas, mamãe. Mas parece que eu compreendo muito melhor as coisas agora que estou doente. Parece que o mundo inteiro ficou um pouco mais nítido.”

“Isso acontece. Basta uma bela gripe para a gente ouvir os passarinhos lá fora de uma maneira bem diferente.”

“Já contei a você que o carteiro me deu tchau?”

"Contou. Pronto, já vou fechar a janela."

Daí voltou até a cama e deu um abraço em Cecília.

"Durma bem. Vou botar o despertador para as sete."

"Não é preciso. Hoje é Natal."

"Por isso mesmo. Mas, Cecília..."

"Sim?"

"Não podemos passar sua cama para o nosso quarto? Seria mais gostoso para você... e também um pouco mais fácil para o papai e para mim."

"Por quê? Vocês não podem vir até aqui?"

"Podemos, sim. Toque o sininho quando quiser... mesmo que seja no meio da noite."

"Claro. Mas sabe, mamãe..."

"Sim?"

"Se eu fosse Deus, teria criado o mundo de um jeito que todas as crianças teriam pelo menos três pais."

"Por que você diz isso?"

"Porque se fosse assim, vocês não ficariam tão cansados. Você e o papai poderiam ficar um pouco sozinhos, descansando, enquanto a terceira mãe ou o terceiro pai ficava comigo e com o Lars."

"Não diga isso."

"Por quê? Sei que mudar a criação é impossível. Mas às vezes eu acho que Deus é um bobão. E nem sequer é todo-poderoso!"

"Acho que você está com um pouquinho de raiva lá por dentro porque está doente."

"Um pouquinho?"

"Muita raiva, então. Agora durma bem. Não adianta ficar zangada, Cecília."

"Não *adianta ficar zangada, Cecília.* Você já disse isso umas mil vezes!"

"Mas eu tenho esperança e rezo para você ficar boa. Nós todos esperamos e rezamos."

"Claro que eu vou ficar boa! Essa é uma das maiores bobagens que você disse nos últimos tempos."

"Amanhã Christine vem te dar injeção."

“Pronto! Está vendo?”

“O quê?”

“É claro que ela não viria até aqui, tão longe, em pleno dia de Natal, se não achasse que a injeção vai me ajudar. Mãe, você está ficando maluca. Você já viveu demais, seu cérebro está se derretendo.”

“É claro que os remédios ajudam. Christine sabe disso e eu também. Filha, tem certeza que não quer se mudar para nosso quarto?”

“Daqui a pouco eu vou ser grande! Você não entende que é por isso que quero ter o meu próprio quarto?”

“Sim, claro que entendo.”

“Além disso não acho a mínima graça em ficar acordada ouvindo vocês dois roncarem.”

“Isso também dá para compreender.”

“Mas não se ofenda, mãe. Não é nada pessoal contra você... Falando nisso, obrigada pelos meus presentes.”

“Quer que eu apague a luz?”

“Não, deixe que eu apago, assim que eu acabar de pensar.”

Assim que a mãe saiu do quarto, Cecília pescou a caneta e o caderninho embaixo da cama e escreveu:

A cada segundo a natureza sacode a manga do paletó e caem algumas crianças novinhas em folha. Abracadabra! E a cada segundo muitas pessoas desaparecem também. Quando chega a hora, chega a hora, e Cecília tem que ir embora...

Não é a criança que vem ao mundo, mas o mundo que vem para a criança. Nascer é receber de presente o mundo inteiro.

Às vezes Deus ergue as mãos em desespero e diz para si mesmo: "Eu sei que muitas coisas poderiam ser diferentes, mas o que foi feito, foi feito, e afinal de contas, eu não sou todo-poderoso!".

Cecília empurrou o caderninho e a caneta para debaixo da cama e adormeceu outra vez.

Não tinha ideia de quanto tempo tinha se passado quando abriu os olhos. A luz do grande pinheiro do quintal batia no quarto com força. As rosas de gelo na vidraça pareciam de ouro.

" Ariel", cochichou ela.

"Estou aqui."

"Mas não estou vendo você."

"Aqui..."

Cecília levantou os olhos e o viu. Estava bem acomodado no alto da estante, onde não havia livros.

"Como você conseguiu subir aí?"

"Isso não é problema para um anjo. Dormiu bem?"

Dali a um momento ele estava em pé ao seu lado. Cecília não o viu pular para baixo, nem escutou nenhum som. De súbito lá estava ele, no chão, encostando a mão nos esquis novos.

"Que lindos esquis! E que tobogã esplêndido!"

Virou-se para ela, e Cecília viu de novo como ele era bonito. Seus olhos eram muito claros, verdes-azulados, cheios de segredos. Cecília achou que lembravam uma certa pedra preciosa que vira numa foto do seu grande livro das pedras. Não seria a safira-estrela?

"Como você sabia que mamãe estava chegando?"

"Mamãe estava chegando", repetiu Ariel. *"Como você sabia que mamãe estava chegando?"*

"Seu papagaio!"

"Estou só sentindo o gosto das palavras."

"O *gosto*?"

"É a única coisa que um anjo consegue sentir: o gosto."

"E elas têm um gosto bom?"

"Um pouquinho estranho também."

"Por quê?"

"Você não acha muito estranho pensar que um dia, no passado, você já esteve lá dentro da barriga dela?"

Cecília deu um suspiro tolerante. Lembrou-se que os assuntos relacionados com o nascimento dos bebês eram o ponto mais longínquo a que um anjo do céu podia chegar.

"Como você sabia que ela estava chegando?"

"Ela havia acertado o despertador para as três."

"Não vá me dizer que você também enxerga através das paredes?"

Ele deu um passo adiante.

"Já é hora de você parar com esses absurdos, Cecília. Isso que vocês chamam de 'paredes' para nós não são paredes."

Ela levou a mão à boca, espantada.

“Então você tem olhos de raio X! Você consegue enxergar através do meu corpo?”

“Se eu resolver enxergar, enxergo. Mas eu não sei como vocês, seres humanos, *se sentem* quando toda essa comida que vocês comem fica rodopiando no estômago e vai se transformando em carne e osso.”

Ela estremeceu.

“Acho melhor conversar sobre outras coisas.”

“Por mim, tudo bem.”

“Não daria para você chegar um pouquinho mais perto?”

Dali a um momento ele estava sentado na cadeira ao lado da cama de Cecília. Foi como se tivesse mudado de lugar sem atravessar o quarto, como um slide que passa pelas paredes de uma sala quando se liga o projetor.

“Não vi você se mexer”, disse ela. “De repente você estava sentado aqui.”

“Para nós não é preciso ‘se mexer’, como para vocês. Basta me dizer aonde você quer que eu vá, e lá estou eu, num instante.”

“Você precisa me explicar isso. E também tem de me contar como você consegue atravessar uma porta fechada, pois é uma coisa que não consigo entender.”

Ele hesitou.

“Eu conto, mas com uma condição.”

Cecília ficou surpresa.

“Não sabia que os anjos impunham condições para fazer uma boa ação.”

“Mas você não está me pedindo para fazer uma boa ação. Está me pedindo para lhe contar segredos celestiais.”

“Então qual é a condição?”

“Que você me conte alguns segredos da terra.”

“Ah, você já sabe tudo!”

Ariel sentou-se na beirada da cadeira.

“Não, não sei qual é a sensação de ter um corpo, de ser feito de sangue, carne e ossos. Não sei qual é a sensação de crescer. Não sei qual é a sensação de comer, de sentir frio, de ter um sonho gostoso.”

"Mas com certeza não sou a primeira pessoa com quem você conversa. Você não me disse que vocês todos sempre existiram?"

"Sim, e também disse que os anjos nunca deixam de se admirar da criação. E outra coisa: nós não nos revelamos com muita frequência. A última vez que fiz uma visita dessas foi na Alemanha, cem anos atrás."

"Com quem você ficou daquela *vez?*"

"O nome dele era Albert. E estava muito doente."

"E como terminaram as coisas para ele?"

"Não muito bem, infelizmente. É por isso que fiquei lá com ele."

Cecília fez uma careta.

"Não acredito que você só vai visitar alguém quando as coisas vão mal. Seria uma tremenda bobagem."

"Nunca é bobagem consolar alguém que está aflito."

"E esse Albert não contou para você como é ser um ser humano de carne e osso?"

"Não, ele era muito pequeno."

"Que pena..."

"Por quê?"

"Porque agora tenho de dar conta disso sozinha."

"Mas você concorda com o trato?"

Cecília tentou se erguer um pouquinho mais na cama.

"Vou tentar. Mas você começa."

"Combinado!"

Ele se acomodou confortavelmente na cadeira e pôs as perninhas nuas em cima da cama de Cecília. Suas pernas eram lisas como as de uma criança recém-nascida. Cecília não conseguiu ver nem um pelo, nem mesmo um poro na sua pele.

Antes de conhecer Ariel, ela nunca tinha pensado que os pelos do corpo têm algo a ver com as plantas e os animais. Agora, porém, compreendia como seria estranho se um anjo tivesse pelos nas pernas. Há muitos tipos de coisas que podem brotar numa árvore velha. Nas pessoas e nos animais também. O musgo e o líquen crescem até nas pedras. Mas nada pode crescer num anjo.

Notou também as unhas dos seus dedos dos pés — era óbvio que nunca precisavam ser cortadas. Elas também lembravam uma pedra da sua coleção. Seria aquela chamada cristal de rocha?

"Os anjos ficam cansados?", perguntou ela.

"Por que haveriam de ficar?"

"Ora, você botou os pés em cima da cama."

Ele deu um sorriso afetuoso.

"Já reparei no jeito como as pessoas sentam quando vão ter uma conversa bem sincera."

"Seu papagaio! Copiando outra vez! Por que você não é você mesmo? Mamãe sempre diz: 'Não tenha vergonha de ser você mesma'."

"Nesse caso, quem sabe posso te pedir para se erguer um pouco mais nessa cama? É meio chato ficar tanto tempo conversando com uma pessoa que só fica deitada."

"Estou *um pouquinho* doente, sabia?"

"Vamos, Cecília, sente-se direito nessa cama."

Ela tentou se erguer como o anjo pedia, e logo estavam sentados pés contra pés: Cecília na cama, Ariel na cadeira. Ela se sentiu bem melhor. Fazia muito tempo que não sentava com as costas eretas. Começou a pensar no que iria contar ao anjo sobre os segredos da terra.

Ariel começou: "Muitas pessoas acreditam que um anjo é um fantasma que fica voando por aí, entre o céu e a terra, sem um corpo de verdade...".

"É justamente assim que eu imaginava os anjos."

"Pois saiba que é bem o contrário. Para nós, vocês é que são leves, feitos de ar. Quando você chuta uma pedra, seu pé bate na pedra. Se eu fizesse isso, simplesmente passaria através da pedra. Para mim a pedra é tão sólida como um fiapo de nuvem."

"Bem, já que é assim, compreendo que vocês passem através das portas e das janelas sem se machucar. Mas não compreendo como as paredes não ficam marcadas."

"Quando você caminha no meio da neblina, ela também não fica marcada. E quando você pensa em alguma coisa, seus pensamentos

não podem fazer nenhum mal para o mundo ao redor."

"Pode ser. Mas se você consegue passar através da parede, é porque você não tem um corpo propriamente dito."

"Toque no meu pé, Cecília."

Ela segurou o pé de Ariel e o apertou entre dois dedos. Parecia feito de aço.

Ariel disse: "Nosso corpo é muito mais sólido do que qualquer coisa que existe na criação. Um anjo não pode ser destruído, jamais. Nós não temos um corpo de carne e osso do qual nossa alma possa se separar".

"Você deveria ficar bem contente com isso."

"Mas a natureza não é assim. Aqui tudo é destruído com muita facilidade. Até uma montanha vai aos poucos sendo corroída pelas forças da natureza, até que acaba se desmanchando, virando areia e terra."

"Obrigada pela informação, mas já sei de tudo isso."

"Vocês é que são fantasmas para nós, Cecília, e não o contrário. Vocês vão e vêm. São vocês que não duram. São vocês que aparecem de repente, e cada vez que uma criança recém-nascida é colocada dentro da barriga da mãe, é uma grande maravilha que se repete. Porém, com a mesma rapidez vocês se vão. Parece que vocês são bolhas de sabão que Deus vai soprando."

Cecília apertou os olhos, desconfiada.

"Desculpe a franqueza, mas isso me parece meio suspeito."

Ele concordou.

"Até que você falou bem — é suspeito mesmo. Existe uma grande brincadeira se armando na natureza, uma grande travessura fervendo no caldeirão da criação."

"Não fico nem um pouco sossegada sabendo que sou uma travessura fervendo no caldeirão. Também não gosto da ideia de ser um 'fantasma'."

Ariel pôs uma das mãos na boca, como se percebesse que falara demais. E depressa acrescentou: "Mas vocês não são fantasmas um para o outro. Pois não é verdade que seu pai precisa segurar você com toda a

força e flexionar todos os músculos sempre que carrega você lá para a sala?".

"Blá, blá, blá!"

"Por que você diz isso?"

"Você sempre tem uma resposta esperta para tudo o que eu pergunto. Só que ainda não confirmei se tudo isso que você diz é verdade."

"Pronto, lá vamos nós outra vez!"

"Aonde?"

"Você continua achando que eu falo mentiras."

Ela fingiu não ouvir, e perguntou: "Por exemplo, você consegue atravessar essa parede e ir até o quarto da mamãe e do papai, ver se eles estão dormindo?".

"Não se deve brincar com essas coisas..."

"Uma vez só, então?"

Ariel levantou-se da cadeira e atravessou o quarto devagar. Quando chegou em frente à parede, simplesmente continuou andando. Cecília ficou olhando enquanto ele deslizava através da parede. Por fim sobrou apenas um pé, que também foi sugado pela parede e desapareceu. Alguns segundos depois aconteceu o contrário: Ariel veio deslizando devagarzinho para fora da parede, e parou no meio do quarto.

"Os dois estão dormindo abraçados. O despertador está marcado para as sete."

"Bravo!", exclamou Cecília, batendo palmas. "Quer dizer que nem preciso ir dormir no quarto deles."

"Não. Se você quiser alguma coisa, posso acordá-los mais depressa do que qualquer despertador."

"É mesmo?"

Ele deu um sorriso resignado, vendo que, mais uma vez, ela não acreditava nas suas palavras. Daí disse: "É muito engraçado! As pessoas sempre pensam que acordaram sozinhas. Daí dizem: 'Puxa, que estranho! Como será que acordei justo agora? Estou com uma sensação de que alguma coisa está errada'".

"Foi divertido ver você fazer aquilo."

"Também é divertido olhar os adultos dormindo. Às vezes eles parecem criancinhas. Talvez estejam sonhando que estão lá fora, brincando na neve."

O rosto de Cecília se iluminou.

"Que boa ideia! Não dá para você ir até lá embaixo e me trazer uma bola de neve? Para você é fácil — você não precisa nem destrancar a porta!"

Ariel já tinha se levantado da cadeira.

"Basta eu enfiar a mão pela janela. O peitoril está coberto de neve, aqui do lado de fora."

E assim fez: pulou em cima da escrivaninha e enfiou o braço direito através da janela fechada. Dali a um instante já estava de volta, em pé no meio do quarto com uma bolinha de neve na mão. A vidraça continuava intacta.

Cecília assistia de olhos arregalados.

"Puxa! Que bárbaro!"

"Está satisfeita agora?"

"Não totalmente. Gostaria de sentir a neve na mão."

"Pronto", disse Ariel, e jogou a bola de neve sobre o acolchoado. Cecília a pegou nas mãos.

"Geladinha! É a primeira vez que eu sinto a neve deste inverno."

"A neve deste inverno", repetiu Ariel. "É como dizer 'as frutas da estação', ou 'frutos do mar'."

Cecília encostou a bola de neve no rosto. Quando começou a pingar, enfiou-a no copo sobre a mesinha de cabeceira. Ariel voltou a sentar na cadeira.

"Eu nunca senti a neve", falou, quase com mágoa. "E jamais vou conseguir sentir. Para todo o sempre!"

"Você está brincando! Pois você acaba de sentir!"

"Não senti nada. Os anjos não *sentem* nada, Cecília."

"Mas você não sentiu que a neve era fria?"

Ele fez uma cara resignada.

"Você precisa aprender direito essas coisas; senão, não vai ter graça conversar com você. Para nós, sentir uma bola de neve é o mesmo que

sentir um pensamento. Você também não consegue *sentir* a lembrança da neve que caiu o ano passado."

"Não mesmo."

Ariel perguntou: "Qual é a sensação de segurar uma bola de neve nas mãos?".

"É frio... gelado."

"Você já disse isso."

Cecília fez mais um esforço: "A pele da gente arde, sente umas comichões, umas alfinetadas. É como se fosse uma bala de hortelã bem forte. A gente sente vontade de tirar a mão e ficar tremendo de frio. Mas, ao mesmo tempo, é gostoso".

Ariel, inclinando a cabeça, ouviu com toda a atenção. Por fim disse: "Nunca provei uma bala de hortelã. Também nunca tremi de frio".

Só agora Cecília percebeu que era tão difícil para Ariel compreender as coisas da terra como para ela entender as coisas do céu. Disse então: "Deve ser horrível encostar a mão em algo e não sentir nada. Uma das coisas que eu mais detesto é tomar anestesia no dentista".

"Anestesia no dentista", repetiu ele.

"Mas deve ser pior ainda estar completamente anestesiado. A gente nem pode sentir que está viva."

Ariel fez uma cara impenetrável. Daí perguntou: "Você tem sensibilidade no corpo todo?".

Cecília riu e respondeu: "Não, no cabelo não, nem nas unhas".

"Mas você sente em todo lugar do corpo onde há pele, isto é, em quase todo lugar. Sua carne e seu sangue ficam dentro dessa roupa mágica, que ajuda você a sentir tudo o que existe ao seu redor. Imagine, ser possível criar uma coisa assim!"

"Uma roupa mágica?"

"Sua pele, Cecília. Essa teia de nervos, tão finamente tecida. Quando Deus criou o mundo, fez as coisas de uma maneira tão engenhosa que a criação é capaz de sentir a si mesma. Não acha que é muita inteligência?"

"Talvez..."

"Diga, você tem a mesma sensibilidade no corpo inteiro?"

Ela precisou pensar um pouco.

"Não, não sinto cócegas do mesmo modo em todo lugar. Em alguns lugares é mais gostoso quando alguém faz cócegas. É tão gostoso que quase dói. Você sabia que uma coisa pode ser tão gostosa que quase dói?"

"Você sabia que uma coisa pode ser tão gostosa que quase dói?"

"Outra vez repetindo como um papagaio!"

Ariel deu um "não" vigoroso com a cabecinha careca.

"Estou só tentando compreender o que você diz. E uma coisa também pode doer tanto que quase é gostosa?"

"Não..."

"Desculpe perguntar. É que os anjos não sabem exatamente o que é a dor."

"É mesmo? Vocês são tão insensíveis como a terra, as pedras?"

Ele concordou solenemente: "Ou mais!".

"Não sei o que eu preferiria."

"O quê: ser uma pedra ou um anjo?"

"Não! Quero dizer que se eu não tivesse sentimentos, também nunca sentiria dor. Talvez o melhor mesmo seja ficar completamente anestesiado."

"Nesse caso, quem sabe é do dentista que você não gosta, e não da anestesia."

Ela concordou.

"Mas fico meio preocupada sabendo que os anjos do céu não sabem a diferença entre o que é gostoso e o que dói."

Mais uma vez ela estava prestes a dizer que não tinha certeza se acreditava em anjos. Então teve uma súbita inspiração: "Por que você não tem asas?".

Ele riu.

"Isso de 'anjos com asas' é apenas uma velha superstição. Começou na época em que as pessoas achavam que o mundo era plano como uma panqueca, e que os anjos ficam voando entre o céu e a terra. Mas as coisas não são tão simples assim."

"Então como são as coisas?"

“Os pássaros precisam de asas para voar, porque são feitos de carne e osso. Mas nós somos feitos de espírito, portanto não precisamos de asas para nos mover pela criação.”

Ela sorriu.

“É isso que acontece com os meus pensamentos. Eles não precisam de asas para voar pelo mundo afora.”

Antes que ela acabasse de falar, Ariel se levantou da cadeira e saiu pairando pelo quarto, como um balão cheio de ar. Cecília o observava.

“Que legal!”, exclamou. “Super! Mas *nem assim* você tem uma sensação maravilhosa?”

Ariel voltou a pousar em frente à estante de livros.

“Não sinto nada.”

“Imagine! Deve ser uma sensação estranhíssima, não sentir nada!”

“Mas os seus pensamentos não podem *sentir* o que eles estão pensando, do modo como você *sente* uma bola de neve nas mãos.”

Ariel tocou no novo par de esquis, encostados na parede, e perguntou: “É gostoso esquiar?”.

“Muito. Logo mais vou experimentá-los.”

“Mas deve ser uma experiência bem ‘fria’, principalmente quando a pessoa cai na neve. Vocês ficam tremendo e com aquele gosto forte de hortelã no corpo todo?”

“Não com bastante roupa quente. A gente só sente que a neve é macia como algodão. Às vezes a gente tira os esquis, deita na neve e faz um ‘anjo’ com os braços. É superlegal!”

Ariel recolocou os esquis no lugar e disse: “Nós vemos vocês fazerem isso e apreciamos muito. Isso também mostra como as crianças humanas têm uma relação estreita com as crianças de Deus no céu”.

“É mesmo?”

“Sim” disse ele, solene. “Em primeiro lugar, porque vocês desenham anjos. Vocês poderiam muito bem fazer algum outro desenho completamente diferente. Em segundo lugar, porque vocês se divertem tanto fazendo isso. Todos os anjos gostam de se divertir.”

“Você não acha que os adultos também gostam de se divertir?”

Ariel deu de ombros.

"Você já viu algum adulto tirar os esquis e ficar deitado de barriga para baixo desenhando anjos na neve?"

"Sim senhor! Uma vez a vovó fez exatamente isso."

"Então! Está vendo?"

"O quê?"

"Ela não perdeu o contato com a criança que há dentro dela."

E com isso Ariel saiu de novo pairando pelo quarto. Quando pousou na cadeira ao lado da cama, disse: "Desculpe dizer, mas isso está ficando um pouquinho chato".

"O quê?"

Ele deu um suspiro resignado.

"Este é um raro encontro entre o céu e a terra. Nós combinamos que eu ia lhe contar uma porção de coisas sobre os segredos do céu, contanto que *você* me contasse qual é a sensação de ser uma pessoa feita de carne e osso."

Cecília de repente se sentiu desanimada e exausta. Achou que o anjo Ariel já estava começando a se repetir. Daí disse: "É meio chato, mesmo, ficar o tempo todo aqui deitada".

Ele concordou.

"Até agora esta visita que estou fazendo a você não foi das mais divertidas."

"Escute, vamos descer para a sala? Só fiquei lá um pouquinho, quando distribuíram os presentes."

"Escute, vamos descer para a sala?", repetiu Ariel. "Sim, por que não? Ainda é noite de Natal."

"Você acha que pode me ajudar a descer a escada?"

"Claro que sim."

"Mas você consegue me carregar?"

"Para nós vocês não pesam nada, Cecília."

"Então me leve lá para baixo!"

Ariel passou o braço por baixo das costas de Cecília e levantou-a da cama. Foi uma sensação bem diferente daquela de ser levantada pelo pai. Seu pai costumava suar, bufar, fazer uma tremenda história. Nos braços do anjo Cecília se sentiu leve como uma pluma, embora ele fosse muito menor que ela.

Saíram para o corredor de mansinho e desceram a escada até o andar térreo. No hall não havia vovô nenhum fumando charuto. Mas se ele estivesse ali, será que teria visto o anjo Ariel? Ou pensaria que Cecília estava pairando sozinha no ar?

A sala estava quase totalmente escura. Só estava acesa a lâmpada acima da poltrona verde.

"Eles costumam me botar no sofá", disse ela.

Ariel colocou-a cuidadosamente no sofá vermelho, e Cecília olhou para cima.

"Ora, eles apagaram as luzinhas da árvore! Mas que bobagem!"

Num instante Ariel enfiou o plugue na tomada. Parou então em frente à árvore e abriu os braços. As lampadazinhas acesas encheram a sala toda com uma inconfundível sensação de Natal.

"Essa foi rápida", disse ela. "Você parece aquele gênio da lâmpada, que atende a todos os desejos da gente. Viu como a árvore ficou bonita?"

"Sim, as lâmpadas parecem até as luzes do céu."

"É mesmo? Sempre pensei nisso. E lá eles também põem algodão em volta das lâmpadas?"

"As luzes do céu são as estrelas e os planetas", explicou ele. "Há diversos gases em torno de certos planetas. Você não acha que talvez seja por isso que vocês põem algodão em volta das luzinhas da árvore?"

"Nunca tinha pensado nisso. Mas todos os anos no Natal, sem falhar um, nós discutimos até cansar se devemos ou não botar algodão na árvore. A mamãe odeia, e a vovó também. Mas este ano elas não se atreveram a me contrariar."

"Bem, pelo menos uma estrelinha vocês têm, lá no alto da árvore."

Ela ergueu os olhos.

"A outra que nós tínhamos desapareceu de repente. E essa daí está meio torta..."

Num instante Ariel já pairava acima da árvore de Natal, lá no alto. Cecília assistia de olhos arregalados. Havia alguns anjinhos de papel pendurados na árvore, uns brancos, outros dourados. E agora havia um anjo de verdade voando em torno dela!

"Veja agora. Está direita?"

"Acho que sim... Mas não desça ainda! Gosto tanto de ver você voando por aí."

Ariel ficou pairando lá em cima, perto do teto; de repente mergulhou de cabeça e parou um metro acima da mesa de jantar.

"Eu bem que gostaria de voar", disse ela. "Daí eu poderia fugir de tudo."

Ele apontou para a travessa cheia de marzipãs coloridos e fatias de bolo.

"Eles não tiraram a travessa de doces."

"Não. Por favor, sirva-se."

Ariel, circulando acima da travessa, disse: "Seria ótimo se eu pudesse".

"Claro que pode! Você nem imagina a quantidade de comida que foi preparada para o Natal."

Ele deu um suspiro profundo.

"Já lhe disse, os anjos não comem. Nós não *conseguimos* comer."

"Ah!... esqueci."

"'O tempo é como um rio que corre sem parar, levando todo mundo embora, gerações e gerações.' E assim novas mesas continuam sendo postas com diferentes tipos de comida e bebida; porém, os anjos do céu jamais conhecerão o gosto das alegrias terrenas."

"Quer me passar um biscoito?"

Ariel deu um mergulho e pegou um biscoito na travessa. Daí veio flutuando pela sala e entregou-o a Cecília, que mordiscou uns pedacinhos pequeninos. Ariel ficou pairando acima do sofá em que ela estava deitada.

"É engraçadíssimo ver o jeito como vocês, seres humanos, comem", disse ele.

"Ora, por quê?"

"Vocês põem uma coisa dentro da boca, daí estalam os lábios, mastigam e sentem um gosto, ou disso ou daquilo, antes que a comida se transforme em carne e osso."

"Sim, é isso mesmo que acontece."

"Quantos sabores diferentes existem?"

"Não faço ideia. Acho que ninguém ainda fez uma boa lista com todos os sabores."

"Qual é o melhor de todos, para você?"

Ela pensou muito bem antes de responder.

"Morangos, talvez... morangos com sorvete."

Ele comentou: "Sorvete! Parece tão estranho pôr na boca um montinho de hortelã gelada! Você não sente tremer e fazer cócegas lá por dentro?".

"Do jeito que você fala, parece esquisitíssimo. Mas é verdade que às vezes o sorvete me faz cócegas bem lá dentro do estômago. É legal!"

Ariel continuou pairando no ar acima do sofá. Por vezes dava um passinho atrás, ou então chegava mais perto, balançando suavemente como numa gangorra. Daí apontou para a mesa do jantar e disse: "Sobraram uns morangos ali naquela travessa".

Ela riu.

"Não, esses aí são os morangos de marzipã do Lars."

"E têm um gosto muito diferente dos outros morangos?"

“Sim, muito diferente. Mas tanto um como outro podem entrar na lista dos gostos mais gostosos”, disse Cecília, olhando nos penetrantes olhos azuis de Ariel, de uma intensa cor de safira.

“Daria para você explicar a diferença entre um morango comum e um morango de marzipã?”

Cecília continuava mordiscando o biscoito. Deu uma boa olhada para a travessa de marzipãs e respirou fundo. Por fim disse: “Bem, o morango de jardim tem um gosto doce e azedo — e também vermelho, é claro. Agora, se você comer um morango de marzipã, ele também vai ter um gosto vermelho, porque nós colocamos corante; mas, em primeiro lugar, tem um gosto delicioso de marzipã, um gosto doce, bem sequinho”.

“Um gosto delicioso de marzipã, um gosto doce, bem sequinho.”

“Você sabia que o marzipã é feito de amêndoas? É por isso que falei ‘doce e bem sequinho’ — porque as nozes são bem secas. O sabor doce vem da cobertura de açúcar.”

Cecília lambeu umas migalhas da mão.

“Para falar a verdade, nesse momento não estou com vontade de comer nenhum dos dois, porque não estou me sentindo bem. Mas já que é Natal, acho que eu deveria pelo menos pensar um pouco nessas coisas.”

Ariel sacudiu a cabeça em desespero.

“Você explicou, mas eu continuo sem entender. Os sabores e coisas desse tipo são mistérios insondáveis para os anjos no céu.”

“Mas com certeza não para Deus, já que foi ele quem nos criou?”

Ariel veio descendo, flutuando pelo ar, e sentou-se sobre as pernas dela. Seu peso era zero. E mal encostava nela; Cecília não sentiu nem cócegas.

“Nem sempre nós compreendemos aquilo que criamos”, disse ele.

“Por que não?”

“Por exemplo, você pode desenhar ou pintar alguma coisa numa folha de papel. Mas isso não quer dizer que você compreende qual é a sensação de *ser* aquilo que você desenhou.”

“Isso é muito diferente, porque essa coisa desenhada não é viva.”

"Justamente, isso é que é estranho!"

"O quê?"

"Que os seres humanos sejam vivos."

Cecília olhou para o teto.

"Num ponto você tem razão: Deus não compreende, mesmo, como é idiota a gente estar doente bem na véspera do Natal..."

Ele a interrompeu: "Depois podemos conversar sobre Deus. Antes você ia me contar como é ser uma pessoa, alguém de carne e osso".

"Pergunte, então! Pergunte o que quiser."

"Já falamos de como é sentir um sabor. Outra coisa muito estranha é que vocês conseguem sentir os diferentes cheiros das coisas, sem nem precisar pôr o nariz perto daquilo que vocês estão cheirando. Afinal de contas, o *que são* esses tais 'cheiros' que andam flutuando pela criação?"

"Quer dizer que você também não consegue sentir o cheiro da árvore de Natal?"

Ele deu um suspiro desanimado.

"Os anjos não possuem os cinco sentidos, Cecília. Isto aqui não é exame de religião, mas você precisa tentar aprender."

"Desculpe."

"Como é o cheiro da árvore?"

"É verde... é um cheiro fresco, ácido... e um pouquinho úmido. Mas também é um cheiro doce. Eu diria que o cheiro da árvore de Natal já é quase a metade da sensação de Natal. Em segundo lugar vem o cheiro de repolho temperado, e em terceiro o de incenso. Em quarto lugar vem o charuto do vovô, mas às vezes isso já passa da conta."

"E o cheiro das luzinhas acesas, você sente?"

"Não, isso não."

"Então há uma contradição no que você disse."

"Bem, na verdade a árvore tem um cheiro um pouquinho diferente depois que está enfeitada e com as luzes acesas. É só uma diferença pequena, mas esse pouquinho extra é muito importante para a sensação de Natal."

"Está bem... Parece que não vamos progredir muito em relação aos cheiros. Vai ser como a nossa conversa sobre os sabores. E há também

um número infinito de cheiros?"

"Talvez sim, mas creio que os seres humanos não têm muita sensibilidade para os cheiros. Nós conseguimos distinguir talvez uns cem cheiros diferentes, ao passo que podemos sentir uns mil gostos diferentes. Já os cachorros têm um olfato muito melhor. Acho que eles percebem a diferença entre milhares e milhares de cheiros. E não é para menos — metade da cara do cachorro é aquele nariz enorme."

"Até que você não é tão ruim para dar explicações. Daria para você me explicar como é enxergar?"

"Ora, mas você enxerga tão bem como eu!"

Ariel levantou-se do sofá, saiu planando pela sala e foi pousar na poltrona verde. Era tão pequeno em relação à poltrona que parecia que ia afundar ali dentro.

"Não enxergo as coisas do mesmo modo que você. Não sou feito de terra e água; não sou um pedaço vivo de massinha de modelar."

"Então de que modo você vê?"

"Pode chamar de presença espiritual."

"Mas você me *enxerga?*"

Ele abanou a cabeça.

"Eu simplesmente estou aqui."

"Ora, eu também. E estamos enxergando um ao outro o tempo todo, não é mesmo?"

"Escute, você diria que enxerga quando sonha?"

"Muitas vezes eu vejo tudo claramente nos meus sonhos."

"Mas não com os olhos."

"Não, pois eles ficam fechados quando eu durmo."

"Então, talvez você consiga compreender que há diversas maneiras de ver. Algumas pessoas são cegas, e têm de usar seu olho interior. É com esse olho que você vê quando tem um sonho agradável."

"Olho interior? Como assim?"

"É muito diferente de quando você pisca os olhos e usa as suas duas lentes vivas para ver natureza ao redor. Se você descasca uma cebola, ou um cisco de poeira entra no seu olho, sua vista fica irritada. No pior

dos casos, ela pode até ser completamente prejudicada. Mas nada pode afetar o olho interior."

"Por que não?"

"Porque ele não é feito de carne, ossos e sangue."

"É feito de quê, então?"

"De mente e pensamento."

"Nossa, que esquisito! Dá até um pouco de medo."

Ariel descansou as mãos nos braços da poltrona, e ficou parecendo menor ainda em relação àquela poltrona tão funda. Disse então: "Acho muito mais esquisito saber que dois olhos vivos, feitos de átomos e moléculas, possam enxergar tudo o que existe numa sala. Vocês podem até olhar para o universo e perceber um pouquinho da glória dos céus. Mas com o que vocês veem? Com um par de bolotinhas que parecem de vidro, bem próximas dos olhos dos peixes".

"Do jeito que você coloca as coisas, fica tudo muito misterioso."

"Não mais do que já é! Pense nisso: no passado, há muitos milhões de anos, alguns peixes do mar foram desenvolvendo um par de nadadeiras com ossos, que lhes permitiam caminhar. Assim, essas pequenas criaturas anfíbias saíram do mar, começaram a rastejar em terra firme e logo foram procurar algo para comer. E hoje vocês conseguem enxergar coisas que existem no universo a uma distância de milhares de anos-luz, com esses mesmos olhos que antes não tinham nenhuma estrela para olhar — só as estrelas-do-mar e os ouriços. E mais ainda: vocês podem até se deitar num sofá vermelho e olhar nos olhos de um anjo do Senhor."

Ela riu.

"Concordo com você. Pensando bem, é muito estranho mesmo."

"Se Deus não tivesse criado a visão, ele não poderia compartilhar a criação com os seres humanos. O Jardim do Éden ficaria eternamente numa escuridão de breu."

"Numa escuridão de breu", repetiu Cecília, achando essas palavras terrivelmente tristes.

"Cada olho é um pedacinho do divino mistério", continuou Ariel. "É na visão que o objeto e o pensamento se encontram. É o portal de

pérolas entre o sol e a mente. O olho humano é um espelho, onde o espaço criativo da consciência de Deus se encontra consigo mesmo no espaço criado do lado de fora."

Ela o deteve com um gesto.

"Acho que não compreendi essas últimas palavras que você disse."

E o anjo Ariel explicou: "Alguns anjos do céu acreditam que cada olho que vê a criação divina é o próprio olho de Deus. Pois quem sabe Deus não tem muitos milhões de olhos? Quem sabe ele não espalhou esses bilhões de pequenas fotocélulas por toda a criação simplesmente para poder ver tudo o que ele mesmo criou, a partir de bilhões de ângulos diferentes. E já que vocês, seres humanos, não conseguem nadar centenas de metros debaixo do mar, ele deu olhos aos peixes também. E embora vocês também não possam voar, a cada instante há um tapete vivo de olhos de pássaros voando pelo céu, espiando a terra lá embaixo. E não é só isso".

"Me conte mais, por favor!"

"Às vezes acontece que um ser humano levanta os olhos para a sua origem celestial. Daí é como se Deus visse a si próprio no espelho."

"Céu e mar!", exclamou ela.

"Sim, como o céu e o mar."

"E aí?"

"Assim como o céu se espelha no mar, também Deus pode se espelhar num par de olhos humanos. Pois os olhos são o espelho da alma, e Deus é capaz de se refletir numa alma humana."

Cecília ficou muito impressionada.

"Sabe de uma coisa? Você devia ser padre. A menos que tudo isso seja uma grande heresia."

Ele deu um sorriso travesso.

"Lá no céu nós não fazemos tanta questão dessas coisas. Lá nós sempre soubemos que a criação é um grande quebra-cabeça. E num quebra-cabeça, a gente também deve arriscar adivinhar um pouco."

Cecília curvou os ombros, pensativa.

"Quando você fica assim sério, sinto um arrepio que me sobe e desce pela espinha. Mas talvez também seja um pouco de febre. Precisamos

mesmo continuar conversando sobre os cinco sentidos?"

"Só faltam dois. Você gosta de música e de cantar?"

"Agora estou gostando de ouvir canções de Natal. Antes de conhecer você, eu achava que a minha cantora favorita parecia um anjo. Mas agora percebo que o 'cabelo de anjo' que ela tem mostra apenas que ela também descende dos macacos... Aliás, tem gente que me acha parecida com ela."

"É mesmo?"

"O que você acha?"

"Posso ver uma semelhança."

"Quer dizer que você já viu essa artista?"

"Seria bem difícil não vê-la!"

"De qual sentido estamos falando agora?"

Ariel riu.

"É muito engraçado conversar com você, Cecília. Perguntei se você gosta de música para que você me conte como é a sensação de escutar. Os anjos no céu simplesmente não conseguem compreender que os seres de carne e osso tenham ganho de presente essa capacidade."

"Por quê? É tão estranho assim?"

"Você não acha que é um pequeno mistério que os passarinhos cantem tão alto que um consegue escutar a canção do outro a quilômetros de distância? Essas coisinhas tão minúsculas são verdadeiras flautas vivas, tocando sozinhas sem cessar. E também é incrível, impressionante, que as palavras que eu falo consigam chegar até você."

"Acho que você está outra vez exagerando a diferença entre nós. Você também consegue ouvir o que eu digo."

Ariel soltou um suspiro fundo.

"Se você continuar nos comparando só para facilitar as coisas, acho melhor eu ir visitar algum outro paciente. Sabe, existem muitíssimas pessoas doentes que nunca receberam nem uma única visitinha de um anjo."

Cecília não perdeu tempo para responder: "Já sei! Você quer dizer que não escuta com os ouvidos, como eu, mas que nós dois, assim...

misturamos os nossos pensamentos".

"Isso mesmo, algo desse tipo. Aliás, me desculpe ter falado sobre o outro doente. Não é culpa sua se você só compreende as coisas em parte. Vocês, seres humanos, enxergam tudo num espelho, num enigma."

"Num espelho, num enigma..."

"Dessa vez o papagaio foi você", disse Ariel.

"Eu só estava sentindo o gosto das palavras!"

"Antigamente a terra era deserta e vazia", disse Ariel. "E então ela se tornou capaz de escutar os seus próprios sons. Milhões de anos antes disso já existiam raios e trovões, o mar quebrava nos rochedos, os vulcões lançavam seus rios de lava com tremenda violência. Mas ninguém escutava absolutamente nada! Hoje, porém, este planeta é capaz de escutar seus próprios sons. Vênus não consegue fazer isso, nem Marte. E se por acaso tudo fica muito quieto por aqui, a única coisa que vocês precisam fazer é tocar um concerto para órgão de Johann Sebastian Bach. Agora, o que eu mais gosto são os grandes shows e concertos ao ar livre. Daí os sons mais lindos do planeta se difundem pelo espaço. E há também os concertos no rádio. O planeta toca a sua própria música. Ouça: o globo terrestre é um pião, um pião musical girando sem parar, rodopiando em torno de uma estrela, um sol de fogo na Via Láctea."

"Você deveria ser poeta", sugeriu Cecília. "Contanto que não fosse moderno demais."

"Eu preferiria estudar as ciências naturais. É que não consigo compreender o que realmente acontece quando vocês conversam, e saem palavras invisíveis da boca de um e entram no ouvido do outro, enfiando-se por uma passagem tão estreita, e acabam se fundindo numa espécie de gelatina, que é o cérebro de vocês!"

E foi justamente isso que aconteceu nesse momento, bem como o anjo descreveu. As estranhas palavras que ele acabava de dizer se fundiram no cérebro de Cecília e se tornaram seus próprios pensamentos. Ela então ficou tanto tempo quieta, deitada no sofá pensando em tudo isso, que Ariel começou a falar de novo: "E também

é estranho como vocês conseguem formar tantas palavras na boca. Às vezes elas saem numa velocidade tremenda — é como se as palavras se despejassem para fora sozinhas. Não acontece às vezes de vocês não saberem exatamente o que disseram, e só ficarem sabendo depois que já falaram?".

Ela baixou os olhos, refletindo.

"Nem sempre a gente pensa no que está fazendo. Quando tenho de correr para a escola, eu apenas corro, só isso. Não tenho tempo de pensar na maneira como estou mexendo as pernas. Se pensasse, com certeza iria tropeçar. É a mesma coisa quando a gente fala com os outros: às vezes a gente tropeça nas palavras."

"Além disso, enquanto vocês falam precisam respirar também — ficar o tempo todo inspirando e soltando o ar. Isso também acontece sozinho?"

"Acho que sim."

"Parece meio sinistro. Se você se esquecesse de respirar uma única vez, seu coração iria parar de bater. E se o seu coração parasse de bater..."

"Pare!", interrompeu Cecília. "Felizmente, temos outras coisas para pensar."

Ele tapou a boca.

"Desculpe! Estávamos falando sobre a maneira como vocês formam todas essas palavras invisíveis na boca, antes que elas saiam flutuando e vão da boca de um para o ouvido do outro. Diga uma coisa: é verdade que a voz de cada pessoa é diferente?"

"Com certeza. Quando minha mãe fala: 'Dormiu bem?', é muito diferente da voz do meu pai ou do meu avô dizendo exatamente a mesma coisa. Posso enfiar a cabeça todinha debaixo do cobertor e saber perfeitamente quem está falando comigo. Cada pessoa fala cada palavra de uma maneira um pouquinho diferente. O mesmo vale para os instrumentos musicais. O som de um clarinete tocando um dó é muito diferente do som da mesma nota num violino. E eu já li que não existem dois violinos que tenham exatamente a mesma ressonância. Assim também acontece com as nossas vozes."

“Isso mostra como a voz e o ouvido são dois instrumentos delicados.”

“Mesmo com a janela fechada eu consigo escutar que o vento está soprando lá fora, ou que o carteiro vem chegando de bicicleta — ah, você precisava ver a cara dele quando ele caiu da bicicleta!”

“Eu estava sentado na janela, junto com você.”

“Puxa, mas você está em todo lugar! Às vezes, quando a casa está em completo silêncio, consigo escutar a neve caindo.”

Cecília se empolgou.

“E sabe de uma coisa? Nessas horas, eu consigo *ver* com os meus ouvidos!”

“Absurdo!”, disse o anjo Ariel, severo. “Sei que estamos falando de coisas extraordinárias, mas você não deve brincar comigo assim.”

“Mas é verdade! Quando fico deitada lá no meu quarto escutando os barulhos que vêm aqui de baixo, consigo mais ou menos ver o que eles estão fazendo, e como estão as coisas por aqui.”

“Nesse caso, você também recebeu de presente um pouquinho da visão do anjos.”

Cecília se endireitou no sofá.

“Pois é, eu acho, mesmo, que você exagera a diferença entre os anjos e as pessoas.”

“Isso torna as coisas ainda mais estranhas, já que nosso passado é muito diferente. Os seres humanos foram fabricados a partir de alguns milhões de moléculas, num planeta qualquer girando no espaço, e só estão aqui por pouco tempo. No entanto, vocês dançam por toda a criação com pés ligeiros! Vocês conversam e riem e têm pensamentos inteligentes, exatamente como os anjos no céu.”

“Você não acha que também é estranho ser anjo?”

“Já conversamos sobre isso. A diferença é que nós sempre estivemos por aqui. Além disso, nós sabemos que jamais vamos cair no espaço vazio, como uma bolha de sabão que já esgotou o seu tempo de vida. Nós simplesmente *somos,* Cecília. Somos o que sempre foi e sempre será. Vocês não; vocês vão e vêm...”

Ela deu um grande suspiro.

"Gostaria de já ter pensado mais em tudo isso, em *como é* viver."

"Nunca é tarde para começar."

"Não sei bem por quê, mas de repente fiquei tão triste..."

"Não fique triste! Senão eu vou ter de compreender, consolar. Às vezes tenho a impressão de que vocês, seres humanos, não fazem mais nada além de gemer e se queixar."

"Fácil para *você* dizer isso!"

"Já conversamos sobre quatro dos cinco sentidos; só falta um. Esse é um pouco mais vago, mas também muito curioso."

Ela enxugou uma lágrima.

"Não me lembro como se chama o quinto sentido. É o tato?"

"Isso mesmo. Já falamos sobre essa fina capa de pele, recoberta de pelos, que envolve o corpo todo de vocês, desde a cabeça até os dedos dos pés. Quando você come, sente o gosto da comida com a língua; mas, de certa forma, vocês são capazes de 'sentir o gosto' com o corpo inteiro. Podem sentir se alguma coisa é fria ou quente, seca ou molhada, lisa ou áspera."

"Não acho isso tão extraordinário."

"Pois, para um anjo, esse talvez seja o mais surpreendente dos cinco sentidos. As pedrinhas à beira-mar não conseguem *sentir* que estão batendo uma na outra quando as ondas quebram na praia. Uma pedra não sente que você a está segurando na mão. Mas *você* sente a pedra."

"Falando nisso, você já viu minha coleção? Algumas eu comprei, outras ganhei de presente, mas a maioria encontrei na praia. Numa 'praia desconhecida'."

"Sim, em Creta."

Cecília sentiu-se quase traída.

"Puxa, até isso você já sabia?"

"Sim, e já olhei suas pedras muitas vezes enquanto você dormia. Mas jamais vou conseguir compreender como é sentir uma pedra na minha mão."

"Nesse caso, você está perdendo uma coisa importante. Algumas são tão redondinhas e lisinhas que até me dão vontade de rir."

Ariel ficou em pé na poltrona verde e começou a subir para o teto devagar. Pairando no ar, disse: “Agora já conversamos sobre todos os cinco sentidos”.

“Mas existe um sexto sentido também”, interrompeu Cecília.

“É mesmo?”

“Sim, há pessoas que acreditam que têm um sentido extra, que as ajuda a saber coisas que não dá para perceber com os cinco sentidos comuns. Por exemplo, elas conseguem adivinhar o que vai acontecer no futuro, ou saber onde está alguma coisa que alguém perdeu. Outras pessoas acham que isso tudo é pura superstição.”

Ele lhe deu uma piscada, como se compartilhasse um segredo.

“Talvez algum dia esse sexto sentido nos ajude a encontrar a velha estrela de Natal.”

“Ora, então você sabe onde ela está?”

“Isso é o que nós vamos ver...”

Cecília se acomodou melhor no sofá, e ficou pensando sobre o Natal. Daí falou: “Será que a sensação de Natal tem alguma coisa a ver com o sexto sentido? Quem sabe na época de Natal a gente fica um pouco mais parecida com os anjos do que durante o resto do ano? Mas o Natal se relaciona com todos os sentidos. Eu consigo sentir o cheiro do Natal, sentir o gosto do Natal, consigo ver e ouvir o Natal. E consigo também apalpar cada pacote e adivinhar o que há dentro”.

Os olhos de Ariel brilharam.

“*O que há dentro!* Sim, gostaria de conversar sobre isso também.”

“Sobre o que há dentro dos pacotes de Natal?”

“Não, sobre o que há dentro de você.”

“Argh, é nojento!”

“Isso é muito estranho.”

“O quê?”

“Que vocês, seres humanos, achem nojento falar sobre a matéria de que são feitos. Imagine se uma pedra não suportasse pensar que é uma pedra! Seria uma pedra muito infeliz, pois teria de conviver com sua autorrepugnância durante milhares de anos, até se dissolver aos poucos e ir virando areia. Mas vocês não duram tanto assim.”

“Nesse caso, temos de falar sobre o que há dentro. Mas com uma condição.”

“Qual?”

“Que você prometa me contar depois uma porção de coisas maravilhosas sobre o céu.”

“Os anjos nunca quebram um trato.”

“Não mesmo. Se quebrassem, eu perderia a fé em tudo.”

“Talvez *você,* Cecília, possa me dar a resposta para algo que nós discutimos o tempo todo lá no céu, e por vezes discordamos frontalmente. É um pouco desagradável falar nisso, mas...”

“Vá, pergunte!”

Ele respirou fundo e disse: “Vocês sentem o sangue correndo nas veias?”.

“Só quando a gente se corta e sangra, ou quando tem de fazer exame de sangue. Mas aí o sangue escorre para fora.”

“E qual é a sensação?”

“Às vezes só faz cócegas, depois arde.”

“Mas vocês sentem a carne e o sangue dentro de vocês?”

“Não. Acho que nós somos feitos de uma tal maneira que não sentimos o que há debaixo da nossa pele. Podemos sentir um ao outro com a pele, mas, felizmente, ninguém precisa ficar sentindo a si mesmo o tempo todo.”

“Mas *alguma coisa* vocês devem sentir!”

Ela pensou um pouco e abanou a cabeça.

“Nada de nada, enquanto a gente está bem de saúde. Só sentimos quando dói.”

“Dói?”

“Sim, quando alguma coisa arde... ou espeta... ou machuca.”

Ele levantou os braços em desespero.

“Arde... espeta... machuca...”

Cecília disse: “Você nunca experimentou dar um beliscão no seu próprio braço?”.

“Não, nunca.”

“Você devia tentar. Senão, como pode ter certeza de que está acordado?”

Ariel tentou beliscar-se no braço, mas Cecília viu que ele não tinha muito jeito para a coisa.

“Os anjos não conseguem beliscar o próprio braço”, reconheceu ele. “Nós não sentimos nada.”

Cecília teve um sobressalto.

“Então você não pode saber se é real ou não!”

Por um segundo — ou até menos — pareceu que Ariel tinha desaparecido. Ou quem sabe foi Cecília quem piscou os olhos, só isso.

Quando ele voltou, disse: “Precisamos pôr você de volta na cama, depressa”.

“Por quê?”

“São sete horas. Faltam só alguns segundos para o despertador tocar. Aliás, já está tocando...”

Cecília acordou sentindo um peso no corpo inteiro. Lá fora o tempo estava muito claro e luminoso, bem como costuma ser na época de Natal.

Tinha apenas uma vaga lembrança das aventuras daquela noite. Ariel a levara nos braços até a sala lá embaixo. Depois a trouxera outra vez para cima, quando o despertador tocou no quarto dos pais.

"Ariel!", sussurrou ela.

Mas não houve resposta. Quem sabe ele só vinha à noite.

Cecília tocou a sineta na mesa de cabeceira. Não demorou quase nada para a mãe chegar — não muito mais do que Ariel demorou quando acendeu as luzes da árvore de Natal. De certa forma, ela também era uma espécie de gênio da lâmpada.

A mãe se ajoelhou ao lado da cama.

"Ora, você está acordada! Já é quase uma hora da tarde. Você dormiu esse tempo todo?"

"Não."

"Então o que andou fazendo?"

"Fiquei deitada, olhando e escutando. À noite também existem sons numa casa, quando a gente usa direito os ouvidos. Às vezes consigo até escutar a neve caindo lá fora."

"E o que você andou vendo?"

"Entra uma luz tão linda pela janela..."

"Você podia ter tocado o sininho."

“Fiquei aqui deitada, pensando numa porção de coisas.”

“Está sentindo alguma dor?”

“Não... quer dizer, agora estou.”

“Como é a sensação?”

“Vai começar de novo?”

“Como assim?”

“Não, não foi nada. Só estou me sentindo muito fraca, uma fraqueza horrível...”

“Às sete horas, quando entrei aqui no quarto, você estava dormindo como uma pedra.”

“Mãe, as pedras não dormem.”

“Você estava sorrindo. Devia estar sonhando.”

“As pedras também não sorriem. Aliás, eu tinha acabado de pegar no sono quando você chegou.”

“É mesmo?”

“Eu ouvi o despertador tocar.”

A mãe pôs a mão na sua testa.

“Christine já chegou. Está lá embaixo na sala, experimentando os marzipãs de Lars.”

“Bom proveito.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Quero dizer que eu não quero comer marzipã nenhum. Você está ficando gagá?”

“Não, espero que não.”

“Diga para ela subir. Não tenho mais medo de injeção.”

“É melhor ir ao banheiro primeiro.”

“Mas, mamãe...”

“Sim?”

“Será que a Christine não poderia só me dar a injeção e ir embora logo?”

“Acho que sim.”

“Às vezes vocês ficam falando tanto sobre mim, como eu estou me sentindo, e o nome de cada coisa, e tudo isso... Já estou cansada desse assunto. E afinal de contas, hoje é Natal.”

"Talvez ela queira te examinar um pouco."

"Mas você tem que ficar aqui no quarto! E se ela começar a gemer e suspirar, promete que vai mandar ela embora. De qualquer forma, eu não sei o que responder."

"Vou tentar."

"Escute, mamãe — eu *vou* ficar boa, prometo."

"Sim, claro que vai."

"Mas só eu tenho o direito de dizer que vou ficar boa logo. Vocês todos dizem isso só para me amolar."

"Sua malandrinha!..."

Cecília levantou os olhos.

"Você está chorando?"

A mãe enxugou os olhos.

"Não, não..."

"Você está com lágrimas nos olhos."

"Ah, é que eu estava descascando cebolas."

"Outra vez?"

Depois que Cecília tomou seus remédios e comeu alguma coisinha, recebeu a visita de cada membro da família, um por vez. Lars tinha estado lá fora para estrear seus jetskis de neve, descendo as encostas perto do rio. O rio estava todo congelado; nem dava para ouvir a água correndo por baixo do gelo. Alguns garotos da quinta e da sexta série estavam patinando na parte mais larga do rio.

Papai subiu trazendo um novo número de *Ciência Ilustrada.* Cecília já havia ganho uma pilha inteira dessas revistas. No início ele lhe dera um exemplar com um artigo sobre minerais e pedras preciosas. O artigo se chamava "Por que as montanhas guardam os tesouros do mundo?". Ela lera também alguns outros artigos, e pedira ao pai mais números dessa revista. Mas isso já acontecera fazia muito tempo. Agora Cecília não tinha mais forças para ler muito de cada vez.

O vovô quis conversar sobre a viagem a Creta. Tinham passado as férias lá todos juntos, vovô e vovó também. Foi nessa mesma época que ficaram sabendo que Cecília estava doente. Ela não se lembrava bem se

foi logo antes ou logo depois das férias. De qualquer forma, devia ter ido logo ao médico.

Aquelas férias foram uma "viagem de sonho", como dizia a família. Durante duas semanas maravilhosas, ficaram tomando sol na praia e comendo em restaurantes pitorescos, com garçons engraçados que brincavam com ela — isso enquanto todas as outras pessoas estavam na escola ou no trabalho. Um dia foram visitar a ilha vulcânica de Santorim e andaram de barco num lago dentro de uma grande cratera, formada por uma erupção vulcânica ocorrida três mil e quinhentos anos antes, quando metade da ilha de Santorim afundou no mar. Para chegar até a cidade de Thera, tiveram de subir em lombo de mula pela estrada mais íngreme que Cecília já vira. Tomaram banho então numa praia feita de lava vulcânica, com uma areia negra como carvão que ardia ao sol forte.

Algumas tardes a família toda saía para caminhar pela grande praia forrada de pedras, procurando as mais bonitas. Ao mesmo tempo tinham de ficar de olho nas poderosas ondas que atiravam as pedrinhas aos seus pés, rolando e batendo como castanholas. Cecília era a juíza. Só ela podia decidir se uma pedra era bela o suficiente para justificar o espaço que tomaria na bagagem. Tinham trazido de volta vários quilos de pedras. Agora o vovô queria ter certeza de que ele é que tinha encontrado a mais bonita de todas.

"Foi uma viagem de sonho, Cecília..."

A viagem a Creta fora no final de setembro. Desde essa época Cecília não estava se sentindo muito bem; mas continuara indo à escola até o início de novembro. Daí passara várias semanas num hospital. Depois disso sua professora viera algumas vezes visitá-la, para lhe passar a matéria que estavam vendo na escola.

A última pessoa que veio sentar-se com ela foi a avó. Desde que Cecília era pequena ela sempre lhe contava histórias; mas nunca os contos de fadas tradicionais. Contava-lhe sobre os antigos deuses em quem os vikings acreditavam. Às vezes lia para ela o livro de Snorre com as lendas sobre esses deuses, lendas tão boas como qualquer conto de fadas. Havia pouco lera também um trecho da *Bíblia das crianças,*

que pertencera à mamãe quando pequena. Imagine, uma Bíblia tão velha!

Naquele dia a avó lhe contou sobre os corvos de Odin. Chamavam-se Huguin e Munin, e voavam pelo mundo inteiro para ver como estavam as coisas. Huguin significa "Pensamento", e Munin significa "Mente". À noite os dois corvos voavam de volta para Odin e lhe contavam o que tinham visto; assim, Odin ficava sabendo de tudo o que se passava no mundo. Mas Odin tinha medo de que um dia eles não voltassem. Além disso, os corvos eram aves de rapina e ajudavam Odin a encontrar pessoas mortas. Odin ficava sentado num trono chamado Lidskjalv, no meio de Asgard. Era não só o mais sábio de todos os deuses como também o mais melancólico, pois só ele sabia a respeito de Ragnarok — a grande catástrofe que estava por vir.

A avó lhe contou muita coisa sobre Odin e seus dois corvos. No fim da tarde, Cecília adormeceu. Primeiro deu só uma cochilada, depois dormiu de verdade. Quando acordou, escutou os outros jantando lá embaixo. Tinham acabado de sentar, pois ouviu a mãe dizer: "Vou passar a terrina de sopa e cada um se serve. Precisamos facilitar as coisas...".

Sempre tomavam sopa de couve-flor antes da carne assada na noite de Natal.

Cecília apanhou o caderninho chinês no chão debaixo da cama e começou a virar as páginas. Algumas semanas antes a avó lhe dera um lindo colar de pérolas, uma velha herança de família. Nesse dia ela escrevera no diário:

> *Quando eu morrer, o fio de prata de um colar de pérolas vai se arrebentar, e todas as pérolas, lisinhas e acetinadas, vão rolar pela terra e correr de volta para a casa delas, para suas mães-ostras lá no fundo do mar. Quem vai mergulhar e apanhar minhas pérolas depois que eu tiver ido embora? Quem vai saber que elas eram minhas ? Quem vai adivinhar que antigamente, há muito tempo, o mundo inteiro pendia em torno do meu pescoço?*

Começou a mastigar a caneta esferográfica, enquanto pensava em tudo o que tinha conversado com o anjo Ariel durante a noite. Tentou lembrar o máximo que podia, e então escreveu no seu diário as palavras que lhe vinham à mente:

> Os *anjos no céu não podem jamais ser destruídos. É porque eles não têm um corpo de carne e osso do qual sua alma possa ser separada. Na criação não é assim. Aqui tudo é destruído com muita facilidade. Até uma montanha vai aos poucos se desmanchando e acaba virando areia e pedras. Há uma grande brincadeira na natureza. Há uma grande travessura fervendo no caldeirão da criação.*
>
> *Nem sempre a gente compreende totalmente aquilo que criou. Por exemplo, posso desenhar ou pintar alguma coisa num pedaço de papel. Isso não significa que eu compreenda como é "ser" aquilo que eu desenhei. Afinal, o que eu desenhei não tem vida. E isso é o mais estranho: que eu estou viva!*

Quando não conseguia pensar em mais nada para escrever, Cecília pôs o caderninho no chão e o empurrou de volta para debaixo da cama.

Daí deve ter dormido mais um pouco, pois quando acordou ouviu uma voz perguntando: "Dormiu bem?".

Era o anjo Ariel. Cecília levantou os olhos. Ele estava ajoelhado aos pés da cama.

Ele a tranquilizou: "Estive aqui esse tempo todo".

"Mas eu não vi você."

Ele levou um tempinho para responder.

"Acho que eu ainda não lhe disse que há dois tipos de visitas de anjo. Em geral nós simplesmente ficamos sentados junto com a pessoa, sem nos revelarmos. Só em algumas raras ocasiões nós nos revelamos claramente, como estou fazendo agora."

"Mas os dois tipos são visitas de anjo?"

"Sim."

"O que aconteceu quando você foi visitar aquele garoto na Alemanha que estava doente?"

“Simplesmente fiquei ali com ele.”

“Não consigo compreender como você pode estar no quarto sem eu ver.”

“Não é tão difícil explicar.”

“Explique, então!”

“Se você sonhasse que estava numa praia desconhecida, você não diria que estava, de certa forma, nessa praia?”

“Sim, de certa forma...”

“Mas as pessoas que estavam nessa praia veriam você?”

“Não, claro que não.”

“Agora, você poderia viajar até essa praia com um bilhete comprado numa agência de turismo e tomar um banho de mar exatamente ali. Daí as pessoas iriam vê-la, pois você estaria se revelando claramente.”

Ela olhou bem dentro dos olhos cor de safira.

“Até que foi uma comparação bem inteligente... Aliás, você me pôs de volta na cama um segundo antes que a mamãe acordasse.”

“Sim, foi por um triz.”

“Se não tivéssemos voltado a tempo, ela levaria o maior choque. Talvez pensasse que eu tinha ficado boa de novo: ‘Oh, Cecília, que bom! Imagine, você completamente curada, assim de repente!’.”

Ariel riu.

“É muito estranho ver vocês dormindo.”

“Imagino que vocês, anjos, nunca dormem.”

“Não. Nós nem compreendemos o que é o sono... Você compreende?”

“Bem... Na verdade, não.”

“Mas tenho certeza que você já pensou no que acontece dentro da sua cabeça quando você pega no sono.”

Ela deu de ombros.

“Eu simplesmente me apago.”

“Não compreendo como você tem coragem.”

“Por que não?”

“Afinal, você não tem certeza se vai acordar de novo ou não... Dá para você tentar explicar como é dormir?”

Cecília deu um suspiro.

"No momento em que a gente se apaga, já não está mais acordada. Quer dizer, estamos numa espécie de fronteira. É por isso que ninguém sabe exatamente como é pegar no sono e dormir."

"Inacreditável, pois deve acontecer uma pequena revolução dentro da sua cabeça."

"Mas quando isso acontece, nós já estamos dormindo! Veja, nós não podemos pensar: 'Agora eu peguei no sono'. Nessas alturas já é tarde demais para pensar. A cabeça da gente é como uma máquina que de repente se desliga sozinha."

"Mas quando ela já se desligou e não há mais nenhuma corrente passando, como ela consegue se ligar sozinha de novo algumas horas depois?"

"Você faz cada pergunta difícil! A pessoa simplesmente dorme, e algumas horas depois acorda. Meu pai, por exemplo, tem um despertador embutido na cabeça. Ele acorda às cinco para as sete todos os dias, sem falhar. Aí ele levanta e desliga o despertador, que devia tocar dali a cinco minutos. Mas isso só nos dias da semana, quando ele sabe que precisa acordar cedo. No domingo ele dorme até muito mais tarde, e não acorda nem com despertador."

O anjo Ariel ergueu os braços de espanto.

"Acho que nós estamos falando sobre o maior mistério que existe nos céus!"

"Você já disse isso uma porção de vezes."

"Mas não estou pensando apenas no sono."

"No que você está pensando, então?"

Cecília se endireitou na cama e Ariel fitou-a bem lá no fundo dos olhos.

"Vocês, seres humanos, foram criados a partir de átomos e moléculas, num pequeno planeta girando no espaço. Vocês receberam a pele, os cabelos e os pelos, e cinco ou seis sentidos que lhes permitem perceber o mundo ao redor de vocês. Mas dentro dessa carapaça dura que vocês têm, feita de algo semelhante ao gesso ou giz, há um cérebro maleável, que dá a vocês a capacidade de dormir e sonhar, de pensar e lembrar."

Ela lançou um olhar ao colar de pérolas dependurado em torno do calendário de gatinhos trazido da Grécia.

"Já disse que não gosto de falar sobre o que há dentro do meu corpo", disse ela.

"Temos de falar sobre sua *alma,* Cecília. Mesmo que ela esteja dentro do seu corpo, ela não é uma parte do seu corpo como o coração ou os rins."

Cecília voltou-se para ele.

"Então fale sobre a alma, não sobre o coração e os rins!"

"A coisa mais intrigante é isso que vocês chamam de 'memória'. Por exemplo, vocês são capazes de reconhecer uma pessoa que não veem há muito tempo. Se você estivesse numa cidade e encontrasse de novo aquele garçom engraçado que ficava puxando as suas tranças, você o reconheceria imediatamente, nem que ele estivesse num mercado, no meio de centenas de pessoas."

"Ora, você também estava em Creta?"

"Para mim não faz diferença nenhuma se você está aqui na sua casa ou em Creta. Diga, você o reconheceria, não é mesmo?"

"Eu me lembro dele muito bem."

Ariel se inclinou bem para ela e perguntou: "Qual é a sensação dentro da sua cabeça quando você se lembra de alguma coisa? O que acontece com os átomos e as moléculas do seu cérebro nessa hora? Será que de repente eles dão uns pulos e voltam a ficar na mesma posição em que estavam quando você viveu aquela experiência de que está se lembrando?".

Cecília abriu a boca de espanto.

"Nunca tinha pensado nisso!"

Ele ficou um pouco impaciente.

"Você acha que as pedrinhas de uma praia se lembram da posição em que estavam dois minutos antes?"

"Ah, não. Nada é esquecido tão depressa quanto a maneira como as pedras estão jogadas numa praia. E, de qualquer forma, elas não conseguem se lembrar de nada."

“Justamente. Mas os átomos e as moléculas dentro da sua cabeça conseguem se ‘lembrar’ como as coisas eram há muitos e muitos anos — apesar de uma enchente de novas ideias e novas lembranças já ter penetrado no seu cérebro desde então. Pensando bem, será que um pensamento ou uma lembrança não é como um certo desenho formado pelas pedrinhas na praia da consciência?”

Ela apertou os olhos.

“Ora, você também é capaz de se lembrar. Você disse que se lembra quando o vovô teve pneumonia...”

“É verdade, mas eu não tenho uma alma formada de centenas de milhares de átomos e moléculas.”

“Do que é feita a sua alma, então?”

“Ela saltou direto da mente de Deus.”

Cecília pensou um momento. Daí disse: “Quem sabe a minha alma também. Apesar de consistir em átomos e moléculas, ela também pode ter saltado direto da mente de Deus”.

Ele afastou a ideia com um gesto.

“Seja lá como for, a gente não deveria estar falando sobre o céu.”

“Você prometeu falar sobre o céu...”

“O céu pode esperar, Cecília. Além disso, quando falamos sobre a alma humana, estamos falando de algo muito próximo do céu.”

Ela levantou os olhos para o teto.

“A vovó diz que a alma é divina.”

“Sem dúvida ela é uma avó cheia de sabedoria.”

“E ela conhece a Bíblia e as lendas de Snorre quase de cor.”

“Então! Está vendo?”

“O quê?”

“Isso de saber as coisas ‘de cor’ também faz parte desse grande quebra-cabeça de que estamos falando. Já lhe ocorreu que o cérebro humano é a substância mais misteriosa e intrigante que existe em todo o espaço sideral?”

“Até agora, não...”

“Todos os átomos que compõem o seu cérebro vieram do fogo das estrelas. Mas depois eles se agruparam de uma maneira extraordinária e

se transformaram nisso que vocês, seres humanos, chamam de 'consciência'. A alma humana fica vibrando dentro do cérebro, que é um tecido feito de partículas de pó — uma poeira de estrelas que, muito tempo atrás, caiu do céu. Os pensamentos e sentimentos humanos passam como um filme, vezes e vezes sem conta, nessa fina poeira de estrelas, em que todos os fios nervosos podem se conectar de maneiras eternamente novas."

"Nesse caso", disse Cecília, "talvez haja no meu cérebro um pouquinho de poeira da estrela de Belém."

"E também nos pensamentos que você pensa, em todas as suas lembranças."

Ela tentou olhar pela janela enquanto ele continuou falando: "Deve ser uma sensação muito estranha ser um cérebro vivo em pleno espaço. É como ser um pequeno universo separado, dentro do grande universo lá fora. Sim, pois há tantos átomos e moléculas no seu cérebro como há estrelas e planetas no espaço sideral...".

Ela o interrompeu: "E talvez a distância até os meus pensamentos mais profundos seja igual à que vai até as estrelas mais longínquas no espaço".

"Sim, mas a diferença é que só o cérebro tem consciência de si mesmo. Ele pode estar sempre julgando suas próprias ações. Já o firmamento lá em cima não é capaz de fazer isso. O espaço sideral não pode dizer: 'Eu sou eu'. Para isso ele precisa da ajuda dos seres humanos."

Ela deu um sorriso de triunfo.

"Concordo que essa é uma diferença importante!"

"Sim, mas você ainda não me explicou qual é *a sensação* de se lembrar de alguma coisa."

"Ah, já tinha me esquecido disso."

"*Isso* também é muito interessante!"

"O quê?"

"Isso de dizer: 'Ah, esqueci'. Talvez você possa me explicar, então, como é a sensação de se esquecer de alguma coisa?"

"Aquilo simplesmente desaparece."

"Simplesmente desaparece!", repetiu Ariel, dessa vez tentando imitar também o tom de voz dela.

"Mas, de repente, pode reaparecer. Às vezes está na ponta da língua."

"*Na ponta da língua?*"

"É assim que se diz."

"Não sabia que a língua tinha a ver com a memória. Não vá me dizer que as pessoas sentem o gosto das palavras, assim como sentem o gosto de um morango?"

Cecília riu.

"A gente diz: 'Espera, acho que eu sei!'. E se ninguém nos perturbar nessa hora, em geral a coisa volta a aparecer. O vovô sempre diz que a gente nunca deve se preocupar com um pensamento que nos escapa."

"Por que não?"

"Porque é como um peixe que de repente escapa do anzol. Ele só nada para o fundo, e depois volta para cima ainda mais gordo."

Ariel disse: "Então talvez eles tenham razão".

"Quem?"

"Há certos anjos que dizem que nós jamais vamos compreender os assuntos da terra. Mas eu não quis desistir, nunca. Sempre tentei compreender como é, exatamente, ser uma pessoa humana, feita de carne e osso."

"Bem, não sei se posso ajudar, pois eu mesma também não compreendo."

Ariel levantou-se dos pés da cama, onde estava sentado. Enquanto pairava em torno do quarto, disse: "Você se lembra qual foi a primeira coisa que eu disse quando nos encontramos?".

Ela pensou por um momento.

"Lembro que você estava sentado ali no peitoril da janela, mas acho que não lembro exatamente o que você disse."

"Acho que não lembro..."

"Você não disse simplesmente 'Olá!' ou algo assim?"

Ele abanou a cabeça, e um bom tempo se passou. Por fim Cecília disse, agitando os braços: "Espere um pouquinho! Está na ponta da

língua".

"Então trate de cuspir logo, antes que 'desapareça' outra vez!"

Ariel foi sentar-se no peitoril da janela e ficou bem na mesma posição em que estava quando apareceu pela primeira vez.

Cecília então disse: "Você perguntou se eu tinha dormido bem!".

"Parabéns!"

"Não foi tão difícil."

"Mas agora eu presenciei um grande mistério. Perguntei se você se lembrava de uma certa coisa, e você respondeu que tinha se esquecido. A coisa simplesmente foi-se embora, sumiu! Como foi então essa sensação, quando você não se lembrava?"

Cecília deu um suspiro de desespero.

"Concordo que é muito estranho. Às vezes, algo me ocorre de repente."

"E de onde vem esse 'algo'?"

"Da minha cabeça."

Ariel não estava com pressa.

"E *onde* exatamente isso te ocorre?"

Ela não pôde deixar de rir.

"Dentro da minha cabeça!"

"Quer dizer, *vem* da sua cabeça e *vai* para a sua cabeça. E, no entanto, estamos falando da mesma cabeça, uma só! Mas não são apenas as coisas que os seres humanos veem e ouvem que são lembradas e esquecidas — e depois lembradas de novo. O cérebro também trabalha sozinho, por conta própria. É isso que vocês chamam de 'pensar'. É como se as pedrinhas daquela grande praia começassem a se mover sozinhas, sem nenhuma ajuda das ondas."

Cecília riu de novo.

"Estou tentando imaginar. Já pensou se elas de repente começassem a pular sozinhas, daqui para lá?!"

"E outra coisa: um pensamento que você teve — por exemplo, que a estrela da árvore de Natal desapareceu — pode ser deixado de lado por algum tempo e depois trazido de volta para a consciência outra vez. É como se você pudesse rebobinar a sua consciência como uma fita de

vídeo e pensar exatamente o mesmo pensamento outra vez. Aliás, acho que vocês costumam passar muitas vezes a 'reprise' de certos pensamentos velhos, que já deveriam ter se esgotado há muito tempo."

"Bem, eu diria que o pensamento surge de novo sozinho, por si só. Nem sempre a pessoa consegue decidir o que vai lembrar e o que vai esquecer. Às vezes a gente pensa em coisas em que *não quer* pensar. Outras vezes damos uma 'escorregada', e a língua diz coisas que a pessoa não queria dizer. Às vezes a gente fica morrendo de vergonha!"

O anjo Ariel, sentado no peitoril da janela, fez um gesto de compreensão com sua cabecinha reluzente e disse: "Nesse caso, talvez seja como eu temia".

"O quê?"

"Vocês não têm uma única alma como nós. De certa forma vocês têm duas — ou talvez muitas. Se não fosse assim, como se explicaria que vocês pensam em coisas em que *não querem* pensar?"

"Não sei."

"Esses pensamentos indesejados devem ser dirigidos por algo que não é a sua própria consciência. Deve ser mais ou menos como um teatro onde você não tem a menor ideia de qual peça vai ser apresentada em seguida."

"Você quer dizer que a alma é um teatro, e que os atores no palco são os diferentes pensamentos que estão sempre aparecendo e representando vários papéis?"

"É um pouquinho assim. Mas seja como for, deve haver muitas salas no teatro da consciência. E também muitos palcos."

Ariel levantou voo do peitoril da janela, descreveu um grande arco no ar e foi sentar-se de novo na cama de Cecília.

Daí perguntou: "Você consegue me explicar qual é a sensação de pensar em alguma coisa?".

"Eu não sinto nada."

"Não é verdade que os pensamentos engraçados fazem cócegas? Não arde um pouco se você pensar em algo triste, ou desagradável?"

"De certa forma, faz cócegas pensar em algo engraçado. E talvez seja doído pensar em algo triste, mas não faz cócegas nem dói dentro da

minha cabeça. É na minha alma, e minha alma não é exatamente o mesmo que a minha cabeça."

"Eu pensava que os fios nervosos coçassem um pouquinho", disse ele.

Cecília lançou um olhar de desafio para o anjo Ariel.

"Não vá me dizer que os anjos também não pensam?"

"Sim, sou obrigado a dizer isso, pois os anjos não têm licença para mentir."

"Isso já é demais!"

"Mas nós não pensamos da mesma maneira que as pessoas de carne e osso. Nós não precisamos 'refletir' para encontrar a resposta para alguma coisa. Tudo o que nós sabemos, e tudo o que podemos saber, já está diante da nossa consciência. Deus nos permitiu compreender uma pequenina fração do seu grande mistério, mas não tudo. Assim, devemos guardar silêncio sobre aquilo que não compreendemos."

Cecília refletiu bem em tudo isso.

"Bem, nesse caso, conosco é diferente. Nós ficamos o tempo todo tentando compreender cada vez mais. De repente, uma ideia nova nos vem à cabeça. As pessoas mais inteligentes ganham o Prêmio Nobel pelas suas descobertas, quando são importantes para todo o mundo. Assim como o corpo da gente cresce, nossa compreensão também vai crescendo."

"Mas vocês se esquecem das coisas. Vocês dão dois passos para a frente e um para trás."

"Pode ser. Mas mesmo quando nos esquecemos de algo, nem sempre aquilo desaparece por completo. De repente pode surgir de novo, como um boneco de mola que pula de dentro de uma caixa."

"Essa é a grande diferença entre os seres humanos e os anjos. Nós não sabemos o que significa 'esquecer', e portanto também não sabemos qual é a sensação de 'lembrar-se' de algo. No dia de hoje eu não sei nem mais nem menos do que sabia dois mil anos atrás. Aliás, nem todos os anjos estão contentes com essa diferença."

"Ora, não sabia que vocês sentem inveja!"

Ele riu.

“A coisa não vai assim tão fundo.”

“Nesse caso, será que seus pensamentos podem ir fundo? De vez em quando o vovô diz que teve um pensamento profundo.”

“Acho que não. Como todos os nossos pensamentos estão presentes na nossa consciência ao mesmo tempo, nós nunca sentimos a alegria e a surpresa de pensar de repente uma ideia profunda. Não temos essa espécie de ‘zona fronteiriça’ de onde tirar ideias. Nossa consciência não se move num oceano tempestuoso, onde certas ideias que já esquecemos podem reaparecer de repente, como um peixe gordo que surge das profundezas do mar.”

“Você disse que os anjos não dormem...”

“Não, nós nunca dormimos, nem sonhamos. Como é essa sensação?”

“Eu não sinto nada.”

“Compreendo. Assim como eu também não consigo sentir a mim mesmo pairando no ar, ou pegando uma bola de neve nas mãos...”

Cecília disse: “Sonhar é uma maneira de pensar... ou uma maneira de ver. Ou talvez as duas coisas ao mesmo tempo. Mas quando a pessoa sonha, não pode decidir o que ela vai ver ou pensar”.

“Isso você precisa me explicar melhor.”

“Quando a gente sonha, a cabeça pensa sozinha. Nesse ponto realmente parece um teatro. Às vezes, quando eu acordo, lembro que sonhei uma peça de teatro, ou um filme inteiro.”

“Um filme que você cria sozinha, pois é você que representa todos os personagens.”

“Sim, de certa forma.”

Ele se entusiasmou.

“Talvez se possa dizer que as células do cérebro mostram filmes uma para a outra. E, ao mesmo tempo, o filme senta lá atrás, na última fila do cinema, e fica assistindo a si mesmo na tela.”

“Mas que coisa estranha de dizer! Imagine, *as células do cérebro mostram filmes uma para outra.* Bem, até que consigo imaginar isso.”

“Sim, pois quando vocês sonham, vocês são as estrelas do filme e ao mesmo tempo o público. Não é um mistério?”

Cecília recuou um pouco.

"Acho misterioso até demais. A gente nem devia falar nisso."

"Mas deve ser muito divertido também. Você assiste a um verdadeiro show de fogos de artifício dentro da sua cabeça, feito de imagens e pensamentos, embora você não tenha ajudado a acender nem um único foguete. Deve ser como um show grátis."

"Sim, às vezes é divertido, mas às vezes também dá medo, porque nem sempre a gente tem sonhos gostosos. Também temos sonhos feios, terríveis..."

Ele foi compreensivo.

"É uma vergonha vocês terem de se preocupar com isso. O ideal seria ter a possibilidade de parar um sonho se vocês não estão gostando. Devia haver uma saída de emergência nesse cinema. Mas, justamente, o cinema é a própria alma de vocês, que além de tudo decide qual vai ser o programa. E portanto isso é completamente impossível — vocês não conseguem fugir da sua própria alma. É impossível morder a própria cauda. Ou talvez seja justamente isso que vocês fazem: vocês mordem a própria cauda, até gritar de medo e terror."

Cecília começou a roer as unhas.

"Eu não gostaria que fosse assim. Mas não posso simplesmente decidir que vou ter um sonho agradável. Tenho que aguentar o que vier. Depois de uma longa noite posso acordar e acreditar que estive em Creta; e de certa forma *estive* mesmo lá, pois no sonho eu acredito que estou no lugar onde se passa o sonho."

Ariel a olhou bem com seus olhos de safira, claros e decididos.

"Justamente!"

"Justamente o quê?"

"Escute, você também não sonha que está voando, ou passando por uma porta fechada?"

"Claro. Qualquer coisa pode acontecer num sonho. Aliás, para isso eu nem preciso dormir. Posso deixar meus pensamentos voarem por aí, também quando estou acordada. Posso voar pela casa toda, ou ir até um país estrangeiro. Uma vez sonhei que estava na lua. Eu e Marianne

tínhamos encontrado uma nave espacial atrás do estábulo. Daí nós só apertamos um botão e zum! — fomos embora."

Ariel voltou a pairar lá em cima, perto do teto. Depois de uma voltinha em torno do quarto, pousou na cadeira ao lado da cama e disse: "Então está tudo explicado".

Cecília abanou a cabeça desconsolada.

"Não entendo."

Ele apontou para a testa dela e disse: "Vocês, seres humanos, conseguem fazer no pensamento tudo o que os anjos fazem com o corpo. Quando vocês sonham, fazem dentro da sua cabeça exatamente o que os anjos fazem por toda a criação".

Ela ficou um pouquinho confusa.

"Nunca pensei nisso..."

"E tem mais", continuou Ariel. "Quando vocês, humanos, sonham, nada lhes pode fazer mal. Vocês estão em total segurança, como os anjos no céu. Tudo o que vocês experimentam é pura e simples consciência. Vocês não utilizam os cinco sentidos do corpo."

Cecília foi atingida por uma ideia totalmente nova. Sentou-se bem ereta na cama e disse com voz firme: "Nesse caso, talvez nossa alma seja imortal — tão imortal como os anjos no céu!".

Ele hesitou.

"Agora pelo menos, você compreende um pouco melhor como é ser um anjo. Apesar de termos conversado mais sobre como é ser uma pessoa de carne e osso, você está compreendendo um pouco melhor os assuntos celestiais também. Sim, pois o céu se reflete na terra."

Ela tentou de novo: "E a alma é divina, não é verdade?".

Vendo que Ariel não respondia, ocorreu a Cecília que não devia deixá-lo desaparecer.

"Você prometeu me contar mais coisas", disse ela.

"Sim, só que neste momento sua mãe vem subindo a escada, por isso preciso passar logo através do espelho."

Ela olhou em torno do quarto.

"Que espelho é esse de que você vive falando?"

Ariel levantou da cadeira e foi caminhando pelo chão. Ao fazer isso seu contorno foi sumindo aos poucos. Enquanto desaparecia, disse: “A criação inteira é um espelho, Cecília. O mundo inteiro é um mistério, um enigma”.

Muitos dias se passaram sem que o anjo Ariel voltasse a aparecer; mas sempre havia alguém da família sentado na cadeira ao lado da cama. Christine vinha quase todos os dias, embora a mãe e a avó também houvessem aprendido a dar injeção. Cecília nem sempre sabia que dia era, ou que horas. Quando conseguia escrever, anotava alguns pensamentos novos no seu caderninho chinês.

Os esquis e o tobogã estavam encostados na parede que dava para o quarto dos pais. Ainda era inverno, com uma ótima neve para esquiar. Ela estava decidida a melhorar antes que a neve derretesse. Não aguentaria esperar mais um ano inteiro para voltar às trilhas de esqui.

Cecília não disse nada a respeito de Ariel para ninguém. Ele não tinha nada a ver com o resto da família; pois embora Cecília fosse membro da família Skotbu, era também uma pessoa totalmente sozinha entre o céu e a terra.

Mas o que tinha acontecido com ele? Pois não prometera lhe contar mais sobre as coisas do céu? Não havia dito também que os anjos nunca mentem?

Não era possível que a tivesse enganado. Ou será que conseguira fazer Cecília lhe contar uma porção de coisas sobre como é ser uma pessoa de carne e osso, e depois desaparecera de repente, sem cumprir sua parte do trato?

Cecília abriu os olhos. Quase no mesmo momento, sua mãe apareceu na porta e veio sentar-se na beira da cama. Cecília olhou para ela com uma expressão vazia. Daí murmurou: “Outra vez cortando cebolas?”.

A mãe fez que não. Mesmo assim, Cecília disse: "Vocês comem muita cebola nesta casa".

A mãe alisou seu cabelo.

"É quase meia-noite. Todo mundo já foi dormir há muito tempo. Vou tentar dormir um pouquinho também."

"*Tentar* dormir?"

"Não, não... vou tomar um comprimido."

"Você não devia se viciar nisso."

"Não há perigo."

Cecília ergueu os olhos.

"Fico pensando... Do que será que a gente é feito, que a gente precisa dormir?"

"É uma maneira de descansar. Algumas pessoas acham que também precisamos sonhar."

"Por quê?"

A mãe respirou fundo.

"Não sei."

"Mas acho que *eu* sei a resposta."

"É mesmo?"

"Acho que é porque precisamos viajar bem longe nos nossos sonhos."

"Você pensa muita coisa estranha, Cecília."

"Há tanta gente que sofre tanto que talvez eles morressem de tanto sofrer se não tivessem também uns sonhos bons no meio de toda a tristeza."

A mãe lavou o rosto de Cecília com uma toalha úmida e trocou sua camisola.

"Não se preocupe por eu estar tão fraca. Acho que estou um pouco melhor."

"Talvez..."

"Christine também não disse isso?"

A mãe hesitou.

"Ela disse que precisamos esperar para ver."

"Quem sabe amanhã eu consigo ficar um pouco em pé. Na hora do café, por exemplo..."

"É preciso viver um dia de cada vez."

"Mas logo mais vou estrear meu novo par de esquis. Você prometeu!"

"Eles estão aí prontinhos, esperando por você. Bem, não deixe de tocar o sininho, nem que seja só para conversar. Logo mais papai vem ficar um pouco com você."

"Não é preciso."

"Mas nós queremos."

"Não se espantem se vocês me ouvirem falar sozinha, está bem?"

"Você agora fala sozinha?"

Cecília olhou para ela.

"Não sei."

A mãe lhe deu um abraço bem forte.

"Você é a melhor menina do mundo. Sem você o mundo seria vazio, infeliz, horrível."

Cecília sorriu.

"Puxa, que boa-noite solene!"

Pegou no sono quase imediatamente, assim que a mãe saiu do quarto. Depois de algum tempo despertou com umas batidinhas na vidraça. Abriu os olhos e viu o rosto de Ariel lá fora, na janela. À luz dourada da árvore que vinha do jardim, ele lembrava uma figura que ela vira certa vez na *Ciência Ilustrada,* de um anjo dourado da Rússia. Ou seria um Menino Jesus?

Ele lhe fez um aceno com a mão, e dali a um momento mergulhou direto através da janela e pousou na escrivaninha. A vidraça continuou intacta.

Cecília arregalou os olhos.

"Apesar de tudo o que já conversamos, não consigo compreender como você consegue fazer isso."

Ariel veio sentar-se na cadeira ao seu lado. Por sorte o pai ainda não tinha chegado.

"Isso não é tão importante assim", disse ele. "Por isso nem adianta falar sobre esse assunto."

Cecília sentou-se mais ereta na cama, com uma perna em cima do acolchoado.

"Posso saber por onde o senhor andou?"

"Ora, você teve tantas outras visitas!"

"Sim, mas é por isso que você não aparece por aqui há tanto tempo?"

Ele não respondeu.

"A lua está quase cheia", disse ele com orgulho. "É quase como a luz do dia, o luar se derramando lá fora sobre a paisagem toda coberta de neve."

"Que lindo! Eu adoraria sair com você e ver a lua com meus próprios olhos."

"E você não pode?"

"Na verdade, estou muito melhor..."

"Ainda bem! Foi meio chata aquela temporada em que você estava passando mal."

"Será que eu posso?"

O anjo Ariel levantou da cadeira e começou a pairar em torno do tobogã e dos esquis.

"Naturalmente, seus pais não deixariam você sair lá fora no meio da noite."

"E você, deixaria?"

Ele fez que sim, num gesto confidencial. Cecília logo chutou as cobertas.

"Quando a gente recebe permissão dos anjos no céu para fazer alguma coisa, não importa o que os outros digam. Além disso, a casa inteira está dormindo."

"Bem, só um pouquinho, então. Mas ponha umas roupas quentes, para não se transformar numa bala de hortelã gigante."

Cecília levantou-se e deu alguns passos pelo quarto. Sentiu-se firme, sem a menor tontura.

"Vou estrear meus esquis!"

Dali a um momento estava abrindo o armário. Já no início de novembro aprontara todas as suas roupas de inverno, que agora estavam dobradas numa prateleira separada. Tirou a camisola e vestiu a

meia-calça de lã, a calça de esquiar, o colete e o blusão de náilon forrado. Colocou também uma echarpe, um gorro de lã, luvas e meias grossas. Logo estava sentada na beira da cama, amarrando as botas de esqui. Quando ficou pronta, olhou para Ariel.

"Dá para você levar meus esquis, por favor?"

"Claro."

Saíram para o corredor e desceram a escada em silêncio. Cecília abriu a porta da frente e Ariel saiu com os esquis. Ela então saiu atrás dele e fechou a porta cuidadosamente.

Atrás do celeiro havia uma descida íngreme que dava num riozinho e num grande bosque de pinheiros lá embaixo. Cecília colocou suas botas no encaixe dos esquis e segurou os bastões, enfiando as argolas nas mãos. O luar projetava sombras nítidas na neve.

"Vou esquiar até lá embaixo!", disse ela. "E você vai ter de correr atrás de mim. Já faz tanto tempo que estou esperando por isso!"

E saiu esquiando morro abaixo. Mas o anjo Ariel não foi correndo atrás; foi pairando no ar bem pertinho dela.

"Agora nós dois estamos voando", disse ele. "A diferença é que eu não sinto nada..."

"É maravilhoso!", gritou Cecília, deslizando pela encosta. "Angelicalmente maravilhoso!"

Ao chegar no plano lá embaixo, Cecília levou um tombo e caiu na neve fofa, em meio às risadas dos dois.

Ela se levantou e apontou para o bosque de pinheiros.

"Ali há uma boa pista que sobe até a colina dos Corvos. Lá de cima dá para ver o vale todinho."

Por um momento ele a avaliou de cima a baixo. Mas foi só um breve momento. Perguntou, então: "Você consegue subir até lá?".

Cecília, já dando impulso nos esquis, gritou: "Neste momento me sinto forte como um touro!".

Tomou uma trilha funda já deixada por outros esquis, e foi subindo, dando impulso com os bastões. Ariel ia esvoaçando em volta dela, como um cãozinho contente num passeio de domingo, ora à direita, ora

à esquerda. De vez em quando, também corria um pouquinho com os pés na neve.

"Você não sente frio de andar assim descalço na neve?", perguntou ela.

Ele suspirou.

"Não vamos começar tudo de novo."

Cecília riu.

"É que para mim isso parece uma loucura! Você sabe o que é faquir? Existem faquires que conseguem desligar todos os sentidos, assim não se congelam nem se queimam. Conseguem até dormir numa cama de pregos."

"Claro que sei disso. Nós vamos tanto à Índia como à Noruega."

Entraram no bosque, onde a pista serpenteava entre duas cerradas fileiras de árvores. Por vezes Ariel resolvia cortar caminho e passava através das árvores. Daí mergulhou através de uma densa moita. Para ele, esse grande arbusto não passava de um fiapo de névoa.

Cecília teve de subir em zigue-zague o último trecho, para os esquis não escorregarem. Logo mais estavam lá em cima, no topo da colina dos Corvos, onde não havia mais árvores. Cecília ergueu um bastão e apontou para a paisagem gelada embaixo, banhada pela luz azul da lua.

"Quando eu era pequena, achava que aqui era o teto do mundo. Quando a vovó me contava sobre Odin sentado no seu trono, contemplando o mundo, eu sempre imaginava que era aqui que ele ficava. Você sabe que Odin tinha dois corvos?"

"Sim, Huguin e Munin. Ou seja, 'Pensamento' e 'Mente'."

"A vovó também disse isso. É que, de certa forma, eles eram os pensamentos e a mente do próprio Odin, que ele mandava rodar pelo mundo."

Ariel concordou. Aí disse algo estranho: "Talvez você se lembre de que nós conversamos sobre o *olho interior,* que todos os seres humanos têm mas que é da maior importância para os cegos. Esse olho também consiste em 'mente' e 'pensamento'. Huguin e Munin eram, na verdade, o olho interior de Odin".

Cecília ficou boquiaberta. Por que ela mesma não havia pensado nisso?

O anjo Ariel continuou: "Deus é onisciente, isto é, consciente de tudo, e consegue estar em vários lugares ao mesmo tempo. Odin não tinha essa capacidade, mas pelo menos tinha aqueles dois corvos. Assim ele se tornava um pouquinho onisciente também".

Cecília voltou a apontar para o vale com o bastão de esqui.

"Está vendo todas aquelas fazendas? Em quase todas essas casas eu conheço alguém. Ali é a escola... e aquela faixa branca serpenteando ali embaixo é o rio. Chama-se rio Leira. Marianne mora naquela casa amarela lá do outro lado."

"Eu sei, Cecília."

"Está vendo aquelas luzinhas lá longe, à esquerda? São de Klofta. Aquela montanha logo atrás se chama morro das Bruxas. Na outra direção fica Jessheim."

"Sei de tudo isso."

"Olhe ali o celeiro da nossa casa, lá embaixo! Dá para ver também um pedacinho da casa, atrás daquele pinheiro grande com as luzinhas acesas. A janela da esquerda no primeiro andar é o meu quarto."

"Já entrei por aquela janela muitas vezes", disse Ariel.

Começou a pairar a cerca de dois palmos do chão para poder olhar nos olhos de Cecília enquanto conversavam. Seus olhos azuis-esverdeados, cor de safira, brilhavam à luz da lua. Daí falou: "Se você estivesse abrindo a sua janela agora e olhasse para cima, para a colina dos Corvos, poderia ver nós dois aqui no topo. Nós poderíamos até acenar para você".

Cecília levou a mão à boca, espantada. Pois não era uma coisa estranhíssima de se dizer? Ela sabia que algo ali não estava bem certo, mas o quê? Daí falou: "Papai pode entrar no meu quarto a qualquer momento para ver se eu estou dormindo. Se ele entrar agora, vai levar o maior choque. 'Meu Deus!', ele vai dizer. 'O passarinho voou, fugiu do ninho!' Já pensou?".

"Gostaria que eu fosse até lá ver se ele está dormindo?"

"Você consegue fazer isso?"

Ariel se foi, e por algum tempo Cecília ficou ali parada, totalmente sozinha entre o céu e a terra. Por um momento teve a sensação de haver perdido um irmão gêmeo. Dali a pouco, lá estava ele ao seu lado outra vez.

"Não se preocupe, os dois estão dormindo, ela com a cabeça debaixo do queixo dele. O despertador está marcado para as três e meia."

Cecília deu um suspiro de alívio. Apontou de novo para a paisagem.

"Nunca entendi como a lua consegue lançar tanta luz."

"É porque o resto está completamente escuro. Quando o luar brilha na escuridão total, nem um único raio é desperdiçado."

"Mas a lua não tem luz própria", protestou Cecília. "Ela é como um espelho que reflete a luz do sol."

"Sim", concordou Ariel, "mas o sol também não tem luz própria. Ele é apenas um espelho que reflete a luz de Deus."

"É verdade isso?"

"Eu não estou aqui, diante de Deus, para enganar você."

"Não, claro que não... é só que eu nunca tinha pensado que o sol reflete uma luz emprestada de Deus, do mesmo modo que a lua reflete uma luz emprestada do sol."

Cecília apoiou-se nos seus bastões de esqui e ficou fitando a neve aos seus pés. Quando levantou os olhos, Ariel estava bem na sua frente, pairando um palmo acima do chão. Daí lhe disse: "Cecília, você também empresta a sua luz de Deus. Você também é um espelho de Deus. Pois o que seria de você sem o sol, e o que seria do sol sem Deus?".

Cecília deu um largo sorriso.

"Se é assim, então eu também sou uma lua pequenina."

"E nesse momento você está brilhando, lançando sua luz sobre mim."

"Você fala cada coisa tão estranha! Tudo fica tão solene que até me dá um arrepio na espinha."

"Sim, quando se fala sobre a glória do céu, realmente a coisa fica meio solene."

"E agora, você não vai me falar sobre o céu?"

"Ora, já comecei."

Ariel apontou para a abóbada celeste. A lua brilhava tão forte que só se via uma ou outra estrela, fracos pontinhos na noite.

"Em primeiro lugar, você deve compreender que você já está no céu."

"*Isto aqui* é o céu?"

"Claro. Onde mais poderíamos estar? A Terra é apenas um cisquinho de poeira neste imenso firmamento."

"Nunca tinha pensado nisso."

"É verdade, Cecília. Esta aqui é a Terra Celestial. Aqui é o Jardim do Éden, onde vivem os seres humanos. Os anjos também vivem em todos os outros lugares."

"Como assim, no espaço sideral?"

"Ou na abóbada celeste, como queira. É a mesma coisa."

Cecília apoiou-se de novo nos bastões e ficou mirando a neve aos seus pés.

"É um mistério, um grande mistério."

Quando levantou os olhos, Ariel lançou-lhe um olhar de desafio.

"Pois eu acho que é muito fácil compreender."

Cecília abanou a cabeça, frustrada.

"Eu sempre quis saber *onde fica* o céu. Nenhum astronauta nunca viu Deus nem os anjos."

"Também nunca houve um cirurgião que opera cérebros que conseguisse *ver* os pensamentos lá dentro. E nunca houve um especialista em sonhos que conseguisse *ver* os sonhos dos outros. Mas isso não significa que os sonhos e pensamentos não existam dentro da cabeça das pessoas."

"É claro."

"E ninguém naquela praia viu quando você voltou para lá num sonho. Nós já conversamos sobre isso."

"Você está querendo dizer que há multidões de anjos no universo?"

"Sem dúvida. Você não ia achar que Deus criou um universo tão grande sem ter alguma razão para isso, ia? Já que nós, os anjos, não nos congelamos nem queimamos, podemos existir em todos os corpos celestiais, absolutamente todos. Mas só aqui na Terra faz frio e calor na

medida certa para as pessoas de carne e osso. Qualquer outro lugar seria muito quente ou muito frio para vocês. Se a Terra estivesse só uma fraçãozinha mais perto do Sol, seria insuportável para os seres de carne e osso. E se a Terra estivesse só uma fraçãozinha mais perto de Plutão, vocês se congelariam, virariam estátuas de gelo."

O anjo deu uma voltinha pelo ar, mas logo voltou a pairar diante de Cecília, cerca de dois palmos acima do chão.

"Você já esteve na Lua?", perguntou ela.

"Claro! É lá que eu danço balé."

"Na Lua?"

"Sim. E foi uma grande piada quando os primeiros seres humanos chegaram. Sabe por quê? Havia uma multidão de nós ali! Mas nem Armstrong nem os outros astronautas eram capazes de nos ver. Achavam que estavam lá sozinhos. E ficaram tão orgulhosos pensando que eram os primeiros a visitar a Lua!... Você sabe o que Neil Armstrong disse quando saiu da nave e pisou na Lua?"

"Sei", respondeu Cecília. "Um pequeno passo para o homem, um passo gigantesco para a humanidade."

"Exatamente!"

Cecília ficou um pouquinho zangada, em nome de toda a humanidade, ao saber que os anjos espionaram os primeiros astronautas, que pensavam estar sozinhos na Lua. Disse então: "Bem que eu gostaria de escrever sobre isso no jornal: *Últimas notícias: Há multidões de anjos na Lua! Novo radar revela um antigo segredo".*

Ariel riu.

"Mas talvez você nunca tenha ouvido falar nos asteroides."

Cecília ficou contentíssima, pois agora estava em terreno bem conhecido. Já havia lido muita coisa sobre o espaço, bem mais que a maioria das crianças da sua idade. No início da doença, dera um verdadeiro mergulho naquela enorme pilha de *Ciência Ilustrada.*

"Claro", respondeu ela. "São planetinhas minúsculos que giram em torno do Sol. Só que são tantos, e tão pequenos, que não têm nome próprio. Muitos só têm um número."

Ariel bateu palmas.

“Bravo! Está vendo, você sabe mais do que pensava sobre a glória dos céus. Quando quero ficar um pouco sozinho — durante uns cinquenta ou cem anos, por exemplo — costumo me sentar num pequeno asteroide. Sim, pois embora existam muitos anjos no céu, existem ainda mais asteroides. Ficar sentado num planetinha sem fazer nada é bem relaxante, depois de uma discussão agitada com os outros anjos numa daquelas nossas assembleias. Às vezes eu brinco de amarelinha, pulando de asteroide em asteroide. É muito gostoso!”

Cecília achou que isso era simples demais.

“Acho que você está mentindo.”

Daí olhou bem dentro dos olhos de Ariel, aqueles olhos verde-azulados, cor de safira, mas desviou o olhar depressa ao ver como era séria sua acusação.

“É uma pena”, disse Ariel, “pois como os anjos não mentem, você também não acredita que eu sou um anjo.”

“Então me conte mais”, disse Cecília, meio sem jeito.

“Para mim o mais divertido é sentar num cometa.”

“Cometa?”

“Sim, o cometa Halley, por exemplo. Ele leva setenta e seis anos para dar uma volta em torno do Sol, em alta velocidade, numa órbita que se projeta para muito longe no espaço. Sentar num cometa é parecido com andar numa montanha-russa; a única diferença é que não é preciso subir para escorregar de novo.”

“Eu adoraria fazer isso”, disse Cecília. “Mas não sabia que os anjos eram tão brincalhões.”

O anjo Ariel olhou nos seus olhos.

“Eu já lhe disse, Deus criou Adão e Eva para que houvesse alguém correndo no meio das árvores, brincando de esconde-esconde naquele grande jardim. Pois para que criar um jardim, se não há crianças para brincar nele?”

Cecília concordou, e Ariel prosseguiu: “Também não haveria por que existir um espaço tão enorme, com bilhões de estrelas e planetas, luas e asteroides, sem os anjos para desfrutar de todo esse esplendor”.

Cecília hesitou.

“Concordo que isso parece bem razoável. Mas não se encontra nem sombra disso tudo que você está me dizendo em nenhuma história da Bíblia.”

Ariel não respondeu, mas disse algo bem diferente: “Se Deus tivesse criado tudo simplesmente para demonstrar seu poder, ele seria terrivelmente egocêntrico. Existem cerca de cem bilhões de galáxias no universo, e em cada uma delas há cerca de cem bilhões de sóis. Assim, só podemos tentar supor quantos planetas e luas existem no universo, isso sem falar dos asteroides. Ainda que os anjos também sejam muitíssimos, não podemos reclamar de ter recebido pouco espaço para brincar. E também não podemos reclamar de ter recebido pouco tempo de vida”.

“Realmente. Façam bom proveito!”

“Somos nós que unimos todo o universo, Cecília. Deus não tem dois corvos nos ombros, mas tem uma multidão de anjos — as hostes celestiais.”

Cecília, pensativa, fazia um furo na neve com um dos bastões de esqui. Disse então: “Se você escrevesse um livro sobre essas coisas, devia ganhar um Prêmio Nobel. Ou até dois”. “Por que dois?”

“Um de teologia e outro de astronomia. A menos que eles juntassem esses dois num só, claro. Na pior das hipóteses, você poderia ganhar o Prêmio Nobel de imaginação. Seria bem merecido.”

Ariel riu.

“Bem, não vou entrar numa competição com esses estudiosos tão sérios. Eles acreditam que todos os segredos da natureza podem ser revelados com microscópios e telescópios. E acreditam apenas naquilo que pode ser pesado e medido. Mas eles só compreendem em parte. Eles não compreendem que enxergam tudo através de um espelho, obscuramente. É impossível pesar ou medir um anjo. Também não adianta nada examinar o espelho no microscópio. O resultado é que você continua vendo apenas o seu reflexo, ainda mais nítido. Assim, é melhor usar um pouquinho de imaginação.”

Cecília enfiou o bastão na neve com mais energia.

“Eu bem que gostaria de brincar de amarelinha entre os asteroides. Gostaria de dançar balé na Lua, de voar agarrada num cometa viajando pelo espaço! Pois se tudo isso fica no céu, como você diz...”

“Sim?”

“Muita gente acredita que quando as pessoas morrem, vão para o céu. É verdade?”

Ariel deu um suspiro pesado.

“Neste exato momento *vocês já estão* no céu. Neste exato momento vocês estão aqui. E, na minha opinião, vocês todos deveriam parar de brigar e discutir. É muita falta de educação ficar brigando diante de Deus.”

“Você não respondeu à minha pergunta.”

“Vocês vão e vêm. Cada um toma o seu caminho e depois volta. Aliás, as estrelas e planetas também fazem isso.”

Cecília bateu forte no chão com o bastão de esqui.

“Blá, blá, blá!”

“Está zangada, Cecília?”

Ela sabia que o anjo estava certo, mas achou que tinha licença de ficar um pouquinho zangada naquele momento. Disse então: “Você já falou várias vezes que os seres humanos são feitos de carne e osso, e disse que nada feito de carne e osso tem vida eterna. Pois quer saber de uma coisa? Eu acho uma grande pena. Eu bem que gostaria de brincar de amarelinha nos asteroides por alguns milhares de anos, depois talvez tirar umas férias de uns dois milhões de anos num planeta exótico, numa galáxia distante. É por isso que sinto uma curiosidade terrível de saber se nós temos vida eterna”.

De repente ela levou a mão à boca. De onde tinham vindo todas aquelas palavras?

“Ninguém tem ‘vida eterna’, Cecília “, disse Ariel, “nem mesmo os anjos do céu, pois os anjos não ‘vivem’. Por isso nós não sentimos nada, e também não crescemos nem ficamos adultos. Nós já conversamos sobre isso.”

Cecília abaixou os olhos e fitou a neve.

“Acho que é um pouco demais vocês reclamarem que não estão vivos. Pois vocês ficam o tempo todo voando entre as estrelas e planetas!”

“Da mesma forma que você voa por aí até uma praia distante quando está dormindo”, respondeu Ariel. “O que você acharia se a sua vida inteira fosse apenas um sonho?”

Cecília deu de ombros.

“Ora, se esse sonho tivesse durado para sempre e tivesse sido legal e divertido, acho que eu preferiria o sonho, e não a vida. E *você,* o que preferiria: ter uma vida humana por alguns anos ou uma vida de anjo para todo o sempre?”

“Nem você nem eu temos essa escolha, portanto não vale a pena falar sobre isso. Além do mais, deve ser melhor olhar para o firmamento uma única vez do que não experimentar absolutamente nada. Os que ainda não foram criados não podem exigir ser criados.”

Cecília pensou sobre a última parte do que Ariel havia dito. Daí refletiu mais uma vez. Por fim disse: “Mas talvez eles preferissem não ser criados do que viver só por um curto período. Se eles não fossem criados, não saberiam o que estavam perdendo”.

Ariel não respondeu. De repente, levantou voo na vertical como uma flecha e olhou para a casa lá embaixo.

“Já são três horas. Vamos voltar logo, antes que eles acordem.”

Cecília desceu a encosta de esquis, com o anjo Ariel esvoaçando ao seu lado. Na estreita trilha entre as árvores, Cecília ia esquiando com firmeza, e Ariel simplesmente passava através dos troncos das árvores, como se fossem simples bastões marcando o caminho. Logo depois estavam chegando no celeiro.

Ariel segurou Cecília pelo capuz do blusão e disse: “Não temos tempo de dar a volta para entrar em casa”.

“Como assim?”

Mas Ariel não tinha tempo nem de responder. Agarrou-a pelo casaco e levantou-a bem alto no ar. Dali a um momento os dois mergulharam através da janela fechada e pousaram no meio do quarto de Cecília.

A vidraça continuou tão inteira quanto antes, assim como Cecília. Mas ela ainda estava com os esquis nos pés, e a água pingava pelo chão.

"O que eles vão dizer?", sussurrou ela, apontando para os esquis com uma cara culpada.

"Deixe que eu dou um jeito", disse o anjo Ariel.

Rápida como um raio, Cecília tirou a roupa e os esquis, vestiu a camisola e enfiou-se na cama. Daí ficou olhando o anjo dobrar suas roupas bem dobradas, rapidíssimo, e guardá-las no armário. Ariel então encostou os esquis e os bastões na parede. Daí soprou algumas vezes nos esquis e no chão, e toda a neve derretida desapareceu. Era impossível saber que Cecília havia saído para dar um passeio ao luar.

"Super!", disse Cecília, e adormeceu.

Quando abriu os olhos, o pai estava sentado na cadeira ao lado da cama.

"Que horas são?", perguntou ela.

"Sete horas."

"Faz tempo que você está aqui?"

"Só algumas horas..."

Daí ela se lembrou do seu passeio de esqui no meio da noite. Apertou os olhos para examinar bem o quarto. Ninguém poderia perceber que ela havia usado os esquis.

Talvez não tivesse sido a noite passada, então. Talvez já se houvessem passado vários dias; ela não saberia dizer.

Estava se sentindo mais fraca do que nunca. Seria por causa do passeio de esqui com Ariel?

"Não estou me sentindo muito bem."

O pai pegou na mão dela.

"É, você não está muito bem mesmo."

"Que dia é hoje?"

Ele olhou o relógio.

"É 22 de janeiro."

"Quase um mês depois do Natal."

"Pois é. Daqui a pouco mamãe vem dar sua injeção."

"Minha injeção?"

"Sim, ela está no banheiro."

"Já estou cansada dessa droga toda."

Ele apertou sua mão e disse apenas: “Claro”.

Ela tentou olhar para ele.

“Quando eu crescer, vou estudar astronomia.”

“Não diga! Isso é... sensacional!”

“Afinal, *alguém* tem que descobrir tudo.”

“Sobre o que você está pensando?”

“Ora, papai, quem está doente sou eu...”

“Sim, é verdade...”

“...mas vocês é que são duros para entender as coisas. Estou querendo dizer que alguém tem que descobrir *como é tudo.* As coisas não podem continuar assim.”

“A ciência vai sempre descobrindo mais, cada vez um pouquinho mais...”

“Você acredita em anjos?”

“Por que você está pensando nisso?”

“E em Deus, você acredita?”

Ele fez que sim. E perguntou: “Você também, não é?”.

“Não sei... se ao menos ele não fosse tão boboca. Você sabia que ele colocou um anjo em quase todos os asteroides? Se eles quiserem, podem ficar ali só se divertindo, para todo o sempre. E não precisam nem cortar as unhas e nem escovar os dentes. Outros ficam viajando em enormes cometas que giram em torno do Sol a uma velocidade fantástica. Outros olham para baixo, aqui para a Terra, e têm uma curiosidade *enorme* de saber qual é a sensação de ser uma pessoa de carne e osso...”

“Agora acho que você está imaginando coisas.”

“...enquanto Deus Todo-Poderoso só fica ali sentado bem confortável e sopra bolhas de sabão conosco. Só para se exibir para os anjos no céu.”

“Tenho certeza que ele não faz isso.”

“Como você pode ter tanta certeza? E se ele for um embromador, um vigarista?”

“Nós não compreendemos tudo, Cecília.”

“Já ouvi isso... Nós compreendemos as coisas só em parte. Enxergamos tudo num espelho, num enigma...”

“Sim, essas são palavras sábias.”

Cecília olhou para ele com uma expressão resignada.

Houve um longo silêncio. Ela queria dizer mais algumas coisas, mas não sabia se tinha forças. Gostaria que o pai fosse capaz de puxar as palavras da sua cabeça sem ela precisar abrir a boca.

Falou então: “Pai, lembra de quando nós fomos para Creta?”.

Ele tentou sorrir.

“Como eu poderia esquecer?”

“Não, seu bobo, estou perguntando se você se lembra da viagem de avião.”

“Claro. Até me lembro do que comemos: na ida, frango com salada de batatas, e na volta, bolinhos de carne com molho de páprica.”

“Não fale de comida, pai. Estou querendo dizer que eu fiquei olhando pela janela, vendo a terra aqui embaixo.”

Cecília não disse mais nada. Mas lembrou-se de quando estava sentada bem alto no céu, olhando a terra lá embaixo com suas cidades e estradas, montanhas e campos. Quando voltaram para a Noruega, no início voaram por cima das nuvens. Foi como estar a meio caminho entre o céu e a terra. Chegaram ao aeroporto tarde da noite, e para aterrissar mergulharam através de todo aquele algodão de Natal. E ali se revelou então uma terra mágica, com luzinhas elétricas de todas as cores.

Ela disse: “Quando uma pessoa vem ao mundo, recebe o mundo inteiro de presente”.

O pai concordou. Mas parecia que ele não estava gostando de ver que ela tinha tanta coisa para dizer.

Ela continuou: “Mas não é só a gente que vem ao mundo. Também se pode dizer que é o mundo que vem para a gente”.

“É quase a mesma coisa.”

“Papai, eu me sinto como se fosse dona do mundo inteiro.”

Ele tomou sua outra mão.

“De certa forma, é mesmo.”

"Não só dona desta casa... e da colina dos Corvos... e do rio lá embaixo. Sou dona da planície de Lasithi em Creta... e da ilha de Santorim inteirinha. É como se no passado eu já tivesse vivido naquele velho castelo de Cnossos. Sou dona do sol, da lua e das estrelas no céu, porque eu *vi* todos eles."

O pai pegou a sineta da mesinha de cabeceira e tocou. Por que será que estava fazendo isso? Será que ele também estava se sentindo mal?

Ela continuou: "Ninguém pode me tirar nada disso. Esse sempre vai ser o *meu* mundo. Será o meu mundo eternamente, para todo o sempre".

Daí a mãe entrou, e o pai levantou e saiu depressa. Já estava sentado ao lado dela fazia tanto tempo que devia estar aflito para ir ao banheiro.

"Cecília?"

Ela se virou para a mãe com um ar acusador.

"Cecília!"

"Mamãe, você não pode simplesmente me dar a injeção? Não precisamos conversar sobre nada."

A mãe lhe aplicou a injeção sem mais palavras e Cecília deve ter dormido de novo, pois quando acordou viu Ariel sentado na cadeira ao lado da cama.

Ela estava se sentindo muito melhor do que quando a mãe e o pai estavam no quarto. Quem sabe ficasse reanimada na companhia do anjo?

"Dormiu bem?"

Ela se ergueu, sentou na beira da cama, olhou pela janela e viu que lá fora estava claro.

"Já é dia claro. Às vezes fico toda confusa."

Ariel disse confidencialmente: "É que a Terra gira sem parar".

Cecília riu. Não sabia realmente por quê, mas naquele momento achou cômico pensar que a Terra dá voltas e mais voltas, sem parar.

Falou então: "Alguém, não sei quem, disse que o mundo é um palco. Nesse caso, deve ser um palco giratório".

"Com certeza", disse Ariel. "Mas talvez você não saiba por quê."

Ela deu de ombros.

“Não importa, pois não consigo sentir que ela está girando. Seria bem melhor se fosse como um carrossel. Imagine se fosse assim... todas as rodas-gigantes do mundo iriam fechar!”

Ariel levantou-se da cadeira e saiu flutuando devagar pelo quarto. Sentou-se na escrivaninha e olhou para Cecília.

“ A Terra gira para que todas as pessoas do mundo possam olhar para o espaço em todas as direções. Assim cada um pode ver as estrelas e tudo o mais que existe, de qualquer lugar onde esteja.”

“Nunca tinha pensado nisso.”

“Pois é isso mesmo. Não importa se você mora em Java ou em Jessheim — não há nem um único pedacinho da glória do céu que ficará escondido de você. Além disso, seria terrivelmente injusto se só metade das pessoas da Terra sentissem os raios do sol no rosto; ou, por exemplo, se metade da humanidade nunca visse a lua crescente. Mas tanto o sol como a lua pertencem a todas as pessoas da terra.”

“E foi realmente por causa disso que Deus lançou todo esse carrossel em movimento, girando pelo céu?”

“Sim senhora! E não só por causa disso...”

“Me conte mais!”

“Foi também para que os anjos do céu pudessem ver a terra inteira de onde eles estivessem, em qualquer corpo celestial. É muito mais fácil ficar de olho num planeta que está sempre girando do que num planeta que mostra sempre a mesma face para você.”

Cecília achou que o anjo Ariel estava entusiasmado até demais. Falava sem parar, balançando as pernas.

“Acho que já lhe contei que temos olhos de raio X. Mas creio que ainda não contei que também temos visão à distância...”

“Como assim? Vocês conseguem ver as pessoas aqui na terra até mesmo quando estão sentados num desses planetinhas ridículos por aí no espaço?”

“Exatamente. Só que lá em cima não tem tanta coisa interessante acontecendo. Mas quando estamos confortavelmente instalados naquele tal planetinha ridículo, olhando a terra, podemos assistir ao

grande teatro celeste, e as cenas podem acontecer tanto em Creta como aqui na Noruega."

"Grande teatro celeste?"

"O mundo, Cecília. A vida das pessoas na terra é como uma peça de teatro interminável. Vocês vão e vêm. E quando chega a hora, chega a hora, e..."

Cecília ficou sentada na beira da cama alguns segundos, sem se mexer. Daí exclamou: "Quer saber de uma coisa? Isso é uma droga!".

Deu um forte chute na cadeira.

"Se fosse verdade, seria uma injustiça terrível!"

Ariel pareceu um pouco surpreso, mas não parou de balançar as perninhas.

"Nesse caso não vamos falar mais disso."

"Nem sei se quero falar mais nada sobre nada."

No mesmo instante Ariel parou de balançar as pernas e disse: "Você está amargurada, Cecília".

"Pode ser. E daí?"

"É por isso que eu estou aqui."

Ela ficou olhando para o chão.

"É que eu não compreendo por que o mundo não poderia ter sido criado *um pouquinho* diferente."

"Já conversamos sobre isso. Tenho certeza de que você muitas vezes já tentou desenhar muito bem alguma coisa, mas o desenho sempre acaba ficando um pouquinho diferente da ideia que você tinha em mente."

"Isso acontece quase sempre. E, aliás, é isso que é interessante: a gente não sabe exatamente no que vai dar tudo aquilo."

"Nesse caso, você não é todo-poderosa em relação ao que você desenha."

Cecília não respondeu. Depois de um longo silêncio, disse: "Se eu fosse desenhar alguma coisa, e soubesse que no final meu desenho iria criar vida, nunca me atreveria a desenhar nada. Nunca me atreveria a dar vida a algo que não pudesse se defender contra esses lápis coloridos, tão ambiciosos".

O anjo deu de ombros.

"De qualquer forma, as figuras que você desenhou teriam compreendido as coisas apenas em parte. Elas não teriam visto face a face."

Ela deu um suspiro fundo.

"Esses seus mistérios estão começando a me dar nos nervos."

"É pena. A intenção não é essa."

"Houve alguém meio esquisito que disse que o mais importante é ser ou não ser. Estou cada vez mais de acordo com ele. Ou com ela, naturalmente — mas você já disse que o sexo, esse tipo de coisa, não é tão importante no mundo espiritual..."

"Ser ou não ser", repetiu Ariel. "Está muito certo, pois não há nada intermediário entre os dois."

"Eu acredito que estamos aqui nesta terra só esta única vez. E nunca mais vamos voltar."

"Sei que você está muito doente, Cecília..."

Ela o interrompeu: "Mas você não tem o direito de perguntar o que eu tenho. Ninguém tem o direito de perguntar isso, nem mesmo os anjos do céu".

"Eu só ia dizer que vim aqui para consolar você."

Ela repetiu, debochando: "Consolar!".

Ariel saiu voando da escrivaninha e começou a flutuar em torno do quarto.

Cecília disse: "Quando eu ficar velha e morrer, creio que vou voltar a ser criança. Daí vou continuar vivendo no céu, como vocês, anjos. Nós todos vamos nos tornar como os corvos de Odin. Vai ser bárbaro, demais...".

"Você acha mesmo?", perguntou Ariel.

"Você acha mesmo? Ora, *você* com certeza deve saber!"

Ariel ficou pairando no ar ao lado da cama, tapando a visão do colar de pérolas e do calendário grego de gatinhos.

"De jeito nenhum!", disse ele com firmeza. "Tanto a criação como os céus são um mistério tão grande que nem os seres humanos da terra, nem os anjos do céu são capazes de compreendê-lo."

“Bem, já que é assim, dava no mesmo eu estar conversando com o papai ou a vovó.”

“Claro, pois eles também estão flutuando em algum lugar desse grande mistério de Deus.”

Ela ergueu os olhos.

“Você já viu Deus? Em pessoa?”

“Neste exato momento estou sentado cara a cara com um pedacinho dele. Pois tudo o que eu vir e falar com um dos seus pequeninos, terei visto e falado com ele próprio.”

Cecília refletiu bem.

“Se é só assim que podemos encontrar Deus, seria bem difícil vencer uma discussão com ele.”

Ariel não pôde deixar de rir.

“Seria o mesmo que Deus vencer a si mesmo.”

O quarto ficou em total silêncio. O anjo Ariel então continuou: “Quando você se queixa que Deus é burro, talvez seja Deus acusando a si mesmo. Ou você já se esqueceu do que ele disse quando estava na cruz?”.

“Esqueci...” A avó lhe tinha lido muitos trechos da Bíblia recentemente, mas justo esse trecho ela esquecera. “Me conte!”

Ariel disse: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”.

Uma nova ideia ocorreu a Cecília. Nunca havia pensado nisso antes. Se Jesus era Deus, então Deus falou consigo mesmo na cruz. Quem sabe estava falando consigo mesmo também quando falou com os discípulos no jardim de Getsêmani. Eles nem sequer ficaram acordados quando Jesus foi preso.

“Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?”, repetiu ela.

Ariel veio flutuando e chegou mais perto. Olhou-a bem nos olhos com seus olhos azuis de safira e falou: “Diga isso, Cecília! Diga muitas e muitas vezes. Pois *existe mesmo* alguma coisa no firmamento que não está bem certa. Alguma coisa realmente saiu errada nesse grande plano geral”.

Ela tentou organizar seus pensamentos. Daí perguntou: “Você realmente não sabe mais nada sobre o que há do outro lado?”.

Ele balançou a cabecinha lisa.

"Nós enxergamos tudo num espelho. Agora você teve um vislumbre de como é o outro lado do espelho. Não posso lustrar e polir o espelho inteiro. Se pudesse, você veria até mais coisas; porém, não enxergaria mais a você mesma."

Ela ficou olhando para ele espantadíssima.

"Esse foi um pensamento muito profundo."

"Sim, e não se pode ir mais fundo com os seres de carne e osso. Eles são uma lagoa rasa. Fico enxergando a areia e as pedrinhas no fundo o tempo todo."

"Verdade mesmo?"

"Sim. Afinal, 'carne e osso' não passam de terra e água. Mas Deus soprou um pouco do seu espírito dentro de vocês. É por isso que há uma parte de vocês que é Deus."

Cecília levantou os braços em desespero.

"Nem sei o que dizer."

"Você podia dar parabéns a você mesma..."

"Não é meu aniversário!"

"Você poderia se dar parabéns porque você é um ser humano que vem fazendo parte de uma viagem extraordinária pelo firmamento, em torno de um sol de fogo. Aqui você experimentou uma fração da eternidade. Você viu o universo, Cecília! Você foi capaz de levantar a vista desse desenho do qual você faz parte e ver a sua própria majestosa grandeza no enorme espelho do céu."

Ariel falava de uma maneira tão solene que Cecília ficou realmente com medo.

"Você não devia dizer nem mais uma palavra. Acho que não consigo aguentar."

"Só mais uma coisa!", disse ele. Olhou dentro dos olhos dela com um olhar mais claro e mais profundo do que o próprio mar Egeu. "Todas as estrelas um dia acabam caindo. Mas uma estrela é apenas uma pequenina centelha do grande facho de luz que há no céu."

Dali um instante Ariel já tinha desaparecido, e Cecília adormeceu. Quando acordou, viu a avó, a mãe e o pai sentados ao lado da sua

cama.

"Vocês estão todos aqui?"

Os três deram um sim de cabeça. A mãe limpou a boca de Cecília com uma toalha molhada.

"Onde está Lars?"

"Lá fora, patinando com o vovô."

"Quero falar com a vovó."

"Quer que eu saia com o papai?"

Ela fez que sim, e o pai e a mãe saíram na ponta dos pés. A avó lhe segurou as duas mãos.

Cecília perguntou: "Você se lembra do que me contou sobre Odin?".

"Claro."

"Ele tinha dois corvos, um em cada ombro. Todas as manhãs eles saíam para voar em torno do mundo, ver como estavam as coisas. Daí voltavam para Odin e lhe contavam tudo o que tinham visto..."

"Agora é você que está me contando a história", disse a avó.

Vendo que Cecília não dizia mais nada, a avó continuou: "Mas, de certa forma, era o próprio Odin que voava pelo mundo. Apesar de ficar sentado imóvel no seu trono, ele voava nas asas dos seus corvos. E os corvos enxergam muito bem...".

Cecília a deteve: "É isso mesmo que eu queria dizer".

"O quê?"

"Eu gostaria de ter dois corvos assim. Ou, pelo menos, ser um deles."

A avó apertou um pouquinho mais as suas mãos.

"Não precisamos falar nisso agora."

"Já comecei a esquecer tudo o que você me falou", disse Cecília.

"Pois eu acho que você se lembra muito bem."

"Você falou que a gente fica triste quando uma coisa é bonita, ou que a gente fica bonita quando uma coisa é triste?"

A avó não respondeu. Ficou apenas segurando a mão de Cecília e olhando nos seus olhos.

"Tem um caderno debaixo da minha cama", disse Cecília. "Quer pegar para mim?"

A avó soltou uma das mãos e apanhou o caderninho chinês. Achou também a caneta preta.

"Dá para você escrever uma coisa para mim?", pediu Cecília.

A avó soltou a outra mão e Cecília ditou:

"Nós enxergamos tudo num espelho, obscuramente. Às vezes conseguimos espiar através do espelho e ter uma visão de como são as coisas do outro lado. Se conseguíssemos polir mais esse espelho, veríamos muito mais coisas. Porém, não enxergaríamos mais a nós mesmos."

A avó levantou os olhos do caderno.

"Não é um pensamento profundo?", perguntou Cecília.

A avó concordou, e algumas lágrimas lhe correram pelo rosto.

"Você está chorando?", perguntou Cecília.

"Sim, queridinha, estou chorando."

"Porque é bonito ou porque é triste?"

"As duas coisas."

"Tem mais."

"Continue, então..."

"Se eu fosse desenhar alguma coisa e soubesse que no final meu desenho iria criar vida, eu não me atreveria a desenhar nada, absolutamente nada. Jamais me atreveria a dar vida a algo que não conseguisse se defender contra aqueles lápis coloridos, tão ambiciosos..."

O quarto ficou em silêncio. O resto da casa também estava absolutamente quieto.

"O que você acha?", perguntou Cecília.

"Muito bom..."

"Dá para você escrever mais?"

A avó chorou um pouquinho de novo. Daí fez que sim, e Cecília ditou:

"Tanto a criação como os céus são um mistério, um mistério tão grande que nem os seres humanos da terra nem os anjos do céu conseguem compreender. Mas existe algo no firmamento que não está bem certo. Alguma coisa saiu errada naquele grande plano geral."

Ela ergueu os olhos.

"Só mais uma coisinha."

A avó fez que sim, e Cecília disse:

"Todas as estrelas acabam caindo. Mas uma estrela é apenas uma pequenina centelha do grande facho de luz que há no céu."

Certa tarde Cecília foi despertada por um passarinho cantando lá fora. A mãe estava sentada ao lado da cama.

"Por que a janela está aberta?", perguntou Cecília.

"Está um dia lindo lá fora, bem suave, parece primavera."

"A neve já derreteu toda?"

"Não."

"Ainda tem gelo no rio?"

"Sim, mas não dá mais para patinar, é perigoso."

Cecília pensou em Ariel. Da última vez que viera, estava tão solene. Será porque tinha lhe revelado os últimos segredos sobre as coisas do céu?

Agora sempre havia alguém com ela; mas Cecília pediu para passar a noite sozinha. A mãe e o pai estavam sentados ao seu lado.

"Um de nós dois fica sempre aqui", disse o pai para tranquilizá-la.

"Por quê?"

Como ninguém respondia, ela disse: "Se eu quiser alguma coisa, eu toco o sininho".

O pai lhe acariciou o cabelo.

"E se você não conseguir tocar?"

"Posso mandar um anjo acordar vocês."

A mãe e o pai se entreolharam.

Cecília disse: "Por acaso vocês acham que eu estou pensando em fugir?".

O pai só abanou a cabeça, mas a mãe disse: “Estamos aqui com você. Como antigamente, quando você era bebê”.

“Por quê? De repente estão com medo de que o passarinho fuja do ninho?”

Quase precisou enxotá-los do quarto. Quando acordou, logo depois, Ariel estava sentado no peitoril da janela.

“Você é linda quando dorme”, disse ele.

“Mas eu não quero conversar. Quero sair!”

“Será que você consegue?”

“Claro que sim. Quero ir lá embaixo olhar o rio, antes que o gelo derreta.”

Ariel suspirou.

“Vai ser uma trabalheira vestir aquelas roupas todas.”

“Mas eu quero sair”, repetiu ela.

“Então só um pouquinho.”

Ele a ajudou a tirar as roupas de inverno do armário.

“E hoje vamos pegar o tobogã”, disse ela com firmeza.

Ariel sorriu.

“Vai ser a primeira vez que eu ando de tobogã.”

“Ou, pelo menos, a primeira vez este ano”, acrescentou Cecília.

Depois que ela se vestiu, os dois ficaram um pouco juntos examinando as lindas pedras na estante.

“São de quase todos os países do mundo”, disse ela. “Cada pedrinha dessas é um pequenino fragmento da terra.”

“Um pequenino fragmento da terra”, repetiu Ariel.

Apontou para a borboleta que Cecília ganhara de Marianne.

“Menos esta aqui, certo?”

Cecília não respondeu, mas enfiou a borboletinha no bolso do casaco, dizendo: “Agora ela vai sair lá fora para voar”.

“Lá fora para voar”, repetiu Ariel. *“Sair lá fora para voar.”*

“Mas, antes, é melhor você ver se todos estão dormindo.”

Um brilho maroto brincou nos olhos de Ariel.

“Vamos dar uma olhada nós dois?”

Saíram para o corredor e deixaram o tobogã no alto da escada. Daí entraram de mansinho no quarto dos pais. A porta estava aberta. Deram um passo para dentro e Cecília levou um dedo aos lábios: "Psss!".

O quarto estava escuro, mas um raiozinho de luz entrava pela janela, vindo da lâmpada na porta do celeiro. A mãe e o pai estavam deitados bem juntos um do outro.

"Não acha que eles parecem duas criancinhas, assim dormindo?", sussurrou Ariel.

Ela fez que sim.

"O que será que eles estão sonhando?..."

Saíram de novo para o corredor e entraram no quarto de Lars. Bem no meio havia uma montanha de tijolinhos de Lego. Cecília foi andando com todo o cuidado para não chutar nenhum. Ariel simplesmente se elevou a meio palmo do chão.

Ela sentiu que gostava tanto do irmãozinho que teve de secar algumas lágrimas dos olhos.

Não é engraçado que a gente fique com lágrimas nos olhos porque gosta muito de alguém? Nas últimas semanas Cecília passara tão pouco tempo com Lars que ele quase tinha se tornado um estranho para ela.

Ariel pegou o tobogã na escada e os dois desceram devagarzinho até o térreo.

"A vovó e o vovô moram naquela casinha ali ao lado", cochichou Cecília.

"Sim", disse Ariel, "mas neste momento sua avó está dormindo aqui no sofá da sala."

Deram uma espiada na sala, e era verdade — lá estava a vovó dormindo vestida, só com uma mantinha por cima. Cecília sabia que ultimamente ela decidira dormir no sofá. Segundo a mãe, é porque não suportava os roncos do vovô; mas pelo que a própria avó lhe dissera, precisava ajudar a mãe a dar as injeções.

"Ela é a melhor avó do mundo", cochichou ela.

"Sei disso", replicou Ariel.

"Não é só porque ela é minha avó. Ela *é mesmo* a melhor avó do mundo."

"Melhor avó", repetiu Ariel. *"A melhor avó do mundo."*

Saíram pela porta da frente e a fecharam com cuidado. Encontraram lá fora uma fria noite de inverno e tantas estrelas faiscantes no céu que a noite parecia um dia. Não havia lua, assim o brilho das estrelas era fora do comum. Só na total escuridão é que as estrelas mostram todos os seus raios.

Cecília correu pelo quintal puxando o tobogã por uma corda grossa, que fora amarrada pela avó. A mãe dissera que não havia pressa para preparar o tobogã, por isso Cecília e a avó tinham amarrado a corda em segredo.

Longos declives suaves desciam desde o quintal, quase chegando até o rio lá embaixo. Cecília logo sentou no tobogã, e dando impulso para partir, virou-se para Ariel e disse: "Se quiser vir comigo, segure firme!".

Ele veio sentar-se atrás dela. Como o chão estava coberto por uma camada de gelo, escorregaram encosta abaixo numa velocidade fantástica. O tobogã só parou quando chegaram bem lá embaixo, ao lado do matagal à margem do rio.

Cecília riu.

"Um recorde!"

Levantou-se e, virando-se para Ariel, disse: "Não foi maravilhoso?".

"Deve ter sido", respondeu ele com uma expressão triste, "mas eu não senti nada."

"Bem, vamos atravessar o rio", decidiu Cecília. E foi puxando o tobogã por entre os arbustos até chegar à margem do rio.

"Não ganhei patins de presente", disse ela, "mas posso patinar do mesmo jeito!"

Saiu do tobogã e começou a deslizar pelo gelo, só de botas. Ariel a seguia descalço, fazendo piruetas engraçadas como um dançarino de patins.

De repente ouviram um barulho forte, um verdadeiro rugido vindo do gelo. Cecília correu para a outra margem a toda a velocidade. Ariel veio esvoaçando atrás dela. Quando olharam para trás descobriram que

o gelo havia se partido, formando várias ilhotas. Numa delas, lá no meio do rio, estava o tobogã.

"O tobogã!", gritou ela.

Não foi preciso dizer mais nada, pois Ariel já estava a caminho. Cecília achou que ele ia voar por cima do rio e mergulhar para pegar o tobogã. Mas ao chegar na margem do rio, ele simplesmente foi andando sobre as ilhotas de gelo. Em alguns lugares caminhava também sobre as águas.

Num instante voltou trazendo o tobogã. Cecília não enxergava direito o que estava acontecendo, mas parecia que ele vinha pairando sobre a água, do mesmo modo como as renas de Papai Noel puxam o trenó pelo ar.

"Super!", exclamou ela.

Segurou firme a corda do tobogã e disse: "Vamos visitar Marianne!".

Subiram pela encosta até a casinha amarela. Cecília não ia lá fazia meses. Marianne viera visitá-la várias vezes antes do Natal, mas depois disso muitas semanas já tinham se passado.

Assim que chegaram na casa, Cecília tentou abrir a porta. Estava trancada.

"Bem, nesse caso não podemos entrar", disse Ariel. "É claro que eu poderia passar pela porta, mas não acho que nós dois devíamos fazer isso."

Cecília deu um sorriso esperto. Saiu andando em direção ao galpão atrás da casa, fazendo sinal para Ariel segui-la.

"Eu sei onde eles guardam a chave", disse com orgulho.

Encontrou-a num instante, debaixo de uma lata de tinta vazia. Já visitara Marianne muitas e muitas vezes. Em certas épocas passava tanto tempo na casa de Marianne como na sua própria.

Destrancou a porta da casa e os dois entraram devagarzinho. Para ir até o quarto de Marianne tinham de passar pela sala. Cecília acendeu uma lâmpada. Ariel a seguia como um irmão mais novo.

Cecília girou a maçaneta com cuidado e abriu a porta. Marianne dormia, com seu longo cabelo ruivo todo espalhado no travesseiro. Até esse momento Cecília estava se sentindo feliz e livre como um

passarinho; mas quando viu Marianne deixou cair uma lágrima. Talvez porque a amiga estivesse dormindo, ou porque fazia tanto tempo que não a via.

"Você está chorando?", sussurrou Ariel.

"Estou..."

Marianne começou a se mexer na cama. Parecia que iria acordar a qualquer momento. Ariel puxou o casaco de Cecília.

"Agora se despeça dela!"

Cecília abriu o bolso do casaco e tirou a borboletinha. Debruçou-se e com todo o cuidado depositou-a no chão, ao lado da cama de Marianne.

"Por que você fez isso?", perguntou Ariel. "Foi ela mesma que deu essa borboleta para você."

Ela deu de ombros.

"Ah, acho que para mim não vai ter utilidade."

Dali a um momento Marianne sentou-se na cama, mas nesse instante Cecília e Ariel já estavam na sala, saindo de casa. Trancaram a porta com cuidado e Cecília correu para o galpão levando a chave. Daí sentaram no tobogã e desceram um pequeno trecho até o rio.

Quando o tobogã parou, Ariel saltou fora e começou a pairar em torno de Cecília, como se fosse uma boneca sem peso nenhum. A própria Cecília também se sentia muito leve, quase sem peso. Sentou-se no tobogã, fitou o céu estrelado lá em cima e deu um suspiro.

"Esta é a eternidade..."

"Ou o céu", disse o anjo Ariel. "Ou o firmamento."

"Ou o universo", continuou Cecília.

"Ou o cosmos", disse Ariel, e os dois caíram na risada.

"Ou o espaço!"

"Ou o sal da terra!"

"Ou a realidade!"

"Ou simplesmente o mundo, nada mais."

"Ou o Grande Mistério!", exclamou Cecília por fim.

"Sim", disse Ariel, solene. "Um órfão tem muitos nomes."

"Um órfão?"

“Sim, não são as crianças queridas que recebem muitos nomes; são as crianças perdidas que recebem muitos nomes. As que são encontradas na soleira da porta. As que vêm ninguém sabe de onde. As que ficam pairando no espaço vazio.”

“Esta é a eternidade”, repetiu Cecília.

O anjo Ariel veio voando até o tobogã ao seu lado e disse: “E isso se percebe mais claramente no meio da noite”.

Cecília se virou para ele e repetiu algo que já tinha dito antes. Dessa vez falou acentuando bem cada sílaba: “Eu estou aqui só desta vez. E nunca mais vou voltar”.

Mas o anjo Ariel disse: “Agora você está na eternidade. E a eternidade sempre volta, eternamente”.

Foram caminhando até a margem do rio e viram as grandes ilhotas de gelo descendo devagar, atravessando o vale. O rio, tão quieto e tranquilo durante o inverno, de repente começara a fazer ruídos irados. Os dois caminharam até a ponte, e ali começaram a atravessar para o outro lado.

Ao chegar no meio da ponte Ariel apontou para a água que corria lá embaixo e perguntou: “Como se chama este rio?”.

“Como se chama este rio?”, repetiu ela. “Já lhe disse uma porção de vezes: chama-se rio Leira.”

“É um lindo nome, e bem terreno — ‘leira’ lembra ‘areia’. Mas, num espelho celestial, até as coisas mais terrenas se tornam celestiais.”

“Não entendi nada.”

“Leira...”, repetiu Ariel. E disse com um sorriso misterioso: “Você enxerga tudo num espelho, num enigma”.

Ela deu de ombros. Ariel então disse: “Você consegue ler ‘Leira’ de trás para a frente?”.

Houve uma pausa de um segundo.

“ARIEL!”, exclamou Cecília. “Claro! É Ariel!”

“Sim”, disse ele com orgulho. “Sempre gostei deste vale.”

Cecília ficou muito impressionada.

Enquanto subiam a colina, voltando para a casa dos Skotbu, várias vezes ela levantou bem o rosto para fitar o universo. De repente, uma

estrela cadente riscou o céu. Ariel disse: “Veja, uma estrela caindo!”.

“Uma estrela caindo!”, repetiu Cecília.

E lembrou-se então da velha estrela da árvore de Natal, que desaparecera este ano. Ariel não havia dito que sabia onde ela estava?

Enquanto Cecília ia puxando o tobogã, subindo com dificuldade o último trecho até o celeiro vermelho da casa dos Skotbu, virou-se para ele e perguntou: “Você se lembra do que eu lhe contei sobre a estrela da árvore de Natal, que desapareceu misteriosamente?”.

Ele fez uma expressão estranha.

“Talvez não tenha sido tão misteriosamente assim.”

“Isso mesmo!”, respondeu Cecília, “porque *você* sabe onde ela está!

Sentiu então um calafrio — o que Ariel tinha em mente ao dizer que não tinha sido tão misteriosamente? E se ele sabia onde a estrela estava, por que não lhe contara há mais tempo?

Já tinham chegado ao quintal.

“Venha até aqui”, disse o anjo Ariel, apontando para trás do celeiro.

Alguns galhos de uma árvore seca apareciam na neve, junto à parede do celeiro. Quase todas as agulhas já tinham caído, e as que sobravam eram de um marrom bem claro. Via-se que a árvore ficara debaixo da neve o inverno inteiro, e agora, com o degelo, começara a reaparecer.

“É a árvore de Natal do ano passado!”, exclamou Cecília.

E lembrou-se que ajudara o pai a pôr a árvore ali, fazia pouco mais de um ano.

Ariel afastou com os pés a neve solta e puxou para fora a velha árvore de Natal. Cecília viu então a velha estrela, ainda presa no alto da árvore. Imagine, ninguém tinha se lembrado disso! Ninguém pensou que talvez simplesmente tivessem se esquecido de pegar a estrela quando tiraram os enfeites da árvore!

A árvore seca parecia triste e patética, levando Cecília a lembrar-se da praia de lava negra na ilha de Santorim. Só a estrela continuava a mesma. O inverno não tinha lhe feito nenhum mal. Estava inteirinha, sã e salva.

O anjo Ariel curvou-se e encostou um dedo na estrela. Imediatamente ela começou a brilhar como se tivesse recebido uma

corrente elétrica.

Cecília ficou encantada.

"Que lindo!"

Assim que Ariel tirou o dedo da estrela, a luz sumiu.

"Faça de novo!", pediu ela.

E ele fez. Bastava tocar de leve na velha estrela de Natal e ela se acendia de novo, iluminando Cecília e Ariel, a parede do celeiro e os montinhos de neve ao redor.

Ariel fez um gesto para chamá-la. Cecília compreendeu que era hora de entrar em casa e subir para o quarto, antes que alguém acordasse.

Dessa vez também ele ajudou Cecília a deitar na cama. Encostou o tobogã na parede, exatamente como estava antes. Daí saiu voando pelo quarto, soprando toda a neve derretida e deixando tudo perfeitamente limpo. Cecília pegou no sono assim que deitou a cabeça no travesseiro.

Quando acordou, o pai e a avó estavam sentados ao seu lado.

"É de noite?"

O pai fez que sim. Segurou suas mãos, enquanto a avó lhe enxugava os lábios.

"Eu sei o que aconteceu com a estrela da árvore de Natal do ano passado", disse ela baixinho.

A avó e o pai se entreolharam.

"A estrela da árvore de Natal?", repetiu o pai.

"Sim, está no chão lá atrás do celeiro. Nós esquecemos de tirar a estrela quando tiramos os outros enfeites da árvore."

Antes de adormecer outra vez, Cecília olhou para a avó e disse algumas palavras, com a voz mais alta e clara que conseguiu. Falou como se fosse um poema que sabia de cor:

"Não são as crianças queridas que recebem muitos nomes; são as crianças perdidas que recebem muitos nomes. As que são encontradas na soleira da porta. As que vêm ninguém sabe de onde. As que ficam pairando no espaço vazio."

Cecília acordou de repente e abriu bem os olhos. Virou-se para o pai, sentado na cadeira ao lado da cama. Viu que ele segurava nas mãos a velha estrela da árvore de Natal.

Cecília não entendeu bem por quê, mas ficou numa felicidade incrível ao ver que eles tinham acreditado nela. Realmente tinham ido atrás do celeiro, onde ela estivera à noite com o anjo Ariel, e ali haviam encontrado a estrela.

"Vocês encontraram onde eu disse que estava", disse ela baixinho. Era um pouco difícil pronunciar as palavras.

O pai pôs a estrela sobre o acolchoado. Daí perguntou num sussurro: "Como você sabia que ela ainda estava na árvore?".

Ela tentou sorrir.

"Foi um anjo de Deus que me contou."

"Nós a encontramos exatamente onde você disse que estava."

"Mas vocês não conseguem fazê-la brilhar. Só Deus é capaz de fazer isso."

A mãe e a avó entraram no quarto, e daí o vovô entrou também. Com certeza estavam no corredor lá fora, e entraram quando a ouviram falar do anjo.

Cecília olhou para eles. Sua cabeça estava muito mais clara hoje, como havia muito não sentia. Se não estivesse tão fraca...

Havia duas cadeiras ao lado da cama. A mãe sentou-se na cadeira ao lado do pai, e o avô e a avó ficaram em pé atrás, olhando para Cecília. Dos quatro, só a avó sorria.

“Gostaria de dar oi para o Lars?”, perguntou a mãe.

Cecília fez que sim. A avó foi buscá-lo, e teve de empurrá-lo para a frente, todo envergonhado.

“Oi...”

“Oi, Lars.”

Cecília olhou para ele.

“Como vão os jetskis?”

“Bem.”

Vendo que ninguém dizia mais nada, ela tentou dizer alguma coisa engraçada: “Sabe de uma coisa? Você devia arrumar seu quarto, seu preguiçoso!”.

Todos sorriram, embora aquilo não tivesse muita graça. Só Cecília sabia que tinha estado no quarto de Lars durante a noite.

“O gelo do rio já está indo embora”, disse ela.

Todos concordaram, e ficaram em silêncio por um bom tempo.

Parecia ouvir aquelas últimas palavras ainda ressoando e cantando nos seus ouvidos, bem depois de tê-las pronunciado: “O gelo do rio já está indo embora. Já está indo embora...”.

“Imagine, encontrar de novo a estrela da árvore de Natal!”, disse a avó. “Todos nós fomos atrás do celeiro.”

“Todos nós fomos atrás do celeiro.”

Imagine, todos tinham ido! Todos eles! Ficaram lá atrás escavando a neve, como Cecília e Ariel.

“Mas vocês não vão encontrar a borboleta da febre”, disse ela com orgulho. “Ela voou.”

A mãe levantou da cadeira e começou a atravessar o quarto. Será que ia tentar achar a borboleta na estante de livros?

Mas a avó a mandou parar antes que chegasse lá.

“Tônia!”, disse ela, e com um gesto a fez sentar.

Seguiu-se mais uma longa pausa em que ninguém disse mais nada.

Cecília achou estranho que sua cabeça estivesse clara, claríssima, e que, no entanto, ela só quisesse dormir.

“Acho que vou dormir de novo”, disse bem baixinho. “Tchau para vocês...”

Quando acordou, um pouquinho depois, a janela estava aberta e não havia ninguém sentado ao lado da cama.

Logo o anjo Ariel entrou flutuando pela janela aberta e sentou-se na escrivaninha. Cecília levantou-se da cama e ficou bem ereta.

"Você voltou?", perguntou ela.

Ele não respondeu diretamente.

"Você gostaria de sair voando comigo?"

Ela riu.

"Mas eu não consigo voar."

O anjo Ariel lhe deu um sorriso compreensivo.

"Já é hora de acabar com essas bobagens, Cecília. Venha até aqui."

E assim Cecília foi até o anjo Ariel.

Ele pegou na sua mão, e dali a um instante estavam voando livres, saindo pela janela aberta, passando por cima do celeiro e vendo a paisagem todinha lá embaixo. Era de manhã bem cedo, logo antes de nascer o sol, num novo dia de inverno.

"Maravilhoso!", disse Cecília. "Supermaravilhoso! Angelicalmente maravilhoso!"

Voar era melhor ainda do que ela imaginava. Sentiu cócegas no estômago ao ver a pontinha aguda dos pinheiros lá embaixo. Levantando a cabeça, enxergava quilômetros em todas as direções. Apontou para o aeroporto lá embaixo, o morro das Bruxas, o lago Hurdal e o lago Mjosa. Conseguiu ver até mesmo o fiorde de Oslo, lá longe, e vislumbrar o mar à distância.

Traçaram um círculo acima da colina dos Corvos, voando bem alto. Daqui de cima a colina nevada parecia um montinho de açúcar.

Cecília disse: “Agora nós somos como os dois corvos de Odin”.

“Isso mesmo”, respondeu o anjo Ariel. “E quando nos sentarmos à mão direita de Deus, vamos lhe contar tudo o que vimos.”

Um pouco depois entraram pela janela aberta do quarto e sentaram no peitoril, bem como Ariel tinha feito da primeira vez.

Os dois olharam para a cama. Cecília não achou nem um pouco estranho ver a si mesma ali deitada, com seu cabelo loiro espalhado pelo travesseiro. Sobre o acolchoado cor-de-rosa, tinham posto a velha estrela de Natal.

“Concordo que sou bonita quando estou dormindo”, disse ela.

Ariel a abraçava bem apertado. Olhou para ela e disse: “Sentada aqui você é ainda mais bonita”.

“Mas isso eu não posso ver, porque agora estou do outro lado do espelho.”

Assim que Cecília disse isso, Ariel soltou sua mão.

“Você parece uma esplêndida borboleta que voou da mão de Deus.”

Ela olhou ao redor do quarto. Uma faixa do sol da manhã ia se derramando pela escrivaninha e pelo chão. Debaixo da cama, alguns raios de luz encontraram o caderninho chinês. Cecília viu como os finos fios de seda brilhavam e rebrilhavam.



MORTEN KROGVOLD

JOSTEIN GAARDER nasceu em 1952 na Noruega. Estudou filosofia, teologia e literatura, e foi professor durante dez anos. Estreou como escritor em 1986, tornando-se logo um autor de destaque. Ganhou projeção internacional em 1991, com *O mundo de Sofia*, já traduzido para mais de quarenta idiomas.

Copyright © 1995 by H. Aschehoug & Co

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Tradução, autorizada pelo autor, com base na versão inglesa Through a glass, darkly, *de Elizabeth Rokkan*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
I et speil, i en gate

Capa:
Sabine Dowek

Preparação:
Márcia Copola

Atualização Ortográfica:
Verba Editorial

ISBN 978-85-438-0426-2

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — sp
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br


DO AUTOR DE O MUNDO DE SOFIA
A BIBLIOTECA
MÁGICA DE
BIBBI BOKKEN
JOSTEIN GAARDER
KLAUS HAGERUP
SEGUINTE

A biblioteca mágica de Bibbi Bokken

Gaarder, Jostein
9788543804958
180 páginas

Compre agora e leia

O garoto Nils e sua prima Berit moram em cidades diferentes e, para manter contato, decidem escrever um diário a quatro mãos, enviando-o de uma cidade a outra por correio. Ao longo da história, eles investigam a vida de Bibbi Bokken e descobrem uma biblioteca mágica. Uma obra que celebra a magia de um objeto muito especial: o livro.Nils tem doze anos e acaba de voltar das férias escolares de verão, passadas em companhia de sua prima Berit, na cidade de Fjærland, interior da Noruega. Para não deixar de se falar, os dois decidem escrever um diário e remetê-lo de uma cidade a outra pelo correio. Já de início, porém, parece haver algo de misterioso no diário de Nils e Berit. Ao comprá-lo numa livraria, Nils conhece uma mulher estranha, alguém que ele e Berit haviam visto de passagem durante as férias. A mulher faz questão de ajudar Nils a comprar o

diário - uma esquisitice que ele não deixa de contar à prima já em sua primeira "carta". Em Fjærland, Berit se põe a segui-la. Diante da casa da mulher, Berit "furta" um pequeno envelope da caixa de correio. Dentro, encontra uma carta vinda da Itália, endereçada a uma certa Bibbi, que menciona um sebo em Roma. O estabelecimento guardaria não apenas livros raros, mas também livros ainda não escritos. E um desses livros se refere a uma certa "biblioteca mágica". Toda essa história Berit conta a Nils em sua primeira carta. A aventura mal começou, mas o leitor já se vê mergulhado num grande mistério. Quem é Bibbi e que biblioteca mágica é essa? É um caso para os pequenos detetives Nils e Berit investigarem a fundo - e tudo aquilo de que o leitor precisa para se divertir pelas páginas restantes. Em A biblioteca mágica de Bibbi Bokken, o grande herói é o livro e sua história, numa trama cheia de suspense e aventura.

Compre agora e leia


"Simplesmente amei este livro. Cartas de amor aos mortos é mais do que um livro de estreia impressionante. É o anúncio do surgimento de uma nova voz literária corajosa."
STEPHEN CHBOSKY, autor de As vantagens de ser invisível
CARTAS DE AMOR AOS MORTOS
AVA DELLAIRA
SEGUINTE

Cartas de amor aos mortos

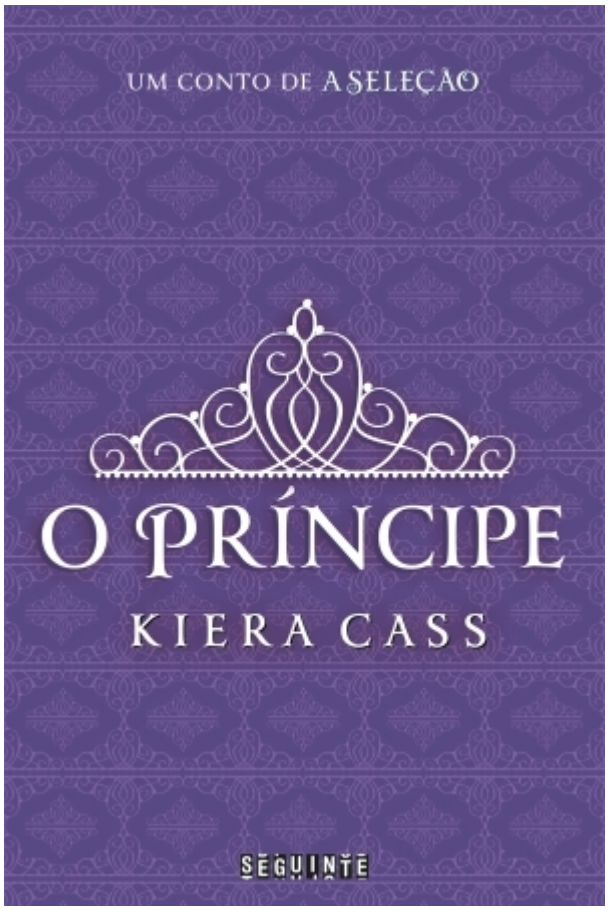
Dellaira, Ava
9788543800516
344 páginas

Compre agora e leia

Tudo começou com um projeto para a aula de inglês: escrever uma carta para alguém que já morreu. Logo o caderno de Laurel está repleto de cartas a pessoas como Kurt Cobain, Janis Joplin e Heath Ledger. Ela escreve sobre seu primeiro ano no Ensino Médio e os problemas de sua família, despedaçada depois da morte de sua irmã. Prestes a começar o ensino médio, Laurel decide mudar de escola para não ter que encarar as pessoas comentando sobre a morte de sua irmã mais velha, May. A rotina no novo colégio não está fácil, e, para completar, a professora de inglês passa uma tarefa nada usual: escrever uma carta para alguém que já morreu. Laurel começa a escrever em seu caderno várias mensagens para Kurt Cobain, Janis Joplin, Amy Winehouse, Elizabeth Bishop… sem nunca entregá-las à professora.Nessas cartas, ela analisa a história de cada uma dessas personalidades e tenta desvendar os mistérios que envolvem suas mortes. Ao mesmo tempo, conta sua

própria vida, como as amizades no novo colégio e seu primeiro amor: um garoto misterioso chamado Sky.Mas Laurel não pode escapar de seu passado. Só quando ela escrever a verdade sobre o que se passou com ela e com a irmã é que poderá aceitar o que aconteceu e perdoar May e a si mesma. E só quando enxergar a irmã como realmente era - encantadora e incrível, mas imperfeita como qualquer um - é que poderá seguir em frente e descobrir seu próprio caminho.

Compre agora e leia


UM CONTO DE A SELEÇÃO
O PRÍNCIPE
KIERA CASS
SEGUINTE

O príncipe

Cass, Kiera

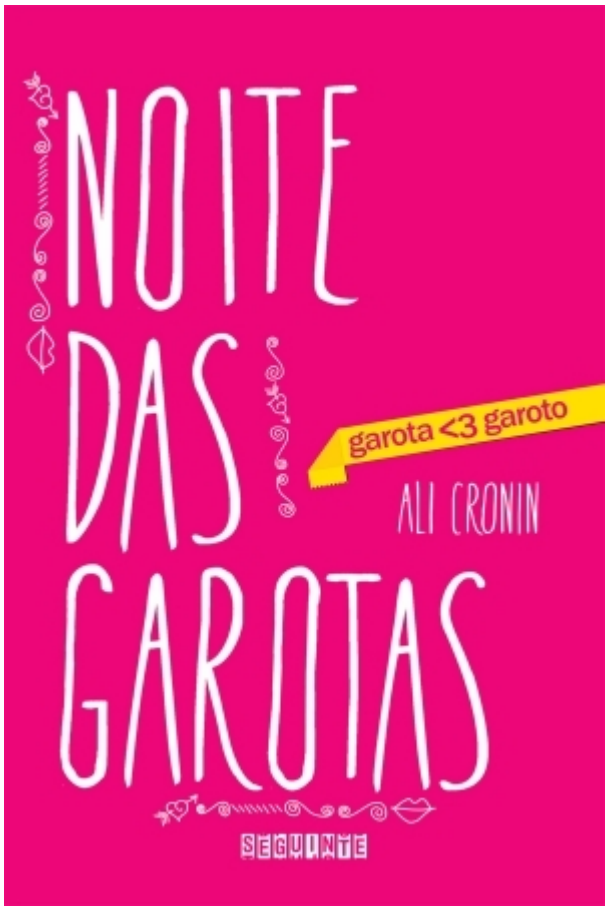
9788580866827

72 páginas

Compre agora e leia

Antes que trinta e cinco garotas fossem escolhidas para participar da Seleção... Antes que Aspen partisse o coração de America... Havia outra garota na vida do príncipe Maxon. Conto inédito e gratuito, O Príncipe não só proporciona um vislumbre dos pensamentos de Maxon nas semanas que antecedem a Seleção, como também revela mais um pouco sobre a família real e as dinâmicas internas do palácio. Você descobrirá como era a vida do príncipe antes da competição, suas expectativas e inseguranças, assim como suas primeiras impressões quando as trinta e cinco garotas chegam ao palácio. É uma leitura indispensável a todos que terminaram A Seleção e ficaram querendo mais! Ao final, contém os dois primeiros capítulos de A Elite, segundo volume da trilogia.

Compre agora e leia


NOITE
DAS
GAROTAS
garota <3 garoto
ALI CRONIN
SEGUINTE

Noite das garotas

Cronin, Ali

9788543802336

18 páginas

Compre agora e leia

Conto gratuito que precede o 1º volume de Garota <3 Garoto (Nada é para sempre). Quatro garotas e três garotos de dezoito anos. Prepare-se para acompanhar seu emocionante último ano na escola... Sarah está indo se encontrar com as outras garotas para passarem um tempo juntas e colocarem as novidades em dia. O que elas aprontam enquanto os garotos não estão olhando?

Compre agora e leia


UM CONTO DE A SELEÇÃO
O GUARDA
KIERA CASS
SEGUINTE

O guarda

Cass, Kiera
9788580869507
102 páginas

Compre agora e leia

O guarda é o segundo conto que se passa no universo criado por Kiera Cass, autora da trilogia A Seleção. Depois de conhecermos os verdadeiros pensamentos e inquietações de Maxon em O príncipe, agora temos um vislumbre das ideias e emoções do jovem Aspen, ex-namorado de America, que vai trabalhar como soldado no palácio durante o concurso. Antes de ir para o palácio competir pelo coração do príncipe Maxon, America Singer era completamente apaixonada por Aspen. Criado como um Seis, ele nunca imaginou que acabaria se tornando um dos soldados responsáveis por proteger a monarquia. Em O guarda, a história é contada pelo seu ponto de vista, a partir do momento que a Seleção é reduzida à Elite. Sua rotina é composta de exercícios e tarefas variadas dentro da casa da família real — desde cuidar da correspondência até combater os ataques rebeldes. Pela primeira vez, o enfoque é o mundo paralelo dos funcionários do palácio, suas

dinâmicas e rede de relacionamentos, que America nunca chegou a conhecer. O guarda também está disponível em edição impressa, como parte da antologia Contos da Seleção, que traz ainda O príncipe com final estendido e bônus exclusivos (como uma entrevista com a autora e informações inéditas sobre os personagens), além dos três primeiros capítulos de A escolha, último livro da trilogia, que será lançado em maio de 2014.

Compre agora e leia